71

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO

DO RIO GRANDE DO SUL

◆

COMISSÃO DE REDAÇÃO:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
OTHELO ROSA
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE

◆

PÔRTO ALEGRE — BRASIL

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Sede: PÔRTO ALEGRE

DIRETORIA DO INSTITUTO

Presidente honorário:
Desembargador Florencio C. de Abreu e Silva.
Presidente:
Dr. Leonardo Macedonia.
Vice-Presidente:
Prof. Othelo Rosa.
Secretario Perpétuo:
Dr. Eduardo Duarte.
2.º Secretario:
Prof. Valter Spalding.
Orador:
Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.
Tesoureiro:
Prof. Afonso Guerreiro Lima.
Bibliotecário:
Prof. Valter Spalding.

COMISSÕES PERMANENTES.

Fundos e Orçamentos:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.
Prof. Jorge Bahlis.
Dr Lindolfo Collor.
Clemenciano Barnasque.

HISTÓRIA:

Prof. Othelo Rosa.
Dr. Darcy Azambuja.
Dr. Adroaldo Mesquita da Costa
Cel. Aurelio Porto.

REVISTA
DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO
DO RIO GRANDE DO SUL



III TRIMESTRE
ANO XVIII

Comissão de Redação:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
OTHELO ROSA
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE

DOAÇÃO DO PROF. RAPHAEL COPSTEIN

PÔRTO ALEGRE
=1938=

1938
Oficinas Gráficas da LIVRARIA DO GLOBO
Barcellos, Bertaso & Cia. — Pôrto Alegre
Filiais: Santa Maria e Pelotas



CORONEL JOÃO DA SILVA TAVARES
Visconde de Cêrro Alegre

João da Silva Tavares

(VISCONDE DO CÊRRO ALEGRE)

por ***Walter Spalding***

Embora sendo, dos chefes imperiais no movimento farroupilha de 1835/45, um dos menos favorecidos pela sorte, João da Silva Tavares, a-pesar-disso, tornou-se pela sua constância inabalável e inaudita fôrça de vontade, legítimo baluarte do Império contra os revolucionários.

Derrotado em vários encontros, preso e pôsto a ferros, Silva Tavares não abandonou nunca seus ideais monárquicos e esteve sempre e mais do que qualquer outro chefe militar, disposto à luta, sem procurar superiorizar-se e sem ter tido, jamais, aquela mania de ser chefe único, que empolgou a outros oficiais das hostes do Império. [1]).

Daí a sua natural superioridade, ditada tão sòmente pelo desejo sincero de sustentar, na medida de suas fôrças, a soberania monárquica no Rio Grande do Sul Farroupilha.

Nascido na Freguesia do Herval a 16 de março de 1790, foram seus pais José da Silva Tavares e D. Joana Muniz Fagundes. Foi João da Silva Tavares, 1.º Barão e 1.º Visconde de Cêrro Alegre.

Ao falecer na cidade de Bagé, no dia 28 de março de 1872, com a avançada idade de 82 anos, deixou o Visconde do Cêrro

---

[1]) Em nosso trabalho sôbre "Caxias e Bento Manuel Ribeiro" (Revista do Instituto Histórico e Geográfico, III trimestre, 1936) tratámos dêsse assunto respeito às ambições de Chico Pedro, Loureiro e outros.

Alegre, além da viúva D. Umbelina Nunes os seguintes filhos e netos:

a) João Nunes da Silva Tavares (Barão de Itaquí). Nascido a 24 de maio de 1818.

b) Umbelina da Silva Tavares. Nascida a 28 de outubro de 1819.

c) Gertrudes da Silva Tavares. Nascida a 25 de junho de 1821.

d) Ludovina da Silva Tavares. Nascida a 12 de outubro de 1822.

e) José Facundo da Silva Tavares (Tenente-Coronel). Nascido a 12 de junho de 1825.

f) Joaquim da Silva Tavares (Barão de Santa Tecla). Nascido a 28 de novembro de 1829.

g) Virgilina da Silva Tavares. Nascida a 26 de setembro de 1833.

h) Maria Cecília da Silva Tavares. Nascida a 15 de outubro de 1842.

i) Francisco da Silva Tavares (Dr.). Nascido a 5 de agôsto de 1844.

j) José Bonifácio da Silva Tavares (Coronel). Nascido a 19 de março de 1846.

A sua descendência é a seguinte:

a) João Nunes da Silva Tavares (Barão de Itaquí) e Flora Nunes. — Houve os seguintes filhos:

1) Adelaide da Silva Tavares. — Solteira.

2) Jerônimo Nunes da Silva Tavares. — Casou com Leocádia da Silveira.

3) Lisbela da Silva Tavares. — Casou com Francisco de Paula Tôrres.

4) João Maria da Silva Tavares. — Solteiro.

5) Pedro Nunes da Silva Tavares. — Casou com Rita Corrêa.

6) Umbelina Nunes da Silva Tavares. — Casou com José Bonifácio da Silva Tavares.

7) Francisca Nunes da Silva Tavares. — Casou com Laudelino Oliveira.

8) Ernestina Nunes da Silva Tavares. — Casou com Aurélio Py.

Bibiano A. da Silveira e (b) Umbelina da Silva Tavares. — Houve os seguintes filhos.

1) João Manuel da Silveira. — Casou com Maria Teresa Alves Pereira.

2) Bibiano Tavares da Silveira. — Casou com Mariquinhas Silveira.

3) José Tavares da Silveira. — Solteiro.

4) Amélia Tavares da Silveira. — Casou com Libindo Martins.

5) Umbelina Tavares da Silveira. — Faleceu criança.

6) Leocádia Tavares da Silveira. — Casou com Jerônimo da Silva Tavares.

7) Maria Inácia Tavares da Silveira. — Casou com Delfino Riet.

8) Cecília Tavares da Silveira. — Casou com Anaurelino de Barros.

Balbino Manuel Francisco de Souza e (c) Gertrudes da Silva Tavares. — Houve os seguintes filhos:

1) Maria Cecília de Souza. — Casou com Domingos da França Mascarenhas.

2) Balbino Manuel Francisco de Souza. — Casou com Juliana de Carvalho.

Júlio Alves Pinto e (d) Ludovina da Silva Tavares. — Não houve filhos.

(e) José Facundo da Silva Tavares e Virgilina Caetano Vieira. — Houve os seguintes filhos:

1) Maria Eulália da Silva Tavares. — Casou com Herculano Ribeiro.

2) João Facundo da Silva Tavares. — Casou com...

3) Umbelina da Silva Tavares. — Solteira.

4) Adelaide da Silva Tavares. — Casou com José Simões Brasil.

5) José Facundo da Silva Tavares. — Solteiro.

6) Facundo da Silva Tavares. — Solteiro.

7) Cecília da Silva Tavares. — Casou com Jacinto Carneiro.

(f) Joaquim da Silva Tavares e Amélia Gomes de Melo. — Houve os seguintes filhos:

1) Leocádia da Silva Tavares. — Casou com Antônio A. de Assunção.

2) João da Silva Tavares. — Casou com Flora Crespo.

3) Joaquim da Silva Tavares. — Casou com Maria Angélica Braga.

4) Eduardo da Silva Tavares. — Casou com Zulmira Maciel e em segundas núpcias com Ofélia Burlamaqui.

5) Umbelina da Silva Tavares. — Casou com Dario da Silva Tavares.

6) Augusto da Silva Tavares. — Casou com Sílvia Soares da Silva.

7) Alfredo da Silva Tavares. — Casou com Janní Garcia.

Antônio Vieira da Costa e Silva e (g) Virgilina da Silva Tavares. — Houve os seguintes filhos:

1) Floriana Vieira. — Casou com Gaspar Rechsteiner. [2]).

2) Antônio Vieira da Silva. — Solteiro.

3) Raimundo Vieira da Silva. — Casou com Clara Corrêa Lopes.

---

[2]) Dêsse casal é filho o oficial de nossa Marinha de Guerra, Cmt. Adalberto Rechsteiner, que está escrevendo a *biografia* do Barão e Visconde de Cêrro Alegre.

4) Maria Arlinda Vieira. — Casou com José Alexandre Brasil.

5) Júlio Vieira da Silva. — Solteiro.

6) Maria das Dores Vieira. — Casou com Manuel Dadá Taborda.

Gervásio Alves Pereira e (h) Maria Cecília da Silva Tavares. — Houve os seguintes filhos:

1) Maria Cecília Alves Pereira. — Casou com Pedro Luiz da Rocha Osório.

2) Arlinda Alves Pereira. — Casou com José Barbosa Gonçalves.

3) Alice Alves Pereira. — Casou com José Cipriano Nunes Pereira.

4) Gervásio Alves Pereira. — Faleceu criança.

5) Luiz Tavares Alves Pereira. — Casou com Alice Moreira e em segundas núpcias com Hermínia Evangelista de Souza.

(i) Francisco da Silva Tavares e Maria Amor dos Prazeres. — Houve os seguintes filhos:

1) Armando da Silva Tavares. — Casou com Cipriana Piegas e em segundas núpcias com Jení Camargo.

2) Dario da Silva Tavares. — Casou com Umbelina da Silva Tavares.

3) Zulmira da Silva Tavares. — Casou com Nicanor Peña.

4) Alzira da Silva Tavares. — Casou com Luiz José Monteiro.

5) Eurico da Silva Tavares. — Casou com Francisca Abbot.

6) Ernestina da Silva Tavares. — Casou com Boaventura Costa.

7) Otília da Silva Tavares. — Casou com André Rebouças.

(j) José Bonifácio da Silva Tavares e Umbelina Nunes da Silva Tavares. — Houve os seguintes filhos:

1) Edite da Silva Tavares. — Faleceu criança.

2) Branca da Silva Tavares. — Faleceu criança.

3) José da Silva Tavares. — Solteiro.

4) Carlos Alberto da Silva Tavares. — Casou com Branca Moglia. [3]).

A Viscondessa do Cêrro Alegre, que pertenceu à família Nunes, sendo irmã do Capitão legalista Jerônimo José Nunes, do Tenente Pedro José Nunes, do Tenente ajudante José Vieira Nunes e outros, faleceu na cidade de Bagé a 27 de Julho de 1886.

Os trabalhos de Silva Tavares, na carreira das armas, pela grandeza do Brasil, são enormes. Tiveram início quando ainda moço nas guerras da Cisplatina.

Foi nos campos de batalha daquele território que conquistou os galões que lhe ornavam o fardamento ao rebentar a revolução farroupilha.

Disciplinado e reto, o nome de Silva Tavares raramente aparece e, quando aparece é para um louvor, para uma ordem nova a ser distribuída, para uma comissão de confiança.

Foi apenas no período revolucionário rio-grandense que Silva Tavares criou vulto, porque época houve em que era êle o único a defender o Império contra a revolução que empolgara todo o Rio Grande.

Mas não só aí desempenhou papel preponderante.

Velho já e cansado não se negou a prestar serviços e assinalados serviços ao Brasil na campanha do Uruguai (1864) e na do Paraguai (1864/1870).

A respeito de seus serviços ao Brasil no período da campanha contra o govêrno paraguaio, escrevemos alhures: Seus serviços ao Brasil na campanha contra López foram, principalmente, de ordem moral. Nomeado em 1865 comandante das fronteiras de Bagé e Jaguarão, substituindo Ma-

---

[3]) Conforme informações do Comt. Adalberto Rechsteiner.

nuel Lucas de Lima que ficara em lugar do barão de Jacuí. — Cêrro Alegre organizou numerosas fôrças que seguiram para a campanha do Paraguai, sendo um dos mais poderosos auxiliares do general Osório na organização do 3.º corpo do Exército. Foi comandante da Guarda Nacional e, como político, gozava de invejável influência no seio do partido conservador. Era de uma nobreza de caráter a tôda prova. Em 1870, sentindo-se cansado e exausto, solicitou dispensa do cargo de comandante das fronteiras de Bagé e Jaguarão, tendo-lhe sido a dispensa concedida e, ao mesmo tempo, conferido o título de Visconde do Cêrro Alegre (o de barão possuía desde 1859). Era comendador da Ordem de Cristo, cavalheiro da Ordem do Cruzeiro e condecorado com as medalhas de bronze das campanhas Cisplatinas. [28]).

Ao rebentar a revolução de 1835, poucas foram as pessoas, especialmente militares, que se conservaram fiéis ao governador Rodrigues Braga.

Entre estes, lugar de destaque merece, pela sua decidida atuação, o Tenente-Coronel João da Silva Tavares.

Nêles e no Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto põe o presidente legal tôda a sua confiança.

Deposto em Pôrto Alegre, um de seus primeiros cuidados ao chegar ao Rio Grande é cercar-se de gente de confiança.

Assim escreveu a Silva Tavares, dando-lhe parte dos acontecimentos desenrolados em Pôrto Alegre e pedindo-lhe que congregue sua gente e dê notícias ao Marechal Barreto, conforme se vê:

"No dia 19 para 30 do corrente mez teve logar em Porto Alegre um acontecimento extraordinario que já tinha sido preconisado por V. Mce. O Coronel Bento Gonçalves da Silva, esse Brasileiro degenerado, contra a espectação de todos poz em pratica o mais orroroso dos atentados que póde cometer um cidadão contra a sua patria. Tendo reunido e armado gente nas Pedras Brancas, pela maior parte indios,

---

[28]) *A invasão paraguaia nas fronteiras do Brasil*, a sair na série Brasiliana, da C°. Editora Nacional de S. Paulo.

mulatos e negros de charqueadas, ele passou este força que não excederia a 80 homens para o outro lado do rio, e se dirigiu com ella para acometer a cidade de Porto Alegre, e depor as primeiras autoridades da provincia. A noticia deste movimento chegou ainda com tempo de se poder prevenir ao meu conhecimento. Proclamei immediatamente ao povo que não se deixasse apossar do medo e que se reunisse armado em torno de mim se não queria ver reproduzidas nesta bela provincia as cenas do Pará e Cuyabá. Esta proclamação produzio o effeito desejado mas tão somente no momento em que apareceo, porque depois, sabendo-se que estava á testa do movimento revolucionario o Coronel Bento Gonçalves da Silva, e que vinha com uma força acometer a cidade, todos desalentaram, e trataram de fugir, e embarcar-se. Anteriormente havia eu expedido ordem a todos os Guarda Nacionaes tanto do serviço activo como da reserva, que logo que se comessassem a manifestar simtomas de revolução seriam obrigados a reunirem-se armados, no logar da parada das respectivas Companhias. Esta minha ordem que esperava surtisse o desejado efeito, foi completamente iludida, porque, no momento da crise e em que se tocou a rebate foi tão grande o susto dos habitantes de Porto Alegre que apenas concorrerião ao palacio da minha residencia cerca de dusentas pesoas entre gente do povo, militares e Guardas Nacionaes, não incluindo neste numero a Força de Permanentes, e um piquete de vinte homens de linha. Não desanimei á vista de tanta indiferença pelos negocios da patria da parte dos cidadãos amantes da ordem. Serião oito oras da noite do dia 19 do corrente quanto uma partida nossa indo explorar as forças dos rebeldes, foi acometida de surpresa na ponte da Azenha, por uma partida deles que ali se achava emboscada. Houve vivo fogo de parte a parte e deste choque resultou perdermos um bravo Guarda Nacional de Cavalaria [4]) e serem feridos cinco ou seis dos nossos

---

[4]) Foi o famoso *Prosódia*. — Antônio José da Silva Monteiro, jornalista caramurú. Dirigiu *Prosódia* os jornais: *O Pobre* (1834) e *Mestre Barbeiro* (1835).

entre eles o Visconde de Camamú, [5]) comandante da força, que foi lanceado em uma coxa.

Dos rebeldes consta terem sido mortos tres e feridos muitos.

A noticia deste desgraçado acontecimento grassou logo por toda a cidade e foi tanto o desalento e o terror que se observou entre os cidadãos e Guardas Nacionaes que se achavam reunidos no Palacio do Governo, que a mór parte deles abandonaram os seus postos deixando-me reduzido a uma força que não excederia a 100 homens Passou-se a noute do dia 19 neste estado de desordem, confusão e desalento. No dia seguinte de manhã apareceram afixados pelas esquinas, a proclamação junta, de Bento Gonçalves e outras que pelo estilo suponho ser de Pedro Boticario. [6]) Elas produziram o efeito desejado, que foi incutir ainda mais terror nos amigos da ordem. Correndo de plano que a força dos insurgentes excedia já a 600 homens por se lhe ter agregado muita gente da cidade e, observando eu que o numero da gente armada a favor do governo ia decrescendo consideravelmente, tratei logo de embarcar a minha familia, convocando os oficiaes que se achavam a meu lado, e expondo-lhes o estado dos negocios, assentaram todos que deviamos abandonar o Palacio, e reunirmos no trem de guerra, até que chegassem os alemães, e gente de fóra que tinha convocado, á qual se esperava por aqueles dois dias. Esta medida comquanto fosse ditada pela prudencia foi causa de se espalhar mais o susto e o terror porquanto, os cidadãos armados que me acompanharam para o trem apenas serião 50 e estes mesmos pelo decurso do dia foram se retirando insensivelmente de maneira que ás 11 oras da noute havia no trem de

---

[5]) José Egídio Gordilho de Barbuda, Visconde de Camamú "retrógado" violento que chegou a parar na cadeia por ordem do Juiz de Paz Pedro José de Almeida, e obrigado a retirar-se para Santa Catarina de onde voltou no Govêrno de Braga.

[6]) Pedro Boticário. — Pedro José de Almeida, o famoso *Marat Farroupilha*, legítimo demagogo, que foi redator do violento jornal *A Idade do Pau*.

guerra somente nove oficiaes. Nesta ocasião chegou a noticia, de que os Permanentes haviam desertado todos para os rebeldes. Vendo-me em completo abandono e sem meios alguns de poder obstar a entrada dos rebeldes fiz seguir no escaler da Alfandega os oficiaes que se me apresentaram a irem reunir-se ao Exm. Snr. Marechal comandante das Armas e eu, tratei logo de embarcar-me a bordo da Barca Rio Grandense, fazendo-a velejar para Itapoã juntamente com a escuna 19 de Outubro e ali me conservei tres dias a espera de vento e ontem aqui cheguei. Bento Gonçalves logo no dia de minha saida entrou na cidade com a sua gente (que não excedia a 80 homens armados de lanças), não incluindo neste numero alguns individos da cidade que se lhe incorporaram. Proclamou aos abitantes de Porto Alegre que a patria estava livre de perigo, que eu tinha abandonado a cidade e o emprego, e que ele já tinha providenciado oficiando á Camara Municipal para que juramentasse e desse posse ao doutor Marciano. [7]) Reuniram-se quatro membros da Camara e estes ou por medo ou por conveniencia deram posse ao dito Vice-Presidente e oficiaram imediatamente a todas as Camaras que ele estava no exercicio do emprego. Taes são os acontecimentos que ocorreram em Porto Alegre nos dias 19, 20 e 21 do corrente. Aqui fui informado dos passos que Vmce. tem dado para manter a ordem e as autoridades legaes no seu departamento. Fui tambem sabedor da derrota que sofreu Verdum [8]) e a força com que ele foi atacar a Vmce. Bento Gonçalves espalhava em Porto Alegre que a revolu-

---

[7]) Dr. Marciano Pereira Ribeiro, 4.º vice-presidente, liberal, filho de Minas Gerais, médico de renome, formado pela Universidade de Edinburgo.

[8]) Gervásio Verdum. Em seus *Apontamentos*, diz Silva Tavares: "foi uma verdadeira surpresa, quando João Simplício disse que o comandante da fôrça era o coronel oriental Gervásio Verdum, e que a fôrça em sua totalidade eram castelhanos imigrados com o general João Manuel Lavalleja." Silva Tavares duvidava que fôsse Verdum, porque êste dependeu dêle como imigrado, e fazia oito dias que lhe tinha pedido seis onças de ouro emprestadas. Jóca disse, indicando o do cavalo bragado: — E' aquele que leva o ponche atravessado na garupa; o de lança da

ção tinha sido geral em todos os pontos da Provincia, que o Marechal Barreto [9]) e Vmce. tinham sido assassinados: porem eu julgo que os seus planos se malograram, porque as duas pessoas que lhe faziam sombra ainda existem. Não sabendo o logar certo aonde existe presentemente o Marechal Barreto, convem que Vmce. lhe dirija uma copia desta comunicação, afim de ele reunir gente e marchar para Porto Alegre. Vmce. deverá tambem sem perda de tempo congregar a força que poder para obviar que grasse a revolução por esse ponto da fronteira. Si poder dispor de alguma força, seria conveniente que a mandasse para esta cidade, afim de manter aqui a ordem, e impedir os progressos da revolta. O espirito publico de São Francisco de Pelotas, e do Norte [10]) é o melhor possivel. Não desanime Vmce. que a patria hade ser salva. Não posso ser mais extenso porque vou agora tratar de proclamar á Provincia, e dar outras providencias que são muito necessarias na crise em que nos achamos. Deus Guarde a Vmce. Rio Grande, 29 de Setembro de 1835. Antonio Rodrigues Fernandes Braga. Snr. João da Silva Tavares."

No início da revolução, a-pesar-do movimento ter sido geral, reinava grande dúvida entre os farroupilhas sôbre as

---

esquerda é o coronel Chiverte; o major Rolim, capitão Patrício e o Paja Larga, que estão ao seu lado, são todos castelhanos imigrados.

Depois dêste reconhecimento Silva Tavares, conhecendo que a gente que tinha pela frente era tôda aguerrida mandou o tenente Francisco Feijó dizer a Verdum que se retirasse para um dos altos que tinha em sua retaguarda e que se dispersassem, que êle não os perseguia.

Verdum respondeu a Feijó: — Vou ver os companheiros o que dizem.

Logo depois mandou dizer por João Simplício que, visto já estarem tão perto, deviam brigar.

Silva Tavares receava o combate pela desigualdade do pessoal, mas, com a contestação de Verdum, não se conteve e disse em voz forte: — Pois diga a êsse castelhano que se prepare que já vou lá.

Verdum, ouvindo estas palavras, fêz uma retirada a tomar uma altura para a carga ser mais violenta.

Houve só uma descarga e travou-se um "entrevero" de lança e espada, horrível! Depois de ter sido morto o coronel Chiverte e alguns oficiais e ferido o coronel Verdum, foi que se pronunciou a vitória. O número da fôrça de ambos regulava".

[9]) Sebastião Barreto Pereira Pinto.

[10]) São José do Norte, vila.

idéias de certos vultos de destaque que ficaram na penumbra, bem como havia imperiais em dúvida sôbre vultos que depois foram, ou foram desde o início, ardentes revolucionários.

Assim, recebeu Silva Tavares de seu parente e amigo Modesto Franco a seguinte carta:

"Viva a Patria, e seus defensores Farroupilhas.

Porto Novo, 7 de Outubro de 1835.

Primo e amº — E' chegado o momento de prestarmos nossos serviços a prol de nossos direitos e Liberdade, todos por aqui se acham em armas protestando a custa da vida defender o patriotismo oprimido, e a grande obra principiada em Porto Alegre pelo nosso valoroso Bento Gonçalves. Como me pediste que te desse novidades são as que occorrem restando-se somente conhecer agora quais são os Brasileiros livres, e quais os escravos, cá te espero e mais alguns patricios em nosso socorro. E' o que se me oferece a dizer e q. cá te espero.

Sou
Teu Prº e amº
Modesto" [11].

N. B. — Não repares a letra que foi feita a pressa. E junto remeto as proclamações para se espalhar por ai. [12].

Rodrigues Braga, vendo-se quase isolado no Rio Grande e sem notícias do Marechal Barreto, cujo paradeiro ignorava [13], incumbe de todo ao Tenente-Coronel Silva Tavares:

---

11) Francisco Modesto Franco, mineiro de nascimento, cujos serviços à causa farroupilha foram relevantes. Não sabemos como explicar êsse parentesco, crendo, porém, que seja questão de casamento. Talvez Modesto tenha casado com alguma prima de Silva Tavares ou da espôsa dêste.

12) Essa proclamação deve ser a de 25 de setembro, que vem quase na integra em Assis Brasil.

13) Sebastião Barreto, que estava por S. Gabriel ao rebentar a revolução, foi obrigado a fugir, indo ocultar-se em uma estância em Lameles, Estado Oriental, de onde passou, mais tarde, para Tacuarembó.

"Cumpre a bem do serviço publico que Vmce. quando não haja alguma causa urgente do contrario, passe a ocupar com a gente do seu comando a posição da cidade de Pelotas, que se diz proxima a ser acometida por Bento Gonçalves da Silva, e gente do seu partido. Vmce. tomará alem disso as medidas que julgar acertadas a favor da justa causa que defendemos. Rio Grande, 3 de Outubro de 1835. Antonio Rodrigues Fernandes Braga. Snr. Tenente-Coronel João da Silva Tavares."

A 4 de Novembro se dirige Braga a Silva Tavares insistindo para que não se descuidasse e não o deixasse sem seu auxílio: "A' vista das noticias que acabo de receber, de se reunirem forças dos faciosos junto a Camaquã, para acometerem a cidade de Pelotas cumpre que Vmce. a marchas forçadas se dirija a defender aquela cidade que segundo me informam se entregará ao inimigo se lhe falece algum socorro. Nesta data expresso ordem ao Juiz de Direito da Camara de Piratinim para reunir as Guardas Nacionaes e po-las a disposição de Vmce. Carta de João Dias de Castro [14]) com a fecha de 3 do corrente, dizia recear ele que a cidade de Pelotas fosse com efeito atacada na noute ou dia imediato. A força inimiga era cerca de cem homens, mal armados, creanças, e iludidos, mas bem montados, e que alguma cousa poderão fazer, visto o desalento dos abitantes da cidade por falta de alguma força, e de um chefe, pessoa de influencia. Espero portanto que Vmce. nesta conjuntura continuará a prestar os mesmos relevantes serviços, que por tantas vezes tem prestado a sua Patria: notando finalmente que Vmce. deve remeter para aqui por terra, ou embarcado o armamento ou cartuxame, que não lhe seja preciso. Deos Guarde a Vmce. Rio Grande, pelas 4 horas da manhã de 4 de Outubro de 1835. Antonio Rodrigues Fernandes Braga. Snr. Tenente Coronel João da Silva Tavares."

A 7 de Outubro novamente Antônio Fernandes Braga

---

14) Dr. João Dias de Castro; foi promotor no Processo contra os farroupilhas. Veja-se, a respeito, o vol. XXIX das publicações do Arquivo Nacional, pag. 292.

lhe escreve dizendo que "as esperanças da Patria estão no valor de seu braço: "Cumpre ao serviço publico, segundo as informações e requisições dadas por o Major Manoel Marques de Souza, [15]) em officio datado de hontem no acampamento do Arroio Grande, que Vmce. se dirija a marchas forçadas e reunir-se com o dito Manoel Antunes da Porciuncula, [16]) a fim de evitar a junção do Coronel Bento Gonçalves da Silva com essa força, junção que a não ser evitada se verificará em tres ou quatro dias. Por esta occasião repito a Vmce., que pode contar com toda e qualquer quantia que lhe seja necessaria. As esperanças da Patria firma-se todas no valor do seu braço, e bem conhecido amor do seu paiz. Vmce. não as deixará frustradas. Deus Guarde a Vmce. Rio Grande 7 de Outubro de 1835. Antonio Rodrigues Fernandes Braga. Sr. Tenente Coronel João da Silva Tavares."

Respondendo êsse ofício, escreveu Silva Tavares: "Ilmo. e Exmo. Snr. Cumprindo as ordens de V. Excia., fiz manobras e voltas até reunir-me com o major Manoel Marques de Souza e á tarde de hontem decidiu a sorte das armas da legalidade um triumpho consideravel; e pelo dito major ficará V. Excia., informado circumstancialmente do quando occorreu, dos mortos, feridos, etc. [17]) Deus Guarde a V. Excia. — Feitoria, 15 de Outubro de 1835. Ilmº Snr. Presidente da Provincia.

João da Silva Tavares

Tenente Coronel comandante do Departamento do Rio Grande

---

15) Futuro Conde de Pôrto Alegre que ficaria prisioneiro pouco depois e, na *Presiganga*, reentregaria a cidade de Pôrto Alegre aos imperiais.

16) Cunhado de Bento Gonçalves da Silva, Porciúncula foi dos mais intrépidos lidadores farroupilhas.

17) Recontro no Arroio Grande com Porciúncula, em que êste foi derrotado sofrendo regular perda. (Vide nota 27). O ofício de Marques de Souza foi o seguinte: "Ilm. e Exm. Sr. — A causa da legalidade acaba de obter um triunfo, cujas conseqüencias devem ser infalivelmente e breve aniquilamento dos faciosos. Ontem as duas horas da tarde, passamos com forças do comando do bravo patriota Tenente Coronel João da Silva Tavares, e as forças do meu Comando, e as quatro horas procuramos descobrir os faciosos, os quaes encontramos em numero de quatrocentos e

Em resposta a essa communicação escreveu Rodrigues Braga a Silva Tavares nos seguintes termos: "Tenho presente o que Vmce. me dirigiu com data de 15 de Outubro corrente, participando a victoria, que no dia 13 haviam obtido as armas da Legalidade, commandados por Vmce., contra a força dos rebeldes, e referindo-se emquanto aos detalhes da acção ao officio, que me endereçou com data de 14 do dito mez o Major Manoel Marques de Souza, e vendo pela participação deste bravo, e honrado official o denodo, valor, intelligencia, e prudencia com que Vmce. se houve; cumpre felicital-o pelo seu excellente procedimento, certo, e seguro que se os faciosos tornarem a fazer-lhe frente, sentirão sem-

---

mais homens, junto ao Arroio de São Lourenço, na proximidade da fazenda do cidadão Francisco Vieira Braga. Não obstante ser superior a força dos faciosos em numero, a justiça da sagrada causa, que sustentamos, e a presença dos inimigos de nossa cara Patria fez duplicar a firme disposição em que estão estes brasileiros patriotas, de sustentar a Lei a todo o transe. — A injustiça da causa dos faciosos os desanimou inteiramente com a nossa presença; e a victoria se declarava para nós, porém era preciso lançar mão dos meios de os desenganar, e dar mais uma prova, de não ambicionarmos outro triunfo senão o da Lei. — De combinação com o Tenente Coronel Silva Tavares, eu fui a fala propor ao comandante dos faciosos Capitão Manoel Antunes da Porciúncula, que não empregariamos a força se eles e seus oficiais dessem suas palavras de abandonarem as armas dos faciosos; deixassem retirar as suas casas os homens que á força a maior parte, e outras iludidos, haviam feito pegarem em armas, e que nos fosse entregue o piquete, que existia em Porto Alegre composto de praças do segundo corpo de cavalaria; porem desgraçadamente a ambição lhes havia serrado os ouvidos á vós da razão: eles não anuiram. Sendo então cinco horas e meia, esgotados os meios de brandura, foi preciso entrar em acção. O comandante dos faciosos deu sinal do combate, ressoaram os vivas á legalidade nas nossas fileiras, avançamos, os faciosos fugiram, e a victoria foi completa em cinco minutos, custando ás nossas forças a lamentavel perda de dois bravos da legalidade, que morreram, e dez feridos leves e dos faciosos contamos no campo quarenta e tantos mortos, fizemos oito prisioneiros, passaram dois e tomamos muito armamento. — Ao bravo Tenente Coronel Silva e a seus officiaes, e soldados irristiveis se deve o triumfo, que teve neste dia a causa da legalidade. Seria impossivel descrever a coragem, o decidido animo de tão bravo patriota na carga, que fizeram de espada na mão; os seus feitos excedem a qualquer elogio que lhes queira tecer. — Deos Guarde a V. Excia. Acampamento volante na Feitoria de 14 de Outubro de 1835. — Ilm. e Exm. Snr. Presidente da Provincia — Manoel Marques de Souza, Major Comandante das forças Legaes estacionadas no Arroio Grande".

pre o pezo de sua patriotica espada. Sabendo além disso, pela mesma participação o perfeito comportamento da gente do seu commando, ordeno a Vmce. que em meu nome lho agradeça. Emquanto ao reforço que Vmce. pede para mandar ao Capão do Ieão, [18]) não posso anuir á sua requisição, visto que, achando-se ameaçado este lado do Norte por uma força de faciosos, commandada por um tal Onofre, [19]) a que, e de suppor se tenha unido o Major Domingos Gonçalves Chaves, [20]), suspeito de nos haver atraiçoado, assim como o Juiz

---

[18]) Povoado, pedreira e arroio (tributario do S. Gonçalo) no municipio de Pelotas.

[19]) Onofre Pires da Silveira Canto, brilhante oficial farroupilha.

[20]) A 3 de outubro escreveu-lhe Braga os seguintes officios: "Participo a Vmce. que nesta data se expede ordem ao Tenente Placido da Silva Ferreira para engajar gente, e po-la a disposição de Vmce. que se entenderá com ele a tal respeito. Cumpre outrosim que Vmce. faça pegar em armas, tanto a Guarda Nacional activa do seu comando, como a da reserva, distribuindo o serviço conforme a sua bem conhecida prudencia e inteligencia lhe ditar. Noto outrosim que egualmente se expede ordem aos Juizes de Paz do Districto do Norte, e do Estreito para o coadjuvarem. Deos Guarde a Vmce. Cidade do Rio Grande, 3 de Outubro de 1835. Antonio Rodrigues Fernandes Braga. Snr. Major Domingos Gonçalves Chaves". "Tendo autorisado nesta data o Tenente Placido da Silva Ferreira para, de acordo com o Major Domingos Gonçalves Chaves engajar gente para o serviço; e tendo ordenado ao dito Major a conveniencia digo, convocação da Guarda Nacional, tanto activa, como da reserva; cumpre que Vmce. pela sua parte coadjuve quanto estiver ao seu alcance os sobreditos oficiaes nas diligencias de que se acham incumbidos, e em tudo mais que fôr a bem da justa causa, que defendemos. Deos Guarde a Vmce. Cidade do Rio Grande, 3 de Outubro de 1835. Antonio Rodrigues Fernandes Braga. Snr. Juiz de Paz do Districto de São José do Norte. Outros do mesmo teor para o Juiz de Paz do Districto do Estreito e Mostardos", e a 17 dizia-lhe: "Participo a Vmce. que ontem recebi officios do Tenente Coronel João da Silva Tavares, e do Major Manoel Marques de Souza, dando parte, que as armas da Legalidade comandadas por aqueles dous oficiaes haviam ganhado uma importante vitoria sobre os faciosos na tarde do dia 13 do corrente. Desassombrado pois de qualquer receio daquele lado do sul, passei hoje com todas as forças á minha disposição para este lado do Norte a fim de repelir a agressão que por este lado se tenta; e conto com o auxilio de duas embarcações de Guerra que aparecem na barra, vindas de Santa Catharina com socorros. A vista pois do exposto, convem, que Vmce. venha quanto antes á minha presença afim de receber ordens importantes que tenho a comunicar-lhe. Deos Guarde a Vmce. Vila de São José do Norte, 17 de Outubro de 1835. Antonio Rodrigues Fernandes Braga. Snr. Major Domingos Gonçalves Chaves."

de Paz do Estreito, [21]) cumpre-me empregar todos os meios agora disponiveis, afim de repelir essa agressão; o que me obrigou a vir hoje a esta villa, para dar promptas providencias. No emtanto se lhe for possivel destruir a força dos rebeldes que commanda Netto, e Antonio de Oliveira, por alcunha Nico de Oliveira, e destruir assim o susto e terror panico que esses malvados tem incutido na cidade de Pelotas, fará Vmce. mais um revelante serviço. Em todo caso porém estou certissimo de que Vmce. hade operar sempre como melhor convier ao bom exito da nossa feliz causa, que todo está pendente do seu valor, e patriotismo. A cidade do Rio Grande offerecia hontem um espectaculo de desalento, e desanimo fatal aos inimigos da Legalidade; mas a noticia da victoria ganhada por Vmce. reanimou todos os espiritos. Já pois conhece Vmce. a importancia de me dar noticias suas com frequencia; e igualmente desejo do Marechal Commandante das armas, [22]) e do chefe dos rebeldes Bento Gonçalves da Silva. Deus Guarde a Vmce. Villa de São José do Norte, 17 de Outubro de 1835. Antonio Rodrigues Fernandes Braga. Snr. Tenente Coronel João da Silva Tavares."

Quase na mesma ocasião em que recebia a carta acima, chegava às mãos de Tavares, a veemente carta de Jorge Mazaredo, também parente do Chefe legal: "Ilmº. Sr. João da Silva Tavares, Rio Negro 9 de Outubro de 1835. — Meu parente e amigo. Hontem tive noticias que V. S. existia com uma força imponente; no momento em que tive este prazer me dirigi ao General Barreto, transmittindo-lhe a carta que me noticiou, e dizendo-lhe: que marchava a incorporar-

---

[21]) Ainda a 14 escrevia-lhe Braga: "Exige o serviço publico, que Vmce. faça de acordo com o Major das Guardas Nacionaes, Domingos Gonçalves Chaves, reunir toda a gente do seu Districto, que poder pegar em armas, pondo á disposição do mesmo Major, e coadjuvando-o em tudo o mais que seja necessario, como no ajuntamento de cavalhada, fazendo constar aos proprietarios que se lhe satisfará o respectivo valor. Espero do zelo e actividade de Vmce. que se prestará como convem á causa da Legalidade. Deos Guarde a Vmce. Rio Grande, 14 de Outubro de 1835. Antonio Rodrigues Fernandes Braga. Snr. Juiz de Paz do Districto do Estreito."

[22]) Sebastião Barreto Pereira Pinto.

me com V. S., o que verá das copias que envio juntas. O General Barreto deverá unir-se comnosco já o predigo e tenho pressentimento que a legalidade triumphará a despeito dos revolucionarios, — Tenho necessidade de demorar-me algumas horas, e estou ancioso por unir-me ao bravo e melhor dos continentistas. Sou com a maior consideração. Seu parente affectuosissimo Jorge de Mazaredo [23]) — N. B. — advirto-lhe que o Neto [24]) será constrangido por todos os moços de ordem do districto; e que havendo carga se dispersarão naturalmente."

As cópias a que se refere Mazaredo na carta acima, são as seguintes: "Ilm° Sr. — Tenho a honra de transmitir a V. Ex. a carta original que me dirigiu, com data de hoje, o Cap. do Ext. Oriental D. Furtunato da Silva; cumprindo-me significar a V. Ex. que hoje mesmo marcho a ver se me cabe a gloria de chegar a encorporar-me ao bravo e benemerito Tte. Cel. João da Silva Tavares; antes de ser atacado, quero partilhar os perigos dos verdadeiros livres; que são os que corajosos sabem sustentar a Lei. Se perecer na luta, cumprirei com o dever de um bom soldado; e se vencedor, de quanta gloria e ufania me não verei rodeado!... Este officio vai por um soldado que solicitei e me considero o Tte. Comte. da guarda deste ponto. — Deus guarde a V. Ex. Hospital 3 de Outubro de 1835. Ilm°. e Exm°. Sr. Sebastião Barreto — Jorge Mazaredo", "Illm° e Exmo. Sr. Sebastião Barreto P. Pintos. — Hospital 8 de Outubro de 1835 Meu General, que é isto? V. Ex. entranhando-se no Estado Oriental, e o Tte.

---

23) Brioso oficial do Império. Morreu no pôsto de Major num dos últimos cercos de Pôrto Alegre.

24) Antônio de Souza Neto, o maior inimigo de Silva Tavares que costumava dizer: "Quando a minha fôrça precisa de algo procuro Silva Tavares para tomar-lhe o que fôr necessário." — A êsse respeito divulgou-se a seguinte quadra popular:

Sinho Neto não precisa
ir cuidar dos parelheiros:
Já lá tem Silva Tavares,
Só stá faltando o Medeiros.

(Veja-se nosso *Farrapos!*, 2.ª série, apendice).

Cel Silva sustendando dignamente o seu posto? E' possivel que na Provincia de São Pedro triumphe a illegalidade, por falta de Chefe Legal?! A massa dos Continentistas toda amante e aferrada aos principios de paz e justiça, se verá abandonada do mais importante dos seus compatriotas, e por isso submettida, a indiscreta administração de quatro ambiciosos? Nada, meu General? V. Excia. deve voltar suas vistas sobre o seu Paiz; deve acompanhar aos verdadeiros livres, e sustentar a Lei; e não permitir que a nossa Patria seja preza da ingnorancia da anarchia! Sei bem, que a recompensa do melhor soldado do Brasil, é mais criminal indiferença; porém que importa isto a quem é verdadeiro patriota? Nada. A minha consciencia é meu soberano: ella me recompensa sobradamente, por isso nada me faz trepidar na escolha do dever, ou do indifferentismo. Acredite V. Excia. que sou com sinceridade o seu subdito e amigo Jorge de Mazaredo".

A 17 dizia Silva Tavares a Rodrigues Braga, dando conta da situação de sua fôrça: "Illm°. Sr. — Pelo Major Manoel Marques ficaria V. Excia. informado do que se tratou hontem com os furiosos; tendo agora a communicar de minha parte a V. Excia. que a necessidade é que nos obrigou tanto pela desigualdade das forças, como por estarmos quasi a pé e a gente cançadissima das viagens forçadissimas todas de noite para se fazer a surpresa, tambem grande falta de cartuchos de forma que no tempo em que estivemos na conferencia, se foram oito homens, e em outra porção que ainda se atacou iam trinta, não por cobardes, mas pelos motivos que exponho, e a vista da desigualdade das forças, e quando foi ao anoitecer não houve como sujeitar a maior parte tanto pelos motivos expressados, como pela noticia que girou de que o Coronel Bento Gonçalves vinha com duzentos homens a reunir-se á força, e que não estava pela comoção (?) e que só queria vingar a morte de seus parentes, e

companheiros no ataque do dia quatorze, [25]) e girando com probabilidade porque até eu tive aviso reservado por pessoa fidedigna, e tendo tambem o capitão Domingos Crescencio faltado a uma das condições que era cada um commandante ir acampar aonde lhe conviesse, querendo ter-me abaixo de vista emquanto não chegava Bento Gonçalves; por todos estes motivos, de combinação com o Major Marques, tratamos de deixar dispersar, tanto por que mesmo não havia como podel-a conter, como pela má fé e de monstrações de vinganças que se observava aos furiosos logo com a chegada de Bento Gonçalves pelo triumpho obtido no dia quatorze, e nos retiramos occultamente, por entendermos de que muito obravamos com acerto; tendo projectado ir hoje apresentar-me a V. Excia., recebi de manhã cedo officio de V. Excia. de 14 do corrente, e outro para o Coronel Servando Gomes, [26]) que

---

25) Veja nota 17.

26) E' o seguinte o officio de Braga a Servando Gomes, oficial uruguaio que se oferecera ao serviço do Império: "Illustrissimo Senhor. Constando-me por comunicação do Tenente Coronel João da Silva Tavares, que V. S. generosamente lhe havia oferecido os socorros, que estivessem ao seu alcance, a favor da Causa do Governo legitimo deste Paiz, cumpre-me levar ao conhecimento de V. S., que nesta data autorisei ao mencionado Tenente Coronel a receber todo e qualquer auxilio, de que precisasse, e que V. S. quisesse e podesse ministrar-lhe. Posso além disso afirmar a V. S. que lhe serão abonadas as despesas, que fizer com a prestação do auxilio. Resta-me pois somente agradecer a V. S. a generosidade, e lealdade, com que se mostra bom e fiel amigo da Nação Brasileira; e apresentar-lhe os mais sinceros protestos de respeito, consideração, e estima pela pessoa de V. S. Deus Guarde a V. S. Cidade do Rio Grande, 14 de Outubro de 1835. — Ilustrissimo Snr. Coronel D. Servando Gomes. Antonio Rodrigues Fernandes Braga."

Servando Gomez era General do Exército Uruguaio, a cujo Presidente, em data de 6 de Outubro, escreveu Rodrigues Braga: "Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor. Persuadido de que os acontecimentos, que tiveram lugar a 19 e 20 de Setembro proximo passado, na Capital desta Provincia, podem talvez de algum modo afetar o socego e tranquilidade do Estado, a cujos destinos, por felicidade dele V. Excia. preside, e levado da obrigação de usar de todos os meios ao meu alcance para sufocar a anarquia no territorio cuja administração me foi confiada, passo a relatar a V. Excia. em poucas palavras aqueles sucessos, e a pedir-lhe algumas medidas conformes aos principios de direito das gentes, particularmente para com nações visinhas e amigas. O Coronel Bento Gonçalves da Silva pondo-se a frente do partido revolucionario, que por meio de seus escriptos incendiarios, calunias, intrigas, e proteção do General Lavalleja, agita ha muito esta Provincia do Rio Grande do Sul, fez romper a rebelião contra o Governo Legal nos dias 19 e 20 do mez proximo passado.

resolvi a remettel-o hoje para ter uma certeza do auxilio com que devo contar; tambem lhe peço para dar-me uma noticia circumstanciada do Marechal Barreto, e se trata de regressar com alguma força, e estes motivos e o de querer providenciar a engrossar algumas reuniões me privou de ir a essa cidade e desejo que V. Excia. me esclaressa respeito a providencias se espera obter alguma vantagem porque tendo em muito bons camaradas, estão desanimados por não constar o perseguirem-se os furiosos em mais alguns pontos da Provincia e que lhes parece impossivel obter-se vantagem só por esta parte, afim de que fiquem satisfeitos. Se ainda ai estiver o Major Jeronymo Baptista d'Alencastre, e quizer tomar encomodo de trazer dinheiro para um pagamento estimaria bem. Também me tem lembrado de que por meio de um engajamento por dois ou tres mezes seria muito conveniente se se pudesse realizar isto julgo e que seria muito conveniente e merecer approvação de V. Excia. me

---

O nome do Coronel e os manejos do partido o puzeram de posse da cidade de Porto Alegre, sem forças fisicas, pois que na sua entrada apenas contava de 80 a 90 pessoas, indios, mulatos e negros, em grande parte armados de lanças e sem força de opinião pois que o caudilho de semelhante gente de certo se não apoiava na convicção, e sentimentos da maioria do Paiz. Porem foi tal como disse, o terror espalhado pelo nome do Coronel, e pelos manejos do partido que desamparado daqueles mesmos a quem incumbia e interessava a defeza do Governo Legal, me vi na dura necessitade de mudar a séde da Administração para esta cidade do Rio Grande. No entanto os faciosos proclamaram em Porto Alegre um governo intruso, a cuja frente se acha o Dr. Marciano Pereira Ribeiro, mas que não é reconhecido alem do recinto daquella cidade: a maior parte dos abitantes desta fronteira do Rio Grande, e Jaguarão correm a defender a Legalidade e eu espero brevemente fazer uma junção com o Marechal Barreto, e cahir sobre Porto Alegre. E' notavel porem que muitos faciosos, com especialidade o Coronel Bento Gonçalves da Silva, e seus primeiros sequazes procurem no territorio da Republica Cisplatina asilo, e ponto de partida para continuarem ao menos a inquietar os abitantes do Rio Grande do Sul. Espero portanto e solicito de V. Excia. que se digne expedir as suas ordens, para que a fronteira do Estado Oriental, em contacto com o Imperio se ponha em atitude de repelir, e desfazer qualquer força estranha, que pize o territorio deste estado, e para que ou sejam entregues ás autoridades brasileiras, ou sejam desarmados e obrigados a marchar imediatamente para o interior do estado todos os faciosos que para ai se passarem. Cumpre-me notar, que sou agora informado de que muitos dos 80 individuos, que invadiram Porto Alegre, era subditos da Republica Cisplatina, partidistas de Lavalleja, assim como o era o intitulado Coronel Verdum, que perdeu a vida em um ataque contra o

fará a graça ordenar até quanto se lhe devo pagar por mez, porque sujeitando-se a isto não lhes fica lugar de pedir licença pelo que tem a fazer; igualmente quanto se deve dar por dia. Não mando descuidar em operar pela parte que me toca, emquanto não tiver ordens contrarias. — Deus Guarde a V. Excia. com todos os camaradas. — D. G. 17 de Outubro de 1835. — Illm° Sr. Presidente desta Provincia — João da Silva Tavares, Tenente-Coronel Commandante do Departamento do Rio Grande.

Em resposta ao ofício de 17, Rodrigues Braga comunicava a Silva Tavares as providências que tomou: "Hontem respondendo ao seu officio de 17 do corrente pelo Alferes Maximiano Antonio Pereira lhe dizia que se dirigisse a Domingos Faustino Corrêa [27]) para delle receber o dinheiro necessario para o pagamento da gente que o acompanha;

Tenente Coronel de Guardas Nacionaes, João da Silva Tavares. Pela gente que emprega Bento Gonçalves, e seu partido, conhecerá V. Excia. o espirito, de que todos eles se acham animados, para com o Governo, e Administração Legal desse estado. Aproveito esta ocasião para assegurar a V. Excia. os mais sinceros sentimentos de alta estima, consideração e respeito, que dedico e voto á pessoa de V. Excia. Deos Guarde a V. Excia. Cidade do Rio Grande, 6 de Outubro de 1835. Ilm°. e Exm°. Snr. D. Manoel Oribe — Presidente do Estado Oriental. Antonio Rodrigues Fernandes Braga."

Sôbre a questão de auxílio estranho Rodrigues Braga assim se expressa em carta a Sebastião Barreto, datada do Rio Grande, 16 de Outubro de 1835: "Neste estado de cousas forçoso é lançar mão de todos os recursos ao meu alcance; e por isso faço partir nesta data segundas vias dos oficios dirigidos ao Coronel Servando Gomes, e ao Presidente do Estado Oriental, pedindo a este a sua coadjuvação para o bom exito da nossa causa; e aquele, que faça efetuar os socorros, que prometera a Silva Tavares. Cumpre-me finalmente notar que uma das armas para espalhar o terror tem sido a noticia de V. Excia. haver emigrado para a Cisplatina: mas eu estou persuadido de que no caso de V. Excia. haver se transportado para alí, voltará sem duvida com força bastante, para debelar a fação, que acaba de cravar o punhal da anarquia na nossa bela Patria. Se V. S. julga necessaria autorisação minha para aceitar socorros dos nossos visinhos eu desde já autoriso o mais completamente, que se possa, não só para isso, como para lançar mão de todos os meios, que achar conveniente ao nosso intento."

[27]) Domingos Faustino Corrêa, capitalista rio-grandense domiciliado no Uruguai, cuja fortuna, de conformidade com suas disposições testamentárias, sòmente poderia ser distribuída aos herdeiros da terceira geração cincoenta anos após seu falecimento, o que se verificou em 1935, sem terem, porém, logrado resultado, os herdeiros.

como tão bem para engajar todo e qualquer numero de pessoas que precisar para debatendo os anarchistas e faciosos salvar a nossa cara Patria dos males que a ameaçam o que tudo confirmo agora mesmo, tendo a accrescentar que me acho embarcado a bordo do brigue Escuna Parobé por terem os habitantes da cidade do Rio Grande e villa de S. José do Norte adherido a causa dos rebeldes mais por medo do que por seguirem suas idéas e mesmo por constar que forças mui numerosas marcham a estes dois pontos: porém aqui mesmo me conservarei dando todas as providencias necessarias e só sahirei barra a fóra quando de todo não houver remedio, e assim espero faça todos os esforços de bater com suas forças ao inimigo até que cheguem os recursos que exigi para o Rio de Janeiro que não podem demorar-se; e tudo quanto fizer para salvar a Provincia terá a minha approvação. Deus Guarde a Vm. Antonio Rodrigues Fernandes Braga Sr. João da Silva Tavares".

A 18, depois de um encontro com as fôrças de Neto, já emigrado, escrevia Silva Tavares a Braga: "Illmº. e Exmo. Snr. — Ontem a noite escrevi a V. Excia. dando-lhe parte dos motivos que fizeram dispensar a força do meu commando e da minha direção, e providencias que ia tomar e agora neste lugar no Arroio da Palma [28]), acabo de saber por aviso

---

[28]) Ao Ministro do Império, Antônio Paulino Limpo de Abreu, sôbre o sucedido, escreveu Rodrigues Braga: "Agora passarei a referir os sucessos subsequentes, que me forçaram a abandonar a Provincia, e retirar-me para esta Côrte. Tendo-se verificado a junção do Tenente Coronel João da Silva Tavares (de que tratei no meu citado oficio de 29 de Setembro) com o Major Manoel Marques de Souza bateram estes completamente a força dos rebeldes comandada pelo facioso Manoel Antunes de Porciuncula, que se achava estacionada no Arroio Grande. A narração desta derrota, e dos meios, que estes do combate se empregaram para evitar a efusão de sangue, achará V. Excia. no oficio sob numero I, que me endereçou o valente Major Marques do acampamento da Feitoria. Depois de uma vitoria tão assinalada, parecia, que a causa da Legalidade triunfaria, porem não aconteceu assim, e ainda desta vez a causa da razão e da justiça teve de sucumbir aos golpes da anarquia. Quando o bravo Tenente Coronel Silva Tavares aproveitando-se das vantagens, que conseguira sobre os rebeldes no dia 14 voltava com as suas forças para a cidade de Pelotas, afim de ocupar este ponto importante da Provincia, encontrou na passagem do Arroio Grande uma nova força inimiga commandada por Antonio Netto, de perto de 500 homens, muitos dos quaes

de que os furiosos progetam nestes dous dias encaminhar-se para a vila, digo cidade, e por isso lembrei-me de dirigir este a V. Excia. participando-lhe para tomar serias providencias com energia, e no caso de que se movam, eu já só tendo sessenta homens reunidos, que ficarão com o Major do corpo do nosso comando David Francisco Pereira, e vou ativar quanto possa a reunião, até por meio de inganjamento, e comunicar-me com o Coronel Servando Gomez, fazendo V. Excia. oposição, pode contar com algum auxilio de minha parte, dirigindo proprio pelos Canudos, para aonde julgo mais livre de risco, e em casos de uma urgencia não julgo que deva haver isenção de pessoa alguma pegar em armas. Deus Guarde a V. Excia. Arroio da Palma, 18 de Outubro de 1835. — Ilmº Snr. Presidente da Provincia Antonio Roiz Fernandes Braga — João da Silva Tavares, Tenente Coronel Comandante do Departamento do Rio Grande."

Inestimável, para o Império, foi a atuação de Silva Tavares. Nenhum outro oficial, conforme já notámos, teve a fôrça de vontade e a contínua resolução de bem servir ao Govêrno Central, como o futuro Visconde de Cêrro Alegre.

A sua atividade constante, não desanimando nunca, embora nem sempre fôsse feliz, deveriam ser penhor bastante

---

eram praças de linha das que haviam desamparado o Marechal Barreto. Este encontro foi fatal a causa da Legalidade. Silva Tavares com forças muito inferiores em numero, e estas cançadissimas pelas continuadas marchas forçadas, que lhe foi mister fazer, já para dispersar os faciosos do Jaguarão, como fez, e eu o participei no meu ultimo oficio dirigido ao antecessor de V. Excia. já para operar a sua junção com o Major Marques, e bater os rebeldes no Arroio Grande, conforme o que acima deixo dito, já para socorrer a cidade de Pelotas, operações estas entre as quaes quasi que não medeou espaço, e que só a atividade e energia de um homem tal como Silva, poderia com tanta presteza executar, tendo a gente assim extenuada de fadiga, e desalentada alem disso por ver só o seu chefe em campo, sem que nenhum outro da Legalidade operasse de combinação com elle, nem o mesmo Marechal, que em vez de se lhe unir, ou de tomar um ponto militar na Provincia, se tinha retirado para o Estado Oriental, viu-se por isso Silva na dura necessidade de debandar a sua força, para a não sacrificar, e retirar-se o que felizmente executou, e a 18 de Outubro achava-se no Arroio da Palma, (como consta do oficio que nessa data me dirigio) com tenção de passar o Estado Oriental a valer-se do auxilio do Coronel Servando Gomes, que lhe tinha prometido, e eu lhe havia solicitado."

para que fôsse guindado aos mais altos postos. Entretanto, a única recompensa que teve foi o título.

Sôbre sua atuação durante o resto da revolução, basta para fiel reflexo, reproduzir aquí o que êle mesmo escreveu nos seus **Apontamentos,** que anotamos: "Seguindo Silva Tavares para o Arroio Grande encontrou-se com o Coronel Antônio Bento Gonçalves [29]) e Florentino Manteiga; [30]) ao encontrar-se houve parlamento e conferência, onde acordaram em dispersarem-se, com o que não concordou Manteiga, porque a sua fôrça era muito superior à de Silva Tavares, e a qual dispôs tão mal que foi derrotado completamente.

Silva Tavares contramarchou essa mesma noite por ter tido notícia que Neto o procurava.

Chegando ao passo do Retiro, encontrou-se com a vanguarda dêste, Silva Tavares tomou o passo; aparecendo a fôrça, calculou-a em 500 homens. Parlamentaram durante o dia, ficando de resolver-se o que deviam acordar no dia seguinte. Nessa noite porém, Silva Tavares dispersou a fôrça e passou o arroio de Pelotas e S. Gonçalo e foi repousar no dia seguinte nos Canudos, seguindo para a sua fazenda.

Dias depois, sabendo Silva Tavares que não havia fôrças nenhumas que se opusessem à revolução, tratou de emigrar para o Estado Oriental.

Tendo comunicação que o General Bento Manuel [31]) se tinha pronunciado a favor do govêrno, tratou de reünir alguns brasileiros emigrados e invadiu (não recordo-me o dia e o mês). [32]) Fazendo sua encorporação com fôrças que já havia mandado reünir, fêz junção com o Coronel Medei-

---

[29]) Antônio Bento Gonçalves, sobrinho de Bento Gonçalves da Silva, mais conhecido por Antônio Bento. Foi quem acompanhou Albano de Oliveira Bueno.

[30]) Florentino Leite de Souza, mais conhecido por Florentino Manteiga, primo de Bento Gonçalves.

[31]) Bento Manuel Ribeiro. — Sôbre êsse valoroso militar leia-se a obra do Dr. Olinto Sanmartin: *Bento Manuel Ribeiro.*

[32]) Bento Manuel pronunciou-se a favor da legalidade logo após a denegação de posse a Araujo Ribeiro (9-12-1835). Oficialmente, porém, só com sua proclamação de 30 de dezembro dêsse mesmo ano, em S. Gabriel.

ros [33]) na barra do Jaguarão-Chico. Dêste ponto mandou observar uma fôrça que vinha do município de Pelotas para atacá-lo; as descobertas deram parte que essa fôrça era comandada por Bento Gonçalves da Silva e que excedia a mil homens.

Silva Tavares deixou escurecer e marchou e foi emboscar-se nas pontas do Jaguarão. A tarde avistou a coluna de Bento Gonçalves, descendo para Candiota. Silva Tavares marchou a noite ao rumo de Bagé; mudando de rumo na mesma noite foi transpor o Camaquãzinho nos Três Passos, passando aí todo o dia seguinte, onde recebeu ordem do General Bento Manuel para encorporar-se sem perda de tempo.

Fazendo marchas forçadas, foi encorporar-se a êste general nas pontas da serra de Caverá.

No dia seguinte o General Bento Manuel deu a vanguarda a Silva Tavares e fêz marchar sôbre as fôrças de Côrte Real. [34]) ferindo-se o combate sôbre o passo do Rosário, sendo êste chefe derrotado e preso.

Silva Tavares teve ordem de Bento Manuel de contramarchar e encorporar-se à fôrça do Coronel Albano de Oliveira Bueno, [35]). Chegando ao município do Herval, teve notícia de ter sido o Coronel Albano de Oliveira derrotado e preso. Tratou Silva Tavares de passar a São Gonçalo para evitar encontrar com as fôrças de Antônio Neto; êste depois de ter encorporado sua força, passou também o rio S. Gonçalo defronte a Pelotas.

Silva Tavares, que se achava acampado nas pontas de Turutama, logo comunicou à guarnição do Rio Grande a passagem de Antônio Neto e retirou-se para as Porteiras, onde esperou as fôrças de Neto.

---

33) Antônio de Medeiros Costa.

34) Afonso José de Almeida Côrte Real, que foi o oficial mais moço dos farroupilhas, pois contava apenas 26 anos de idade ao rebentar a revolução. Morreu no pôsto de Coronel a 18 de junho de 1840. (Veja-se Farrapos, do Walter Spalding, 2 vols.).

35) Coronel legalista de grande valor. Derrotado e preso no Passo dos Negros (Rio S. Gonçalo), sendo cobardemente assassinado dias depois. (Veja-se: *Farrapos!*, de Walter Spalding, 2 vols.).

Achando-se a cidade do Rio Grande sem trincheiras, Silva Tavares não quis arriscar um combate e deixar tomar a cidade, que estava sem meios de resistência. Logo que apareceu a coluna de Juca Neto, [36]) Silva Tavares se pôs em retirada e acampou além da povoação de Taim, onde esperou quatro dias sem que o inimigo aparecesse.

Silva Tavares contramarchou com 200 homens, deixando o resto da fôrça e foi em procura da coluna inimiga; encontrando-a, que também vinha em marcha, na costa da lagoa de Caíubá, pôs-lhe guerrilhas e se pôs em retirada. Neto tratou de perseguí-lo com fortes guerrilhas até à capela de Tahim.

Encorporando-se Silva Tavares com a fôrça que havia deixado, foi acampar no fundo do Curral Alto, onde pretendia esperar o inimigo, não para dar combate e sim levá-lo à fronteira enquanto se construíam trincheiras no Rio Grande.

Alguns dias depois, como o inimigo não aparecesse e as descobertas dessem parte que êle se achava acampado abaixo da capela, na costa de um banhado, Silva Tavares mandou o Capitão Pedro Nunes [37]) com 50 homens tiroteá-lo; neste tiroteio tomou-se ao inimigo uma cavalhada da artilharia e se fêz um prisioneiro, que declarou que estavam à espera de cavalhada, que devia chegar muito pronto.

Silva Tavares retirou-se para a fazenda de Antônio Corrêa (conhecido por Cabeça-Quebrada).

Aos poucos dias chegou parte que o inimigo vinha em marcha; logo Silva Tavares providenciou a retirada, partindo à meia-noite. Ao romper do dia a vanguarda de Neto estava no acampamento que Silva Tavares havia deixado.

---

[36]) José de Souza Neto, irmão de Antônio de Souza Neto, o glorioso general farroupilha.

[37]) Pedro José Nunes, tenente, cunhado de Silva Tavares. Pedro Nunes foi morto no combate de 10 de setembro de 1836. (Combate do Seival). Nesse combate foi também morto o valoroso Davi Francisco Pereira, cunhado de Silva Tavares.

A perseguição foi tenaz, não havendo lugar para dormir e carnear durante três dias, tendo Silva Tavares de emigrar na fronteira do Chuí para o lado Oriental e logo repassou em Jaguarão, pelo passo do Centurião.

Marchou Jaguarão acima, depois para Candiota, donde mandou saber das fôrças de Bento Manuel e receber ordens. Estando na barra do Seival, teve parte que, no passo do Lageado, no Jaguarão, havia uma fôrça.

No dia 10 de setembro marchou para fazer reconhecimento; foi quando apareceu das pontas do Seival a fôrça de Neto. Silva Tavares fêz uma retirada a tomar posição e esperou; travou-se o combate; a sua esquerda foi rechassada e a direita rechassou a de Neto. No "entrevero", não se soube como, ficou o cavalo de Silva Tavares sem freio; o Capitão Pedro Fagundes [38]) foi quem laçou o cavalo, tirando Silva Tavares do perigo.

Se não me engano, foi no dia 12 que se proclamou a república por influência de Joaquim Pedro Soares e Manuel Lucas de Oliveira [39]).

Segundo se dizia, tinha vindo ajudar êsse combate do Seival o Coronel Sanes (conhecido por Galego) [40]) o que se verificou, porque, tendo sido o Jóca, [41]) filho de Silva Tavares, prisioneiro, êle Galego mandou pedir a Neto que lhe mandasse êste prisioneiro e que nada mais queria, pois estava a fôrça de Neto no mesmo acampamento das de Galego, tendo só o Jaguarão por meio. Esta fôrça pertencia ao exército de Manuel Oribe. [42]) Quando chegou à presença de Galego, êste lhe disse: — Fiz isto, porque devo a seu pai inúmeros favores quando estive emigrado.

---

[38]) Pedro Muniz Fagundes, primo de Silva Tavares.

[39]) Foi no dia 12 de setembro de 1836, no Campo dos Menezes. (Veja-se: *Farrapos!* de Walter Spalding, 2 vols.).

[40]) Calengo Sanes, coronel uruguaio, amigo de Souza Neto.

[41]) João Nunes da Silva Tavares. Jóca Tavares foi famoso federalista da revolução de 1893 que, a-pesar-de seus 76 anos, fêz tôda a campanha brigando com ardor. Digno descendente do Coronel, seu pai.

[42]) D. Manuel Oribe, então Presidente do Uruguai.

Silva Tavares, com a gente que se escapou do combate, foi a Caçapava; onde se incorporou ao General Bento Manuel; marcharam quatro dias em perseguição de Neto e Davi Canabarro.

Mandando Bento Manuel a Silva Tavares para o município de Jaguarão, já se achando sua família em casa do seu sogro Bonifácio José Nunes, vindo do Estado Oriental, foi êle alí direito. No dia seguinte ao ter chegado, foi surpreendido muito cedo o acampamento e ao mesmo tempo atacada a casa de seu sogro, onde êle se achava. Havendo resistência, entraram em proposta à tarde com Davi Canabarro, do que resultou entregar-se Silva Tavares com condição de ficar o seu filho Jóca para garantia da família e êle escolher o oficial para a sua guarda. Bonifácio Nunes convidou Davi a entrar, êste aceitou e tranqüilizou a família.

Chegando Silva Tavares ao exército de Neto, houve grande alarme para matá-lo. Davi Canabarro se opôs, fazendo nessa ocasião imposições.

Tendo Neto de dividir as fôrças e Davi Canabarro de seguir para o Alegrete, tiveram uma conferência a respeito de Silva Tavares, ficando êste na fôrça de Neto. Dias depois mandaram remachar-lhe um par de machos. [43]).

Tendo a fôrça de Neto emigrado temporàriamente, ficou Silva Tavares sob a guarda do Menino-Diabo. [44]) que o

---

[43]) Há quem ponha em dúvida essa asserção. Entretanto, descendentes dêle o afirmam e o próprio Silva Tavares, em outro manuscrito que deixou — *Feitos e serviços prestados na revolução da província do Rio Grande do Sul*, pelo Visconde de Cêrro Alegre. — o afirma com estas palavras: " A Silva Tavares lançaram pesados grilhões, e êle e os seus companheiros eram algemados tôdas as noites".

Em nota a êste trecho diz o Sr. Alfredo Ferreira Rodrigues: "Estes grilhões, que pesavam 27, ½ libras, foram, passados 41 anos, oferecidos ao Tenente-Coronel José Facundo da Silva Tavares pelo seu particular amigo Manuel de Souza Neto, irmão de Antônio Neto, um dos mais prestigiosos caudilhos da revolução".

[44]) Havia dois farroupilhas com o nome Menino Diabo. O distinto historiador De Paranhos Antunes estudou-os, chegando à seguintes conclusão: "E' bem provável tenham existido dois indivíduos com o cognome de Menino Diabo, durante a revolução dos farrapos. Da existência de um, Antônio Joaquim da Silva (que foi o guarda de Silva Tavares), por-

conduziu para a barra do Chuí, no Estado Oriental; já lhe tinham tirado os machos e botado umas algemas, assim como em seu cunhado Serafim Caetano. [45]).

Conseguindo Silva Tavares seduzir o comandante da guarda, êste fêz uma chave de pau (de coronilha) com que abriu as algemas (o que fechava ficava sempre em poder do Menino-Diabo) e fugiu, levando consigo o comandante da guarda, passou o Jaguarão e foi para o Rio Grande, onde foi muito bem recebido pela população como salvador daquela cidade. [46]).

---

tuguês de nascimento, comandante do "Lanchão Líberal", eu hoje nenhuma dúvida mais tenho, em face de abundante documentação em meu poder. Era um tipo de baixos sentimentos, pouco escrupuloso, aventureiro arrojado, de ambição desmedida, que se fêz chefe de um grupo audacioso, operando ora nos rios que formam o Guaíba, com um lanchão artilhado, ora em terra com uma partida volante, que batizou de "Legião diabólica". Entretanto, o Sr. Coriolano Alves, de Caçapava, contraditando-me, afirmou que o "Menino Diabo", de 1835, chamava-se Manuel Joaquim Ferreira Gomes e era filho de S. Jerônimo, neste Estado. Não nego que tenha existido um outro indivíduo com êste apelido, em face do depoimento do Sr. Coriolano, que tem seu valor, sem dúvida alguma, mas nenhuma referência, nenhum documento encontrei, nas minhas pesquisas, que falem dêste "Menino Diabo". "Pas de documents, pas d'histoire", dizem os metodologistas dêste ramo de ciência... Quanto ao primeiro, lendo-se Alfredo Varela, o "Processo dos Farrapos", a "História do General Osório" (1.º vol.) e vários outros documentos da época, pode-se afirmar que existiu, de fato, e foi o personagem lendário e fantástico da revolução dos farrapos, que espalhava o terror por onde passava com sua horda... — Mas afirmar podemos que Manuel Joaquim Ferreira existiu e foi esforçado farrapo.

[45]) Serafim Caetano Vieira, Capitão. Também cunhado de Silva Tavares. Em 1837 ficou inválido do braço direito, em conseqüência de ferimento em combate.

[46]) Nos *Feitos e serviços*, assim é descrita a fuga: "No dia 10 de março de 1837 o comandante da guarda, sargento Segismundo, preveniu os prisioneiros que no dia seguinte findariam seus dias. Silva Tavares aproveitou essa ocasião para peitar o sargento, que depois de muitas relutâncias, a-pesar-de receoso das conseqüências, diante da promessa de 2:000$000 e transporte para a Baía, resolveu fugir com os prisioneiros.

A tarde, quando os recolheu e algemou, deixou as algemas abertas e alta noite na ocasião em que todos dormiam e sòmente êle e a sentinela estavam em seus postos, Segismundo mandou pela sentinela buscar água para beber, ao arroio, que distava algumas braças da barraca.

Aproveitando êste interim, saem Silva Tavares e seus companheiros, levando sòmente os freios dos cavalos. Ao regressar a sentinela Segismundo colocou-a no seu pôsto de honra, guardando a barraca e as algemas, que alí ficaram e foi reünir-se aos seus novos amigos. Montaram

Recebeu ordem do presidente [47]) de assumir o comando das fôrças que se achavam na margem direita do S. Gonçalo; mais tarde passou o rio S. Gonçalo e ocupar Pelotas.

Fêz uma expedição sôbre o Capão do Leão, com fim de reconhecer uma fôrça que constava que se aproximava daquele ponto. Encontrando-se com a fôrça de Crescêncio, [48]) retirou-se para a cidade de Pelotas debaixo de forte tiroteio.

Teve ordem de passar o S. Gonçalo, em vista das fôrças legais terem desaparecido da campanha. Ocupou o acampamento do Rincão dos Touros, onde se formou novo exército e se fêz base de operações.

Marchou com a divisão do General Calderon [49]) e junto à vila do Herval tiveram fortes guerrilhas com as fôrças de Bento Gonçalves e acamparam êsse dia no Arroio das Pedras.

No dia seguinte o general teve parte da derrota do exército no Rio Pardo; chamou os oficiais superiores a conselho e acordaram em contramarchar.

---

nos melhores cavalos que estavam à soga e todo galope se dirigiam para a fronteira. Às três horas da madrugada estavam na Serra do Rio, fazenda de Bonifácio Nunes, da qual era administrador um cunhado de Silva Tavares, que forneceu arreios para todos e deu-lhe as poucas armas que tinha.

Ao amanhecer do dia 11, atravessaram a fronteira, no passo do Centurião e a três léguas de distância ocultaram-se em um capão de mato, onde descansaram durante o dia. Ao anoitecer encetaram a marcha para o Canudos, chegando alí no dia seguinte às oito horas da manhã, sendo recebidos pelos seus companheiros de armas com todas as demonstrações de apreço.

Dois dias depois seguiram á cidade do Rio Grande, sendo esperados fora das trincheiras por seus habitantes, que deram a Silva Tavares as mais solenes provas de consideração e entusiasmo, testemunhando-lhe por esta forma a sua gratidão, por tê-los livrado das garras do inimigo, que, poucos meses antes, os tinha ameaçado.

O Comércio cotizou-se para remunerar o sargento Segismundo e, em vez de 2:000$000 que lhe haviam sido prometidos por Silva Tavares, deu-lhe 10:000$000 e passagem gratis para a Baía sua província natal".

47) Brigadeiro Antero José Ferreira de Brito que, empossado a 5 de janeiro, a 23 de março era preso por Bento Manuel no Passo do Itapevi.

48) Domingos Crescêncio de Carvalho, então capitão farroupilha. Chegou ao pôsto de Coronel.

49) Bonifácio Isás Calderon. (Veja-se: Calderon e Pedro Chaves, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, 2.º sem. 1935).

O general entregou a retirada a Silva Tavares, como homem mais prático e conhecedor do terreno. Êste ordenou para que fôssem feitos fogos em todo o acampamento, logo que fechassem a noite e a fôrça estivesse pronta a marchar. O inimigo achava-se a meia légua de distância. A's 8 horas mais ou menos levantaram acampamento ficando os fogos em tôda a extensão do acampamento bem acesos. Caminhou-se 14 leguas; chegando-se a S. Gonçalo a 1 hora mais ou menos da tarde, tratou-se logo de transpô-lo. A's cinco da tarde chegou à vanguarda de Bento Gonçalves.

Silva Tavares teve ordem de ocupar Rincão dos Touros; mais tarde, transpôs o S. Gonçalo em busca do Coronel Florentino Manteiga, que alí se achava conseguindo derrotá-lo.

Seguindo em perseguição do Tenente-Coronel Camilo Campelo, [50]) até Candiota, não conseguindo batê-lo regressou ao S. Gonçalo.

Tendo ordem do General João Paulo Barreto [51]) de encorporar-se, passou o S. Gonçalo e encorporou-se no Cêrro de Baú; foi-lhe dada uma brigada de infantaria, formando uma divisão.

O exército acampou em S. Vicente, onde passou o inverno.

Vindo depois para o Vacacaí, Silva Tavares adoeceu. Depois de melhorar pediu licença para ir ao Rio Grande, onde estava sua família.

Restabelecido, voltou ao exército e logo teve ordem de ocupar a margem esquerda do S. Gonçalo, onde esperou até a chegada do Barão de Caxias, com quem marchou a encorporar-se ao exército que se achava na margem direita do rio Jacuí, junto a Cachoeira, marchando-se em seguida sôbre o exército revolucionário.

Chegando-se à costa do Santa Maria, Rincão do Barreto, o general disse que pretendia demorar-se alguns meses de-

---

50) Camilo dos Santos Vampelo, Tenente-Coronel.

51) João Paulo dos Santos Barreto, General, em 1835 era Ministro da Guerra. Em 1839 era Comandante das Armas do Rio Grande do Sul.

vido a má estação; em vista do que Silva Tavares pediu licença para ir ao Rio Grande, sôbre assuntos de família.

Quando voltou ao exército, tratava-se da paz. Recolheu-se então Silva Tavares ao lar da família, paupérrimo, pelo que lhe foi dada pelo govêrno uma pensão de um conto e duzentos mil réis por ano.

Foi mais tarde agraciado com o título de Barão do Cêrro Alegre e comandante da fronteira de Bagé".

Encerrando estas breves notas sôbre Silva Tavares, apresentamos alguns ofícios inéditos, de 1839, enviados por cópia ao presidente das armas, e pelos quais se vê a atividade de Silva Tavares; "Illmo. e Exmo. Sr. — Tenho a honra de levar á presença de V. Excia., por copia, o officio do Brigadeiro Graduado Bonifacio Isás Calderon, [52]) de 14 de Julho p. p., a quem direi que julgo mui judiciosas as providencias, que deu sobre o assumpto de que elle trata; e que levo á presença de V. Excia., de quem espero a approvação. Remetto igualmente copias da noticias vindas pelo Commandante da Villa do Norte; e das communicadas pelo Commandante Superior da Guarda Nacional o Coronel João da Silva Tavares; destas conhecerá V. Excia. o succedido na Provincia Oriental, sobre nossa Fronteira do Chui; e o que diz o mesmo Coronel a respeito dos 800 a 1.000 cavallos, que V. Excia. lhe encommendou; respondi-lhe, que approvava a sua lembrança de se effectuar a compra para o fim deste mez; e que sobre a compra no Estado Oriental, já V. Excia. tinha expedido ordem ao Brigadeiro Calderon, e que naturalmente approveitaria a encommenda, que anteriormente se tinha feito ao Coronel Jeronymo Jacintho [53]); esperando a esse respeito as ultimas ordens de V. Excia. no dia 24 do mez de Julho findo, partiram os officios para Calderon; e espero os que V. Excia. agora mandar para os fazer partir, com a res-

---

[52]) Ver sobre o Brigadeiro Calderon: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, III trimestre de 1935.

[53]) Coronel Jerônimo Jacinto Pereira, filho do oficial reformado e procer farroupilha, Major José Jacinto Pereira, Jerônimo Jacinto foi um legalista incansável.

posta ao dito officio de 14 de Julho p. p. deste já remetti cópia ao Ministro da Guerra. — Deus Guarde a V. Excia. Quartel General em o Rio Grande 2 de Agosto de 1839. Illmo. Sr. Saturnino de Souza e Oliveira — Manoel Jorge Roiz". [54]). "Illmo. Sr. — Recebendo eu do Major de Guardas Nacionaes João Guilherme Catalã, que deixei em commissão do outro lado do Uruguay, o officio que por cópia remetto a V. Excia. junto com outra da declaração que fez por escripto o portador do mesmo officio, tomei o expediente, que V. Excia. verá pelas duas ultimas cópias, que junto envio, unico meio, que julguei proveitoso á vista do estado em que ainda está a Provincia de Corrientes, para ver se assim se póde verificar a reunião daquelles estraviados e emigrados; pois me persuado, que virão mais de cincoenta homens, que refere o dito Major, á vista das lanças que se fizeram. — Tambem muitas cartas a varios officiaes e cidadãos legaes, que existem ainda pelas Missões Brasileiras, para fazerem a reunião, que possam, e marcharem com a brevidade possivel para este lado, e quando assim não possam fazer ao menos encommendar o mais possivel aos anarchistas até o tempo que for conveniente para o exercito operar; afim de por este meio fazerem elles estragar as cavalhadas dos mesmos rebeldes. — A' vista de todo o expendido estou certo, que V. Excia. approvará minhas deliberações. — E' o quanto por agora tenho a communicar a V. Excia. — Deus Guarde a V. Excia. Acampamento no Arroio Mello, 14 de Julho de 1839. — Illmo. e Exmo. Sr. Antonio Corrêa Seára, [55]) Brigadeiro Commandante Interino das Armas da Provincia de São Pedro do Sul — Bonifacio Isás Calderon, Brigadeiro Graduado". "Illmo. e Exmo. Sr. — No dia 26 foi-me entregue o officio de V. Excia.

---

[54]) General Manuel Jorge Rodrigues, brioso oficial do Império já então octogenário. Foi mais tarde Barão de Taquarí.

[55]) Brigadeiro Antônio Corrêa Seara, de quem disse Caxias ter inaugurado, no Exército, os negócios ambulantes dos quais percebia certa percentagem. Veja-se *"Caxias e Bento Manuel Ribeiro"*, Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, III Trimestre 1936. — Foi substituido no comando pelo General Manuel Jorge Rodrigues em fins dêsse mês de julho.

com data de 22 deste mez, odenando-me, que o informe se se poderá effectuar a compra de oitocentos até mil cavallos nesta Provincia, se ha pasto para os conservar no melhor estado, ou se será melhor ajustal-os, e tel-os sobre palavras em poder dos vendedores até que sejam precisos, evitando-se deste modo, que se arruinem em nosso poder; e finalmente, que declare o meu parecer a respeito: sobre o que cumpre-me informar a V. Excia. que ha mais de quinze dias, que mandei para a Sessão do Canal Alto o Capitão Maximiano Soares de Lima, na diligencia de prender os desertores da Guarda Nacional e a recrutar a todos, que estejam nas circumstancias de servirem, e que se tem escusado de prestarem serviços, outros por se conservarem fugitivos, e outros, que passam para além da linha da Provincia, quando os procuram; e lhe ordenei, que nos giros que tem de dar nesta diligencia, tirasse uma relação de todos os moradores e apontando o numero de cavallos, que possuem, e o estado delles, para quando se recolher dar-se uma conta exacta, afim de se poder calcular o numero de cavallos com que se pode contar em bom estado; e muito breve espero esta parte, porque não poderá demorar a recolher-se, ou enviar-me; e logo que a receba a levarei a presença de V. Excia. — Sou de parecer que neste Departamento se poderá comprar o mencionado numero de cavallos mas se admitisse demorar o precisarem-se delles, me parece, que seria mais conveniente tratar-se de effectuar a compra, do fim do mez entrante por diante, porque, no prazo de oito a quinze dias, se póde fazer, e estarem aqui reunidos; e como o tempo já favorece não se atrazarão o que não acontece agora que por muito bom trato que tenham, só com o pastoreio para dar-lhes crença [56]) ficam magros, e se se precizarem de prompto pouco serviço podem dar, e nas crenças [56]) se conservam nas carnes em que estão, não obstante haver neste logar muito bom pasto, e de bôa aguada, tanto, que as cavalhadas da Divisão, quasi todas estão aqui invernadas. — Para se conservarem em poder dos donos por

---

56) Querência.

trato, que se faça com elles só se poderia fazer, se elles obrassem de bôa fé, o que duvido; e conto, que hão de fazer emagrecer os melhores para ficarem com elles, e entregarem os piores, dando logar a que estes se conservem em melhor estado, e trabalhando aos bons; e se já ficam comprados peor será, porque desfructam-nos em seus serviços, e se hão de perder muitos; e á vista do quanto exponho V. Excia., resolverá o que julgar mais conveniente, na certeza de que não pouparei sacrificios para em tudo cumprir exactamente o que V. Excia ordenar, como é do meu dever. — Deus Guarde a V. Excia. — Acampamento no Rincão dos Touros, 28 de Julho de 1839 — Illmo. e Exmo. Sr. Manoel Jorge Rodrigues, Tenente General Comandante em Chefe do Exercito — João da Silva Tavares. Commandante Superior da Guarda Nacional". "Illmo. e Exmo. Sr. — Hoje tive parte do Commandante das nossas guardas sobre a Fronteira do Chui, que na madrugada do dia vinte e quatro deste mez, foram surprehendidas as Guardas da Provincia Oriental, que guarneciam a linha sobre aquella fronteira, sendo o Commandante o Coronel Leonardo Olivera, [57]) declarando-se contra o Governo do General Fructuoso Rivera, e a favor do General Lavalleja, como Commandante em Chefe da força, que se declara contra aquelle, e me diz que levaram prisioneiros todas as praças, e Commandantes das ditas guardas. — A' vista do que me parece seria bôa occasião de comprar naquella fronteira porção de cavallos bons com o motivo da evolução, e por preço modico pondo alli pessoa de probidade, e com dinheiro se V. Excia. julgar conveniente. — E' de suppor, que tenha apparecido em todos os Departamentos daquella Provincia igual movimento, e que Lavalleja tenha entrado para a Provincia, como asseverou o mencionado Coronel Leonardo Oliveira, quando surprehendeu as guardas. — No Departamento do Serro Largo tambem me avisa o Capitão

---

[57]) Oficial uruguaio, de origem brasileira, como muitos havia naquela época, provindos dos tempos da Cisplatina. Aliás, brasileiros de nascimento. Também havia vários nas fôrças uruguaias de ambos os partidos.

Diogo Felix Feijó em carta de dois deste mez, que ha bons cavallos, e que se podia comprar porção grande, e agora com o motivo da revolução naquella Provincia melhor compra se poderia fazer, mas para virem em bom estado só se poderia effectuar a compra quando houvesse força além do rio S. Gonçalo para proteger a vinda delles pelo logar mais perto; o que tambem sirva de governo a V. Excia. — As ultimas noticias, que tive da Campanha são, que Bento Gonçalves estava na Villa de Alegrette á espera de Lavalleja para tratarem de planos. — Deus Guarde a V. Excia. Acampamento do Rincão dos Touros, 29 de Julho de 1839. — Illmo. e Exmo. Sr. Manoel Jorge Rodrigues, Tenente General Commandante em Chefe do Exercito. — João da Silva Tavares, Commandante Superior da Guarda Nacional". Illmo. e Exmo. Sr. — Hontem chegou aqui Pedro Moreira, hespanhol e morador na Villa do Cerro Largo, vindo em meu Hiate que foi á Villa de S. Servando, e me entregou a cópia inclusa da Proclamação que fez o Coronel Manoel Lavalleja [58]) na occasião de entrar naquella Villa, e que se viu na precisão de apresentar-se-lhe porque chegou ahi sem ser esperado, com cento e seis homens, e que o tratou muito bem, e lhe disse que já tinha recommendações do irmão, o General Lavalleja, [59]) para o proteger reflexionando que lhe póde ser util por seus conhecimentos e probidade, não obstante haver pertencido á causa do General Fructuoso Rivera, [60]) e que passando a conversar sobre o estado das cousas publicas daquelle Estado, Lavalleja, disse que o Governo de Buenos Aires está em harmonia com nosso Governo, e que para triumpharem com mais brevidade se utilizarão de alguns aucilios dos rebeldes desta Provincia, e que em se apossando daquelle Estado, ajudariam a sucumbil-os, porque é o plano do Governo de Buenos Aires, e que o General em Chefe do Exercito deste Governo, é Pas-

---

58) D. Manuel Lavalleja, Coronel uruguaio, irmão de D. Juan A. Lavalleja.

59) D. Juan Antonio Lavalleja, General uruguaio.

60) D. Fructuoso Rivera, General uruguaio.

choal Echangue, [61]) que deve passar com cinco ou seis mil homens. Que a sua vista despachou Lavalleja um proprio com officios para o General Servando Gomes, e que ordenára que seguisse direito a Bagé, que suppõem, ou ser para ir por esta Provincia a salvo, ou porque vinha pela linha da mesma Provincia com alguma força a fazer junção com Lavalleja, e o Coronel Leonardo Oliveira, para fazerem uma Divisão por esta parte daquelle Estado para chamar attenção ao General Rivera. Tambem assevera que o rebelde Crescencio, se acha na barra do Jaguarão Chico, no Passo de Centurião, como para proteger ao Coronel Lavalleja, se fosse procurado por força inferior, e a noticia da marcha do Crescencio, já eu tinha recebido a dois dias, de haver seguido para a banda do Jaguarão, por isso estou certo de que é veridica.

Diz tambem que o General Rivera veio do Durasno com uma força de pouco mais de duzentos homens, e que depois de passar para áquem do Arroio Cordovon, seguiu como para Rio-Negro, direito a força do Brigadeiro Calderon, e que ao depois chegou a Cordovôn o Coronel Furtunato Silva, com uma força e logo tambem a reunir-se com elle outro Coronel Manoel Dias, que suppõem-se virem a procurar o Coronel Lavalleja.

Do Brigadeiro Calderon nada sabe noticiar. O mencionado Pedro Moreira, é de probidade, e muito de minha amizade, e tem prestado serviços que tem estado ao seu alcance a favor da Integridade do Imperio, e por isso éra amante da questão que Fructuoso Rivera moveu contra o seu Governo; e como o viu marchar ao depois de combinação com os rebeldes, tambem se indispoz com elle, a ponto de ter sido preso, e remettido para a Villa de Durasmo, em satisfação as reclamações de Bento Gonçalves, por isso tirou a escapar-se para esta Provincia com favorecimento do mesmo Coronel

---

61) Pascual Echague, amigo de D. Juan Manuel de Rosas, o famoso tirano de Buenos Aires. (A respeito de Servando Gomes, General Lavalleja, Rivera e Echague, transcrevemos interessantes cartas em nosso trabalho sôbre Pedro Chaves e Calderon. — Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, III trim., 1935).

Lavalleja, e por estar chovendo, e achar-se encommendado não o enviou hoje a presença de V. Excia., o que farei no primeiro dia bom. No hiate vinha um doutor Antonio José de Maia, e trazia um periodico [62]) dos rebeldes enserido na Villa de Caçapava, em que está enserido um officio de Bento Manuel, [63]) que tirei a copia, e junto e leva a presença de V. Excia. porque é interessante, e não vae o periodico porque só me facilitou a copia, Si V. Excia. quizer mandar algum officio ao Brigadeiro Calderon tenho muito bons vaqueanos que já lá tem ido por vezes, e não precisa irem pela Fronteira de Chui, porque vão daqui indereitura aonde elle está, caminhando só de noite. E' quanto tenho de levar ao conhecimento de V. Excia. que Deus Guarde — Acampamento no Rincão dos Touros, 15 de Agosto de 1839 — Illmo. e Exmo. Sr. Manoel Jorge Rodrigues — General em Chefe do Exercito — João da Silva Tavares — Commandante Superior da Guarda Nacional".

Em 1840, recebia Silva Tavares o seguinte ofício de que mandou cópia ao Presidente da Província, Dr. Saturnino de Souza Oliveira: "Ilm°. Sr. — Em virtude de ordem de V. S., que marchasse as immediações de Erval, e batesse a força rebelde, que ali se achava de quarenta e tantos homens ao mando do intitulado Major Felix Vieira. [64]) e o Capitão João Simplicio, a qual consegui derrotar completamente no dia treze do corrente, ficando prisioneiros o dito Major Felix e doze companheiros, vinte e dois mortos, e algum armamento, vinte e seis cavallos arreados, e noventa ditos reunidos por aquellas immediações, sendo cincoenta bons. — Dos prisioneiros haviam sete gravemente feridos, os quaes mandei entregar a um visinho para os curar por não poderem acompa-

---

62) *O Povo*, — "Jornal político, literário e ministerial da República Rio-grandense". O primeiro número foi publicado em Piratiní a 1 de setembro de 1838. O último saiu à luz em Caçapava a 22 de maio de 1840.

63) E' o famoso ofício em que Bento Manuel se desligou do serviço da República alegando ter sido desautorado, datado de Cachoeira, 16 de julho de 1839, e publicado em *O Povo* n. 86, de 24-7-1839.

64) Félix Vieira, brioso oficial farroupilha.

nhar a força. — No numero dos mortos entra um Major Dionisio Lacunha que se tinha reunido com varios companheiros emigrados do Estado Oriental. — Apresentaram-se dous rebeldes pedindo para servirem em nossas fileiras — Leonidio Ignacio da Silveira, e Fortunato Vergara. — Os officiaes que me acompanharam pedem a V. S. pela soltura dos prisioneiros — Domingos José Garcia, Manoel Pereira da Silva, [65]) e Manoel Machado de Souza, [66]) para ficarem servindo no corpo de meu commando por terem neste, parentes. — Aproveito esta occasião para levar ao conhecimento de V. S. os nomes dos officiaes que commandaram os meios esquadrões: o primeiro que carregou na frente ao mando do Sr. Capitão Serafim Caetano Alz Vieira; o segundo pelo Sr. Capitão Maximiniano Soares de Lima, e o terceiro de suporte, pelo Sr. Capitão Genuino da Silva Ferreira, os quaes desempenharam honrosamente os deveres de militar; assim como tambem os mais Srs. Officiaes, Inferiores, e soldados que me acompanharam nesta expedição merecem de V. S. iguaes louvores. — Deus Guarde a V. S. Acampamento no Rincão dos Touros 15 de Abril de 1840 — Ilm°. Sr. João da Silva Tavares, Commandante Superior da Guarda Nacional — Manoel Pereira Vargas, Tenente Coronel Commandante do 1.° Corpo".

Encerrando esta serie de cartas inéditas, de Silva Tavares apresentamos a que se segue, cujo valor é inestimável.

Por tratar-se de carta particular a um amigo, — o Visconde de Piratiní, João Francisco Vieira Braga [67]), — nela

---

[65]) Manuel Pereira da Silva, Capitão. Foi tesoureiro da República Rio-grandense.

[66]) Manuel Machado de Souza, ex-capitão da Guarda Nacional, oficial farroupilha.

[67]) Pelas notas que a seguir transcrevemos, vê-se quem foi o Visconde de Piratiní.

"Exposição sucinta dos serviços prestados a S. M. o Imperador e á Nação por João Francisco Vieira Braga, e quaes as distinções onorificas de que goza.

1.° Concorreu gratuitamente para os cofres nacionaes, em diversas épocas, com a quantia de 7:000$854, em moeda forte, que reduzidos ao dinheiro de hoje, produzem a somma de réis 12:500$000, sendo a mór parte desta quantia destinada para a sustentação da independencia do

fala a sinceridade do guerreiro imperial, livre das peias convencionais, dando largas ao seu coração de patriota convicto da nobreza da causa que abraçou.

E' dever notar, aquí, que devemos a cópia da carta abaixo ao prezado amigo Cmt. Adalberto Rechsteiner, que dela nos enviou redução fotográfica.

Eis a carta: Ilmº. Sr. João Francisco Vieira Braga. — Respeitavel amigo e Sr. Fico de posse das suas cartas de 17

Imperio, e da guerra contra Buenos Aires, como mostra pelos documentos de 1 até 11.

2.º Deu em 7 de Abril de 1820, por dom gratuito para o estabelecimento da colonia de suissos, 1:200$000, moeda forte, os que se acham incluidos em um conhecimento n. 122, de réis 10:000$000, passado pelo Real Erario, em o mencionado dia e anno, a João Rodrigues Ribas; documento este que existe na Secretaria do Estado dos Negocios do Imperio.

3.º Sendo administrador do contracto do 5.º dos couros da Provincia do Rio Grande do Sul segundo se vê da Provisão da junta da Fazenda em n. 12, teve a Nação a crescida vantagem de 105:916$877 rs. que produziu o mesmo contrato em dous annos e meio, contados de 16 de Junho de 1824 ao ultimo de Dezembro de 1826, confrontando-se com o rendimento anterior de 1.º de Janeiro de 1822 até 15 de Junho de 1824, em que outros foram administradores; o que tudo se manifesta da certidão n. 13.

4.º Forneceu ao Exercito Imperial com generos comestiveis, comprados com seu proprio dinheiro, e pagou outros, subministrados pela repartição do Comissariado, em virtude de ordem da Junta da Fazenda, no valor de réis 189:415$547 rs. (Documento n. 14), sem que dai lhe resultasse o menor interesse pecuniario, e sim á Nação, que lucrou para cima de réis 40:000$000 (Documento n. 15), diferença entre os preços das compras que fez, e as celebradas pela sobredita repartição do Comissariado, sofrendo o empate de 30 a 45:000$000, em razão da falta que então havia de numerario na Junta da Fazenda, segundo se evidencia dos documentos ns. 16 e 17; documentos estes que com os de n. 18, 19 e 20, abonam o zelo, atividade e promtidão com que acudia ás precisões do Estado.

5.º Fez oferta, que lhe foi aceita de 3 escravos seus, sendo deles 2 calafates, para servirem gratuitamente no fabrico de hiates destinados para aumentar a força da Esquadra Imperial no rio da Prata, prescindindo da importancia de alguns generos seus que forneceu para o mesmo fabrico, e que se comprova com os documentos de n. 21 e 22.

6.º Apromtou á sua custa um armazem seu, com tarimbas para 100 praças da Divisão Expedicionaria, como se infere do documento n. 23.

7.º A pedido do Presidente da Provincia do Rio Grande do Sul, Salvador José Maciel, encarregou-se de fornecer carnes verdes para o consumo do Exercito e Marinha, no ano de 1829, com o que livrou o exercito de privações e a Fazenda Publica de sofrer condições duras da parte dos arrematantes. (Documentos n. 24 e 25).

8.º Havendo no ano de 1829 falta de farinha na vila do Rio Grande para fornecimento do exercito, e não existindo alguma nos armazens de fornecedor, á requisição do Commandante Militar comprou a que foi ne-

28, do mez p. p. e a de 12 deste mez, a primeira remettendo-me a carta Imperial que confirma a pensão que me foi concedida, e dando-me o seu parecer para promover o negocio de apolices, e fazendo-me conhecer a vantagem que posso colher, sobre o que estou por hora vacilante no que devo obrar, á vista do estado de cousas nesta Provincia, e de estar V. S. com o projecto de regressar, e ficar por isso ahi sem a sua protecção para este objecto. A segunda remettendo o aviso do Sr. Ministro da Fazenda [68]) para se verificar nesta Provincia o pagamento da citada pensão. A ultima acusando o recebimento da minha carta de 10 de Novembro findo com o requerimento que dirigi ao Governo de S. M. I. e

---

cessaria, com o que evitou uma sublevação na tropa, como se pode coligir dos documentos ns. 26 e 27.

9. Oferecendo 20:000$000 emprestados á Nação por tempo de um ano, sem premio algum, a bem de ser exempto do emprego de Administrador dos contratos do 5.° e municio das tropas, não lhe foi aceita esta oferta pelo Presidente da Provincia que julgou mais conveniente e proveitoso á Fazenda Publica que continuasse a exercer o dito emprego. (Documento n. 28).

10.° Foi nomeado Diretor da obra do novo edificio mandado construir para S. M. o Imperador para servir de Alfandega na vila do Rio Grande (Documento n. 19); comissão que aceitou e desempenhou com zelo e economia.

11.° Subscreveu por emprestimo sem vencimento de juro, para a edificação da casa da Alfandega da vila do Rio Grande, com a quantia de 1:000$000, como se patenteia do documento n. 30.

12.° Como negociante de grosso trato pagou de direitos na Alfandega do Rio Grande réis 24:153$597, como consta da certidão n. 31; e ao contrato do 5.° dos couros pagou 14:960 couros (documento n. 32) que regulado ao preço de 3.000 rs. cada um, produzem a quantia de 44:880$ reis.

13.° Exerceu na cidade e Provincia do Rio Grande de S. Pedro do Sul os seguintes empregos: — Juiz Almotacal em 1814; Thesoureiro de selo desde 1815 e 1821; Vereador em 1818, 1824 e de 1829 a 1832; Membro da Comissão encarregada dos melhoramentos da barra do Rio Grande em 1821; Agente da subscrição para aumento da Marinha de Guerra em 1824, 1831 e 1833; Eleitor em 1824, 1828 e 1833; Membro da Comissão externa, encarregada de indicar ao Conselho da Provincia os meios de fomentar o comercio, agricultura, industria, artes, etc., em 1824; Membro do extinto Conselho Geral em 1831; Juiz de Paz em 1832; Deputado á Assembléa Provincial em 1835, e Vice Presidente da Provincia em 1838.

14.° Promoveu a empresa da abertura do canal denominado da Barca na cidade do Rio Grande, que foi levada a efeito, para a qual concorreu com 1:200$000 resultando daqui grande beneficio ao comercio por facilitar a entrada, até então vedada, de embarcações do alto mar no porto do Rio Grande.

15.° Influiu quanto em si estava para que a Camara Municipal da

que o tinha entregado em mão ao Sr. Ministro da Justiça, [69]) e pela decisão fico ancioso, e incluindo tres periodicos intitulados, o "Sete d'Abril", o "Chronista", e o "Diario do Rio de Janeiro" e ficando sciente do que relatam sobre o estado de cousas nesta Provincia, direi-lhe que achei inexatidão no primeiro porque até fala no intrepido Coronel Gabriel Gomes, [70]) que ha mais de 17 mezes morreu no campo de batalha, e o conta como um dos chefes que estão em serviço, e

---

cidade de Pelotas se reunisse e declarasse contra a sedição de 20 de Setembro de 1835, e no meio de todos os perigos e dificuldades distribuiu proclamações em sentido de ordem e defesa do Trono Imperial, gravemente ameaçado pelos revolucionarios, contra os quaes reuniu gente armada, promtificou peças de artilharia, e fez todos os esforços a seu alcance, até que, obrigado pelas circunstancias, emigrou para esta côrte, desamparando todos os seus bens, que teem sido distribuidos, avaliando os danos causados pelos rebeldes em mais de 80:000$000. (Documentos de ns. 17 a 60).

16.° E' negociante matriculado na Junta do Comercio, e proprietario na Provincia do Rio Grande do Sul. Foi condecorado por El Rei D. João 6.° com o abito da Ordem de Cristo em 1820, e o senhor D. Pedro 1.° de saudosa memoria, fez a graça de lhe conferir o posto de Capitão de 2.ª Linha em 1813, nomeando-o depois em 1827, Cavalheiro da Ordem Imperial do Cruzeiro, e em 1829 oficial da mesma ordem imperial. (Documentos de ns. 57 a 60).

Em remuneração pois de todos estes serviços, pelos quaes mostra os sacrificios que tem feito a prol da Causa Publica, e o amor, respeito e acatamento que consagra a S. M. O Imperador, espera que lhe faça a graça de o honrar com a nomeação de Dignitario da Ordem Imperial do Cruzeiro. — Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1840."

Titulos honorificos do Conde de Piratiny, Dr. João Francisco Viera Braga: Honraria concedida por D. João VI: — 1820 — Habito de Christo. — Honrarias concedidas por D. Pedro I: — 1823 — Capitão da 3.ª Companhia do Batalhão de Milicias da Provincia de São Pedro do Sul. — 1827 — Cavalleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro. — 1828 — Capitão da 3.ª Companhia do Batalhão de Caçadores n. 46, da 2.ª linha do exercito. — 1829 — Official da Ordem Imperial do Cruzeiro. — Honrarias concedidas por D. Pedro II: — 1841 — Guarda Roupa da Imperial Camara de D. Pedro II. — 1845 — Vereador da Imperial Casa de D. Pedro II. — 1846 — Mercê do Foro de Fidalgo Cavaleiro de sua Imperial Casa. — 1854 — Barão de Piratiny. — 1866 — Visconde de Piratiny. — 1885 — Conde de Piratiny. Ocupou os cargos de Vereador das cidades do Rio Grande e Pelotas. Deputado á Camara Provincial e Vice-Presidente da Provincia em 1838. Nasceu o Conde de Piratiny em Piratiny no anno de 1793, e falleceu na cidade de Pelotas a 9 de Maio de 1887.

[68]) Miguel Calmon du Pin e Almeida. (Gab. de 10-9-1837).

[69]) Bernardo Pereira de Vasconcelos. (Gab. de 19-9-1837).

[70]) Gabriel Gomes Lisboa, valente chefe imperial, heròicamente morto no combate de Triunfo. (Veja nosso *Farrapos:* (1.ª série) — (O Tigre de Triunfo).

visto que se lembrou delle, parece justo exhorte ao Governo para agraciar a infeliz familia com a pensão que lhe foi conferida, que está cheia de miseria, porque os rebeldes lhe tem roubado todos os bens, dando assim provas de que não olha só para os filhos desta Provincia, emquanto precisa de seus serviços. E sobre o mais que relata em execução de ordens, desafio aos meus contrarios para apontarem a falta que julgarem haver eu commetido como militar, ou a falta que a causa publica tenha soffrido por meu respeito por motivo da desinteligencia com o Presidente; relativamente ao exemplo, que aponta de um Marechal da França, não é preciso servir-me isso de guia, porque comigo mesmo aponto o exemplo de haver obedecido restritamente ao traidor Bento Manuel, [72]) até que me entregou aos rebeldes, conhecendo mesmo os meus planos muito antes, e manifestando-os particularmente até a autoridade que podia providenciar como poderei provar si for preciso, e se o Governo Imperial me demitir do emprego que ocupo como espero, terei ocasião de mostrar ao Brasil, que sou fiel defensor da Monarchia Constitucional para o que já tenho uma lança, e como soldado entrarei com meus companheiros nos campos de batalha, se disso não for privado por ordem superior: se o General Presidente preenchesse os seus deveres, corrigiria como lhe compete os erros que houvesse eu cometido apontando-os para exemplo, e não se valeria da autoridade de que está revestido para deprimir-me obrigando-se ocupar o lugar de um Coronel de Legião, e por meio de imposturas fazer ocupar o lugar que me compete, pelo seu escravo Felipe Nery, [73]) mas tenho a satisfação que todos conhecem nesta Provincia que a origem é não ser eu inclinado a aparição do veto absoluto, o que bem se mostra pelo que tem praticado com a Guarda Nacio-

---

71) Elzeário de Miranda e Brito.

72) Bento Manuel Ribeiro que, em fevereiro de 1837 abandonara os imperiais aprisionando o então presidente da Província, Brigadeiro Antero José Ferreira de Brito. (Veja-se: Olynto Sanmartin — *Bento Manuel Ribeiro* e Bizarro de Andrade Pinto — *Um episódio da revolução dos Farrapos.*

73) Filipe Nery de Oliveira mais tarde Brigadeiro.

nal, que tantos e tão poderosos serviços tem feito a prol da Integridade do Imperio. [74]).

Agradeço a V. S. tantas provas que me tem dado da consideração que lhe mereço, e ambiciono ter repetidas ocasiões de lhe dar provas de gratidão.

Mande como pode ao

De V. S. O mais obrigamº Amº e Creado
João da Silva Tavares

Acampamento no Rincão dos Touros, 23 de Dezembro de 1838."

Embora em si estas notas de pouco valham podem, contudo, servir de algo para o estudioso que se quiser dedicar a escrever-lhe a biografia. E como sabemos que seu descendente, o oficial de nossa Marinha Comt. Adalberto Rechsteiner, está nisso empenhado, a êle dedicamos, com satisfação, êste trabalho.

---

74) Simples intrigas, por certo rivalidades de mando, indispuseram o Presidente Elzeário com João da Silva Tavares, que, altivo e cônscio de seus deveres, não se deixou dominar, respondendo, sempre, altivamente. Infelizmente a bajulação venceu, no momento, sendo Nery com menos serviços prestados à causa, colocado em posição superior. Mas tudo serenou, por fim, e Silva Tavares foi compensado, graças aos esforços, na Côrte, de Vieira Braga.

A República Rio-Grandense

Castilhos Goycochêa

A primeira fase do movimento revolucionário no Rio Grande do Sul, iniciado a 20 de setembro de 1835 com a deposição do presidente da Província e do comandante das armas, faria supor que se tratava, sòmente, de uma insurreição local, sem finalidades outras que a substituïção dos agentes do govêrno central.

A proclamação da independência da Província ao Império e a sua instituïção como Estado, sob forma republicana, em 11 de setembro do ano seguinte, esclareceu o verdadeiro desígnio dos **farroupilhas** ao se levantarem em armas contra o poder estabelecido: opor-se à reação desfechada pelo Partido Conservador ou Caramurú, da chefia dos irmãos Andrada, de Cairú e de Paranaguá, contra as conquistas liberais estatuídas no Ato Adiccional.

E' para ser assinalado, todavia, que não houve de parte dos revolucionários o intuito preconcebido de ocultarem êsse desígnio. Êle consta claramente da célebre mensagem em que Bento Gonçalves, chefe do movimento, dirigiu ao Regente Diogo Feijó, participando-lhe a deposição do Dr. Fernandes Braga da Presidência, e do Marechal Sebastião Barreto do Comando das Armas: "Exigimos que o Govêrno Imperial nos dê um governador da nossa confiança que vele pelos nossos interêsses, pelo nosso progresso, pela nossa dignidade..."

Essa faculdade de escolherem as províncias os seus governos e que, afinal, foi concedida a do Rio Grande do Sul

pelo Tratado de Paz assinado em Poncho Verde, em 1845, era a pedra angular do Ato Adiccional que aos poucos ia sendo revogado pelos absolutistas, no preparo da volta de Pedro I ao trono do Brasil.

O rompimento com o Império, portanto, foi apenas o **meio** de efetivar o protesto contra o retrocesso que se estava operando por intermédio das **Sociedades Militares.**

Em tôdas as ocasiões que se apresentaram, depois que Antônio de Souza Neto, a 11 de setembro de 1836, nas proximidades de Bagé, quebrou os laços de sujeição do Rio Grande do Sul ao Brasil, os chefes revolucionários apregoaram a sua intenção de fazê-lo voltar à união com as demais províncias, mas num regime federativo.

Souza Docca na sua obra lapidar "O Sentido Brasileiro da Revolução Farroupilha", alinhou tôdas as provas necessárias ao esclarecimento completo do assunto.

As manifestações políticas da República Rio-grandense, aliás, foram sempre no sentido de buscar apôio nas outras unidades (São Paulo e Minas Gerais) e de levar êsse apôio onde êle foi possível (Santa Catarina).

Da mesma forma que em tôdas as oportunidades, mesmo nos momentos mais dramáticos da vida do novo Estado, repeliram os republicanos sul-rio-grandenses as propostas de ligação aos países do Prata.

Iniciado o movimento revolucionário em Pôrto Alegre, a 20 de setembro de 1835, dentro de curto prazo estava generalizado por tôda a Província.

O govêrno regencial, entendendo que se tratava de uma simples sedição, acumulava erros sôbre erros como na preocupação de afastar de si tôdas as simpatias.

Os revolucionários farroupilhas, firmes no seu ponto de vista, convencidos de seu direito, com as conciências alevantadas pela nobreza do ideal esposado, entestavam com galhardia as fôrças opostas.

Fazia-se preciso, porém, esclarecer a verdadeira finalidade do movimento num ato bastante forte para chamar à realidade o gabinete do Rio de Janeiro. O Coronel Antônio Neto, comandante da 1.ª Brigada do exército revolucionário, encarregou-se disso.

A 10 de setembro de 1836, nas margens do Seival, em cruento combate, a 1.ª Brigada inflingiu completa derrota à coluna imperialista ao mando do Coronel Silva Tavares, e, no dia imediato, Antônio Neto proclamou a independência do Rio Grande do Sul sob forma republicana.

As câmaras municipais, em seguida, numa demonstração eloqüente de quão grande era o sentimento popular contra o centro, aplaudem e secundam a proclamação, elegem o Presidente e os Vice-Presidentes da República e declaram que o novo Estado, sob a denominação de REPÚBLICA RIO-GRANDENSE poder-se-ia "unir àquelas das províncias do Brasil que adotassem a mesma forma de govêrno".

Daí em diante, até a assinatura da paz em 28 de fevereiro de 1845, o govêrno da novel República, não obstante tôdas as vicissitudes, mantém-se em perfeita e exemplar organização política e administrativa.

Para o resguardo dos direitos, individuais ou coletivos, foi criado o Supremo Conselho de Justiça.

Para o exercício das funções de Bispo foi instituído o cargo de Vigário Apostólico.

Acreditou embaixadores nos Estados vizinhos; regulou a cobrança das rendas públicas e diminuiu os impostos; criou o Arsenal de Guerra, o Almoxarifado do Exército, o Laboratório de Inflamáveis, uma fábrica de artefactos de couro; tratou da dívida pública e regulamentou o uso do passaporte.

O poder executivo era exercido pelo Presidente da República coadjuvado pelos ministros. Para limitar-lhe a ação foi decretada **ab-initio** obediência à Constituïção do Império, "salvo o que estivesse em desacôrdo com a nova forma de govêrno", e enquanto não fôsse possível a eleição de deputados à Assembléia Legislativa.

Embalde a perfeita organização da República Rio-grandense como Estado, os responsáveis pelo movimento — Antônio Neto à frente — desejavam ardentemente a consulta ao povo em eleição regular.

A guerra, entretanto, impedia a realização do pleito com a amplitude desejada.

Em 1838, Bento Gonçalves considerando a impossibilidade das eleições mas querendo firmemente consultar a opinião pública, praticando dessarte a vera democracia, convoca, por decreto de 18 de setembro, um Conselho de Procuradores Gerais dos Municipios, a serem eleitos pelas Câmaras Municipais.

No anno seguinte, em dezembro, êsse órgão reüniu-se em Caçapava, então Capital da República, tomando as providências imprecindíveis à realização das eleições e outras medidas de caráter legislativo.

Em 1840, afinal, realizaram-se em tôdas as circunscrições da República Rio-grandense as eleições dos representantes do povo que iriam constituir a Assembléia cuja finalidade principal era confeccionar a Carta Magna para o novo Estado Americano.

Só nos fins de 1842, porém, pelos motivos conseqüentes da guerra que não tinha tréguas, é que pôde a Assembléia Constituinte e Legislativa se reünir em Alegrete.

E' para ser assinalado que não obstante os sete anos de luta armada em todo o território da então Província; do esfôrço sobrehumano que foi a expedição à Santa Catarina; da superioridade que o governo imperial desfrutava nas águas, dominando por isso a saída para o mar; a sessão inaugural dessa Assembléia, em plena campanha, a 1.º de dezembro de 1842, foi qualquer coisa de notável.

A descrição de quem a assistiu é empolgante: Ninguém diria naquele ambiente, tal era a calma e a severidade reinantes, que alí se estava vivendo a hora máxima de um pequeno povo em luta pela Liberdade, havia muito, com o govêrno de um dos maiores impérios da Terra!

A "fala" de Bento Gonçalves, Presidente da República, entregando os poderes de que estava investido, foi um monumento de sobriedade e de desprendimento.

Cada um daqueles homens, de resto, estava compenetrado sinceramente do alto e digno papel que estava representando no palco da história pátria.

A 8 de fevereiro de 1843 a Comissão incumbida de elaborar o projeto de Constituïção para a República Rio-grandense, entregou-o à Mesa da Assembléia.

Florêncio de Abreu, nos nossos dias, estudando êsse trabalho, declarou que êle serviu de **substratum** à Constituïção de 24 de fevereiro de 1891, não se distanciando, portanto, do estatuto fundamental vigente, organizado em 1934.

Na opinião de Machado de Castro, citado por Vítor Russomano, a Inconfidência Mineira foi o bêrço das nossas tradições republicanas, a Confederação do Equador o berço histórico da aspiração federalista e a República de Piratiní consubstanciou em lei o direito público, traçando as atribuïções dos seus poderes.

A revolução farroupilha, aliás, além de ter sido o mais longo e mais sério dos movimentos armados na América, em todas as épocas, foi a única, no Brasil, que conseguiu dar forma, em lei, às suas idéias.

Instituída na manhã de 11 de setembro de 1836, nas nascentes do rio Jaguarão, a República Rio-grandense deixou de existir na tarde de 25 de fevereiro de 1845, junto ao Poncho Verde, quando foi assinado o Tratado de Paz com o Império.

A luta armada violentíssima que manteve durante todo o período de sua existência contra as fôrças de que dispunha o govêrno central, teve o alto mérito de impedir o retrocesso

ao absolutismo sonhado pela gente do Partido Conservador e o de obrigar, embora lentamente, o avanço das idéias liberais no sentido da Federação.

Quando a bandeira tricolor da República foi arriada em holocausto à integridade da pátria comum ameaçada do Prata, o ideal dos **farrapos** havia contaminado todos os povos da Nação. A série de conflitos internacionais que sucederam quase imediatamente protelou a sua vitória integral. Ao findar a Guerra do Paraguai, porém, êle exsurge imperioso para logo depois, derribar o império e instituir a república.

Bento Gonçalves, em 1835, exigiu do Govêrno Imperial que desse ao Rio Grande do Sul "um governador da nossa confiança, que vele pelos nossos interêsses, pelo nosso progresso, pela nossa dignidade".

O tratado de paz de 1845, em seu artigo 1.º, estabeleceu: "O indivíduo por nós indicado para Presidente é aprovado pelo Govêrno Imperial e passará logo a presidir a Província."

O fim da República Rio-grandense, portanto, nada teve de melancólico. Foi uma vitória.

O Decênio Farroupilha em São Gabriel

por Celso M. Schröder

A população gabrielense não poderá deixar de se associar com entusiasmo às festividades com que se vai comemorar o 1.º centenário do início do formidável prélio conhecido pelo nome de Revolução Farroupilha, (1) porquanto, desde o começo do decênio épico, foi esta localidade uma das que mais estreitamente participaram dos eventos da época.

Percorramos, portanto, as páginas de nossa História, para acompanhar o desenrolar dos referidos acontecimentos, na parte que diz respeito a São Gabriel.

— 1835 —

Já em 19 de setembro de 1835, na então modesta sede do 3.º distrito do município de Caçapava, começaram a agir os partidários do movimento que irromperia no dia seguinte, aproveitando-se êles da realização de um baile, de que participava o capitão Francisco de Paula Macedo Rangel, comandante do 3.º regimento de cavalaria, cuja unidade, com menos de 100 homens, aquartelava na povoação, em um novo e sólido sobrado.

A-pesar-de comparecer à festa, não se descuidou Macedo Rangel da responsabilidade que lhe cabia, tendo em mente, com certeza, o conhecido aforismo bíblico que diz: "Nunca

(1) Esta colaboração, que devia aparecer na celebração da data do centenário da grande revolução, só agora nos foi possível divulgar. (N. R.)

louvarei o capitão que diz — Eu não cuidei", tendo deixado sua fôrça de prontidão no quartel e havendo distribuído munição e reforçado o regimento com praças de infantaria, de Pernambuco, que se haviam reformado e fixado residência na localidade.

Vendo que o comandante da guarnição suspeitava do que se tramava e estava vigilante, congregaram-se os Farroupilhas, em número de 300, junto à povoação, sob o comando de João Antônio da Silveira, valoroso guerreiro de 40 anos de idade, natural de Rio Pardo, que já fizera as campanhas externas do Uruguai (1811-2 e 1816-20), da Independência (1822-3) e da Cisplatina (1825-8) e fôra um dos participantes da infortunada expedição aprisionada pelos argentinos em Carmen de Patagones (1827.)

Domingos Alves Barboza escreveu para Alegrete que em São Gabriel se reünia gente e que a fôrça de linha se achava em alarma por saber, por meio de cartas, que o presidente Antônio Rodrigues Fernandes Braga fôra deposto e que em Jaguarão estavam se congregando elementos que eram contra êsse ato.

No mesmo dia 19 de setembro o capitão Jorge de Mazarredo e o tenente Manuel Luiz Osório (depois marquês de Herval), com o desígnio de se acolherem a São Gabriel, partiram de Bagé com parte do 2.º regimento de cavalaria que se conservou fiel à Legalidade e foram pernoitar em Jaguarí. Em Taquarembó se lhes reüniu o marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto, que exercia o comando da região ou, como então se dizia, era o "comandante das armas da província" e estava na ocasião em sua fazenda naquele local, o qual estabeleceu seu quartel general em Jaguarí no dia 29.

Em São Gabriel, depois de alguns dias de sítio, soube João Antônio da Silveira que em princípio de outubro o marechal Barreto levantara acampamento de Jaguarí e vinha em socorro da praça sitiada, trazendo, também, um contingente de infantes baïanos, motivo pelo qual resolveu o chefe revolucionário investir, sem mais protelação, a fôrça legal.

Dividiu sua hoste em duas frações, situando uma delas na estrada de Bagé, sob o comando do alferes Afonso José de Almeida Côrte Real, — esforçado rio-pardense de 26 anos de idade, que participara da guerra da Cisplatina em 1825-8, — afim de prevenir a aproximação da coluna do marechal, e, com a outra, entrou povoação a dentro, ao meio dia de 4 de outubro, procedendo na praça à leitura da proclamação do coronel Bento Gonçalves da Silva, chefe da revolução. Foi cercado o quartel da fôrça legal.

Como não fôsse dada por esta a esperada reação, o alferes Joaquim de Faria Corrêa chegou à face direita do prédio e deu vivas, que foram correspondidos pelos soldados, os quais abriram as portas do quartel e fraternizaram com os revolucionários, ficando prisioneiros Macedo Rangel, seus oficiais e alguns inferiores. Êste feliz desfêcho tornou desnecessária a vinda de um refôrço de Cachoeira, pois Bento Gonçalves no dia 2, ao saber da resistência de Macedo Rangel, havia determinado que o alferes Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Mena fôsse com 50 guardas nacionais para São Babriel, reünindo no trajeto os voluntários que fôsse possível e pondo-se, ao mesmo tempo, em comunicação com o coronel Bento Manuel Ribeiro.

Informado, por dois bombeiros, de que se avizinhava a esperada coluna de Barreto, composta de 200 homens, dela participando o coronel José Rodrigues Barboza, o capitão Jorge de Mazarredo e o tenente Manuel Luiz Osório, mandou João Antônio, às 15 horas do mesmo dia 4 de outubro, que o tenente Manuel José Pires da Silveira Casado reforçasse o destacamento de Côrte Real e ao anoitecer seguiu êle próprio, na mesma direção, com 300 cavalarianos e 60 infantes.

À uma hora da madrugada, na altura do cêrro de Batoví, o piquete da vanguarda desfechou os primeiros tiros na coluna legalista e o marechal Barreto, vendo que sua gente mostrava disposição de aderir ao movimento, consultou o coronel Rodrigues Barboza e declarou dissolvida a fôrça que comandava, procurando, em seguida, ganhar a fronteira uruguaia, juntamente com aquele seu subalterno.

Foram afastados, assim, do campo da luta, dois dedicados campeões da causa legal: — o marechal Sebastião Barreto, outro ilustre filho de Rio Pardo, velho militar de 55 anos de idade e 42 anos de serviços à Pátria, veterano das campanhas de Missões (1801), Uruguai (1811-2 e 1816-20), Independência (1822-3) e Cisplatina (1825-8) e neto, pela parte paterna, do coronel português Francisco Barreto Pereira Pinto, tronco da ilustre família Mena Barreto, pois um filho dêste coronel, João de Deus Barreto Pereira Pinto, adotando o nome de João de Deus Mena Barreto, foi marechal do exército e barão e depois visconde de São Gabriel, dando origem àquela nobre linhagem de notáveis militares; — e o coronel José Rodrigues Barboza, rio-grandense de grande valor e também batalhador das guerras de 1811-2, 1816-20, 1822-3 e 1825-8.

Após a dispersão de Batoví, regressou João Antônio a São Gabriel e aí recebeu a adesão, no mesmo dia, de mais de 100 praças da fôrça dissolvida, celebrando sua incruenta vitória com um solene "Te Deum". O próprio tenente Osório, que fôra até a fronteira pôr a salvo o capitão Mazarredo, apresentou-se em São Gabriel para dar seu apôio a essa fase da revolução.

O coronel Bento Manuel Ribeiro, cujo prestígio e ligações na zona de São Gabriel a Missões são ressaltados por Pandiá Calógeras, instado, entre outros, pelos guardas nacionais de São Gabriel, reünira elementos de Alegrete e São Borja e se encaminhara, pelo passo de São Simão, em auxílio de João Antônio. Em Cacequí soube Bento Manuel no dia 7 de outubro, na estância de Severino Antônio da Silveira, por carta de João Antônio, que Macedo Rangel havia sido aprisionado e adiantou-se, à tarde, até a estância do tenente-coronel reformado Antônio Ferreira Vale, (1) onde teve, no dia seguinte, uma entrevista com João Antônio e Côrte Real, entrando, finalmente, em São Gabriel, onde, congregando os

(1) Hoje pertencente ao Dr. Tomaz Vale.

elementos que trazia com os que aí estavam organizados, viu sob seu mando 1.500 homens.

Bento Gonçalves achava-se no Camaquã, em marcha para o passo da Armada, quando soube da adesão da guarnição de São Gabriel e daí determinou a Bento Manuel que enviasse fôrças sôbre Pelotas.

O coronel Olivério José Ortiz, que havia pedido de Caçapava auxílio de gente para São Gabriel, comunicou em 7 de outubro ter-se tornado o mesmo desnecessário.

Moveu-se, logo depois, Bento Manuel para o lado da fronteira. Em 13 de outubro já se achava no passo da Armada, fazendo seguir pelo passo de Rosário, com destino a Caçapava o 8.º batalhão de caçadores do major João Manuel de Lima e Silva, reforçado em caminho por elementos da zona que atravessava.

Em 12 de outubro reüniram-se em conselho em São Gabriel os juízes de paz Camilo Maria de Menezes, Antônio de Faria Corrêa e Vicente Borges do Canto, os inspetores de quarteirão Florentino de Deus Machado, Antônio Arranca Pedras, Bonifácio José Crispim e José dos Santos Menezes, o capitão João Antônio da Silveira Filho, os tenentes Vicente Luiz Machado e Manuel José Pires da Silveira Casado, o alferes Fidelis Nepomuceno Prates Filho, os sargentos José Antônio Ferreira Neto, José Bernardes do Canto, José Rufino dos Santos, Augusto de Siqueira Pereira Leitão e Francisco Pinto da Silva, os furriéis Manuel Carvalho da Silva Filho e Francisco Luiz de Lima e o escrivão Luiz dos Santos Luge, na residência do primeiro dêles, que foi quem os convocou no dia 10, não tendo comparecido o juiz de paz Tomaz Ferreira Vale Filho "por se achar fora do distrito em diligência da causa nacional", diz a respectiva ata, e o Alferes Dinarte José do Canto, que se encontrava enfêrmo. Nessa reünião Camilo Maria de Menezes deu conhecimento aos cidadãos convocados da resistência oposta pelo capitão Macedo Rangel e da correspondência trocada entre êste e os inspetores de quarteirão, assim como do protesto que apre-

sentara ao mesmo capitão e do inventário do armamento arrecadado, o que tudo foi aprovado pelo Conselho.

Em 16 de outubro achava-se acampado junto a São Gabriel, com o 8.º batalhão de seu comando, o major João Manuel de Lima e Silva, a quem o capitão reformado Francisco Xavier Metelo, morador na localidade e avô do venerando gabrielense major Porfírio da Cruz Metelo, supriu determinada quantia para pagamento daquela unidade.

O coronel Bento Manuel Ribeiro, — que possuía em terras gabrielenses uma légua de campo em Cambaí, por herança de sua mulher, que era filha de um dos primeiros povoadores do município de São Gabriel, Antônio Monteiro Manço, que em 1796 mediu judicialmente sua posse naquele local, — em 9 de novembro já se encontrava novamente em São Gabriel, recebendo as felicitações da Câmara Municipal de Rio Pardo pela sua recente nomeação para Comandante das Armas da província, a assunção de cujo cargo comunicou da povoação, na mesma data de 9, ao presidente do Rio Grande do Sul, elevado pela revolução, Dr. Marciano Pereira Ribeiro.

Abrindo aquí um parêntese, achamos curioso relatar que, para o período de 1.º de novembro de 1835 a 30 de junho de 1838 foi o imposto de carne verde "da capela de São Gabriel" arrematado por João Pacheco de Assís e que nessa época o correio de Pôrto Alegre para São Gabriel partia todos os domingos, pela manhã. Outra ocorrência interessante se deu em 11 de novembro com a proïbição, a bem da salubridade pública, da inumação de cadáveres no antigo cemitério, sendo designado local para outro, fora da povoação; a ata então lavrada foi firmada pelo cura Joaquim Ribeiro de Andrade e Silva, o juiz de paz Camilo Maria de Menezes, o escrivão Luiz dos Santos Luge, Florentino de Deus Machado, Fideliz Nepomuceno Prates Filho, Zeferino Teixeira de Carvalho e Tomaz Ferreira Vale Filho.

No mês seguinte deu-se em São Gabriel um fato de capital importância, que veio marcar o início de uma nova fase no desenrolar dos acontecimentos.

A revolução, desviada de seu propósito inicial, que era a deposição do presidente Fernandes Braga, lançou-se numa senda perigosa, cujo fim não era dado prever, recusando-se a Assembléia Legislativa, sob a pressão da demagogia, a empossar o novo presidente nomeado pelo govêrno central, Dr. José de Araújo Ribeiro (depois visconde de Rio Grande). O coronel Bento Manuel Ribeiro, vendo que o movimento tomava outros rumos, que levariam o Rio Grande do Sul à guerra civil e quiçá à anarquia, resolveu declarar-se resolutamente pelo novo mandatário legal. Estabeleceu seu quartel-general em São Gabriel e atendendo ao apêlo das Câmaras Municipais de Rio Grande, Pelotas e São José do Norte, trazido por seu filho, Dr. Sebastião Ribeiro, daí lançou seu manifesto de 30 de dezembro de 1835, no qual declarava apoiar Araújo Ribeiro e concitava seus compatrícios a cerrar fileiras em tôrno do legítimo representante da ordem legal. Começou, logo depois, a reünir gente entre São Gabriel e Caçapava, sendo acusado pelos seus adversários de ter engrossado suas hostes até com presos da cadeia de S. Gabriel.

— 1836 —

A proclamação de Bento Manuel teve rápida repercussão na província, pois em 17 de janeiro de 1836 já era afixada noutro extremo dela, em Santo Antônio da Patrulha, aí provocando um incidente.

Tendo, no prosseguimento de suas operações de guerra, abandonado São Gabriel, soube Bento Manuel, em 2 de fevereiro, junto ao rio Vacacaí, que fôrças do coronel Côrte Real a haviam ocupado e aí estavam reünindo gente. Mandou, do passo de Bossoroca, uma partida legalista reapossar-se da localidade, o que foi feito em 3 de fevereiro, retirando-se para Cachoeira o chefe revolucionário Côrte Real, que só reünira 20 homens. No dia seguinte Bento Manuel escreveu do Vacacaí ao presidente Araújo Ribeiro e incumbiu o coronel José Antônio Martins de ocupar São Gabriel, para impedir que os revolucionários reünissem elementos em seus arredores.

Em 12 de fevereiro, a Assembléia Provincial, declaradamente revolucionária, mandou averiguar se Bento Manuel havia pôsto em sítio a povoação de São Gabriel para, por meio do terror, conseguir reüniões de guardas nacionais, sendo êle acusado, também, de ter soltado da cadeia facinorosos de morte.

Logo depois, voltou São Gabriel ao poder dos revolucionários, com a entrada das fôrças de João Antônio da Silveira, o qual daí escreveu ao coronel Côrte Real em 21 de fevereiro dando-lhe informações sôbre a marcha dos acontecimentos e as incorporações que estava fazendo.

Cumprindo as ordens de Bento Manuel, voltavam para São Gabriel a Guarda Nacional de Alegrete e o 3.º corpo de cavalaria de 1.ª linha do major Teodoro Burlamaqui, sob o comando do coronel José Antônio Martins, denodado filho de Triunfo, que participara das guerras do Uruguai (1811-2 e 1816-20), Independência (1822-3) e Cisplatina (1825-8), quando em Cacequí, no dia 25 de fevereiro, manifestou-se a fôrça em rebelião. Martins acolheu-se a São Diogo e seus comandados foram apresentar-se em São Gabriel a João Antônio, dando sua adesão à causa revolucionária.

Êste fato deu lugar a que o govêrno imperial mandasse dissolver o Corpo de Artilharia a Cavalo e o Regimento de Cavalaria que havia aderido à revolução.

João Antônio da Silveira hostilizou a retaguarda de Bento Manuel e foi fazer junção em Formigueiro no dia 3 de março com o major Lima e Silva, enquanto o chefe legalista, por meio de hábeis manobras, procurava evitar o combate até receber as incorporações que aguardava. Voltou, finalmente, Bento Manuel ao distrito de São Gabriel e foi acampar no rio Jaguarí, onde fêz junção com as fôrças trazidas de Jaguarão por dois diligentes guerreiros das campanhas havidas no Uruguai desde 1811 — tenente-coronel João da Silva Tavares, depois visconde de Cêrro Alegre, e tenente-coronel Antônio de Medeiros Costa, sogro do mais tarde famoso general Mallet.

Esta ocorrência se verificou em 13 de março e logo Bento Manuel tratou de dar combate, em local desfavorável ao adversário, à coluna revolucionária do coronel Côrte Real, que se dirigia sôbre São Gabriel. Com êsse intento, transladou-se para a margem esquerda do rio Santa Maria, que varou no passo de São Borja.

Côrte Real, que vinha de Cachoeira e soube em 4 de março que Bento Manuel ia em direção a São Gabriel, aceleradamente e recrutando cavalos, transpôs o rio Vacacaí no passo do Rocha, disposto a acometer o chefe legalista com 650 homens, a-pesar-de Bento Gonçalves (que no dia 13 de março marchou das pontas do Quebracho em direção a São Gabriel) recomendar-lhe que não atacasse o experimentado veterano e sim o levasse em direção a São Gabriel, onde êle, Bento Gonçalves, se acharia com 1.000 homens no passo do Pinto, em campos do capitão Fidelis, permitindo que o coronel Antônio de Souza Neto, com 800 homens, lhe cortasse a retirada.

Depois de realizar conselho de oficiais em Inhatium, enveredou Côrte Real sôbre o passo de Rosário, onde foi derrotado e aprisionado por Bento Manuel, quando Lima e Silva e Bento Gonçalves já se achavam, com suas colunas, no rio Cacequí e no passo de Vacacaí, respectivamente, de onde saiu a 18, êste último.

Após esta, para a revolução, desastrosa ação belica, dois oficiais de Bento Manuel foram a Pau Fincado em busca de elementos, enquanto o presidente Araújo Ribeiro lhe determinava que prendesse em São Gabriel Severino Antônio da Silveira, Fidelis Nepomuceno de Carvalho Prates (pai e filho), José Ferreira Gomes Roque, Maneca e os Machados.

Em 23 dêste mês de março encontrava-se o major João Manuel de Lima e Silva, com sua coluna, na estância da Caieira (atualmente propriedade de Dª. Arí Azambuja de Sierra), quando diversos moradores de São Gabriel lhe solicitaram que 10 ou 11 soldados ficassem guarnecendo a povoação sob o comando do alferes Francisco Batalha ou de Joaquim de Faria Corrêa. Lima e Silva atendeu os solicitantes,

mandando que o primeiro dêsses oficiais ficasse encarregado do policiamento da freguesia de São Gabriel.

Bento Gonçalves, procedente de São Gabriel, transpôs o passo de São Borja, onde sofreu grande deserção, e determinou em 19 de março ao tenente-coronel João Antônio da Silveira que avançasse para a estância de Umbú ou Pôrto do Paraguaí. Continuou o chefe farroupilha em seguimento de Bento Manuel, mas não tendo conseguido alcançá-lo, retrogradou para o passo do Barreto e no dia 24 já estava em Campo Sêco, onde mandou fuzilar 7 soldados de sua gente, que haviam praticado furtos. Cinco dias depois, ainda se achava Bento Gonçalves na costa do rio Santa Maria, determinando para Pôrto Alegre a reünião dos dispersos da coluna derrotada de Côrte Real, que eram daquela capital, de Rio Pardo, de Cachoeira, de Triunfo e de Santo Antônio da Patrulha.

Em maio Bento Manuel seguiu, com as fôrças que comandava, para São Gabriel e aí prendeu o juiz de paz Camilo Maria de Menezes, extremado farroupilha, que muito se distinguira nos acontecimentos de que resultou a prisão de Macedo Rangel nos primórdios da revolução. Foi êle enviado para São Borja e de lá para Cruz Alta e os porões da "Presiganga" em Pôrto Alegre.

Rumou depois o chefe imperialista para o arroio Santa Bárbara e daí fêz, em junho, o capitão João Propício Mena Barreto (depois barão de São Gabriel), ir ocupar a povoação, da qual se retirou o chefe revolucionário João Antônio. Mena Barreto, encarregado de reünir gente em São Gabriel e Santa Maria e de operar contra os grupos revolucionários que por aí se achavam, aliciou, nesta ocasião, mais de 500 homens para a causa da Legalidade.

Não se achando Manuel dos Santos Loureiro, com sua fôrça, no passo de São Borja para fazer junção com a coluna de João da Silva Tavares em 10 de agôsto, viu-se êste chefe legalista obrigado a contemporizar suas marchas na região do Candiota, dando lugar à completa derrota de sua fôrça na batalha de Seival.

— 1837 —

Veio o ano de 1837, no qual a revolução tomou novo surto com a adesão do experimentado chefe legalista general Bento Manuel Ribeiro, que a-pesar-dos seus 54 anos mostrava-se o mesmo batalhador arguto e destemido das campanhas de Missões (1801), Uruguai (1811-2 e 1816-20), Independência (1822-3) e Cisplatina (1825-8).

Quando a revolução estava, a bem dizer, senhora de todo o Rio Grande do Sul, o famoso caudilho reünira contra ela fôrças e elementos dispersos, com tenacidade e suma habilidade, conseguindo bater e aprisionar os principais chefes da revolução, chegando o exército revolucionário a ter de emigrar para o estrangeiro. Nessa tarefa mostrou-se conciliador e tolerante, procurando a terminação da luta pela anistia, o que lhe trouxe a animosidade dos legalistas exaltados e do novo presidente legal, marechal Antero José Ferreira de Brito, depois barão de Tramandaí, que chegou a ter o projeto de prendê-lo. Seu orgulho não toleraria semelhante desaire.

Bento Manuel era muito sensível a agrados e elogios, mas tinha um caráter muito susceptível e temperamento impulsivo, que o levaram a praticar atos de cuja repercussão, talvez, não se capacitasse no momento e dos quais, possìvelmente, se arrependeria mais tarde.

Achava-se o chefe legalista em São Gabriel, em março de 1837, bastante melindrado com o novo presidente, pela perseguição que êste governante movia ao ex-presidente Araújo Ribeiro e a seus amigos, quando soube que era intenção de Antero prendê-lo. Viera de Três Passos e recebera em São Gabriel um ofício do ministro da guerra Limpo de Abreu. Daí escreveu ao ministro marquês de Lages em 16 de março sem nada dar a perceber, porém chamou a São Gabriel o tenente-coronel Loureiro e participou-lhe que ia entrar em entendimento com os chefes revolucionários para evitar o precipício em que se lançaria o Rio Grande do Sul com as arbitrariedades de Antero. No dia 20 constou que ha-

via firmado um acôrdo com Canabarro, Neto e João Antônio e partiu da Povoação no dia seguinte, com soldados do 3.º corpo de cavalaria e civís, com destino ao passo de Itapeví.

O presidente Antero internou-se despreocupadamente, esteve no Vacacaí e transpôs o rio Santa Maria no passo de São Simão, para ser finalmente preso no referido passo de Itapeví pelas fôrças de Bento Manuel, participando de sua prisão o tenente Joaquim Farias, de São Gabriel. A comitiva de Antero foi recambiada para Pôrto Alegre, tendo feito o trajeto do passo de São Simão à Bôca do Monte debaixo de grande susto, porque constava que os revolucionários haviam ocupado São Gabriel em 22 de março.

O tenente Manuel Luiz Osório, quando se dirigia de Caçapava com a tropa de linha da brigada do tenente-coronel Medeiros Costa em procura de Bento Manuel, por determinação dêste, chegou em São Gabriel, onde pensava encontrá-lo e aí soube da nova atitude por êle assumida e, não concordando com a defecção do seu chefe, tratou de se acolher a Caçapava.

Bento Manuel entrou em entendimentos com os revolucionários para conseguir um congraçamento geral, que trouxesse a paz ao Rio Grande do Sul, porém, êste seu propósito não encontrou eco entre os legalistas, resultando ficar o velho caudilho, pela fôrça das circunstâncias e sem grande convicção, ao lado da causa republicana.

Depois da queda de Caçapava em poder dos revolucionários, João Antônio, Bento Manuel e o general uruguaio Fructuoso Rivera seguiram rumo a São Gabriel, à frente de 450 homens e 8 canhões, com o desígnio de bater a brigada legalista de Bonifácio Isás Calderón, que estava em Alegrete.

Rivera, foragido de Pôrto Alegre, onde o govêrno queria interná-lo, achava-se em 5 de abril em Cacequí, de onde escreveu ao marechal Gaspar Francisco Mena Barreto e ao major José Joaquim de Andrade Neves (depois barão de Triunfo) com referência à prisão de Antero e aos projetos de pacificação e congraçamento que abrigava Bento Manuel.

A 28 de abril o coronel João Antônio da Silveira, o te-

nente-coronel Davi Canabarro e os majores José Antônio Carneiro e Joaquim Teixeira Nunes declararam em São Gabriel que não consideravam o vice-presidente da República Rio-grandense, Antônio Paulo da Fontoura, culpado dos atos de que o acusavam os próprios correligionários.

Nesta época, em 11 de maio, Canabarro escreveu ao general Antônio de Souza Neto, que sitiava Pôrto Alegre, aconselhando-o a organizar um exército junto a São Gabriel, para daí marchar sôbre Rio Grande ou para onde fôsse necessário, o que vem demonstrar a importância estratégica, tantas vezes relembrada, dêsse interessante ponto, à margem do rio Vacacaí.

Em junho foi aprisionado e levado a São Gabriel o coronel legalista Antônio de Melo Albuquerque, o qual em outubro fêz uma reação, secundado pelos capitães João Propício, Batista e Manuel Cipriano, ficando a fôrça que reüniram, sob o comando do primeiro.

Em agôsto João Antônio andava com sua gente por Cacequí e em 26 dêsse mês Canabarro pediu-lhe que mandasse de São Gabriel uma fôrça que se postasse no passo de São Lourenço e que o capitão Vasco Marques fôsse das pontas do Jaguarí para Caçapava.

Escoou-se assim o ano de 1837 em relativa calma para a povoação.

— 1838 —

O ano de 1838 transcorreu plácido e sereno, sem que o rumor dos prélios sangrentos perturbassem a quietação da gleba gabrielense.

Por uma recomendação feita em 1.º de outubro de 1838 pelo ministro da fazenda do govêrno republicano, sediado em Piratiní, vê-se que ao coletor Antônio Vicente da Fontoura estava subordinada, entre outras, a coletoria de São Gabriel.

Em 2 de outubro vemos nomeado pelo mesmo govêrno para o cargo de coletor de São Gabriel o cidadão Domingos José Alvares da Cunha, o qual foi substituído interinamente

por José Ferreira de Guimarães Filho enquanto não prestasse compromisso e se entendesse com o Tesouro, e a 31 do mesmo mês o ministro da fazenda revolucionário remeteu ao juiz de paz de São Gabriel, para serem distribuídos, 20 exemplares do jornal "O Povo", órgão oficial do govêrno republicano, fazendo-lhe ver que, do seu conteúdo, delucidaria algumas objeções acêrca da troca do cobre amoedado, determinada pela administração financeira da novel república.

Segundo um balancete publicado pelo govêrno republicano de Caçapava, a coletoria de São Gabriel rendeu até 5 de dezembro Rs. 1:432$466, tendo despendido por ordem do govêrno, com diversos comandantes de fôrças, Rs. 1:132$466 e recolhido ao Tesouro farroupilha Rs. 300$000.

Por uma ata referente a um despacho de mercadorias feito por Francisco Borges do Canto, em São Gabriel, em 2 de novembro, vê-se que nessa época eram, na povoação, coletor e juiz de paz, Antônio de Faria Corrêa, e escrivão Luiz Carlos de Oliveira.

— 1839 —

Depois de um prolongado período de arrefecimento nos feitos bélicos, registou-se em 5 de fevereiro de 1839 um combate junto ao rio Vacacaí, no qual foi derrotado o caudilho legalista José Alves de Simas, mais conhecido por Juca Cipriano, que deixou 6 mortos e 2 prisioneiros.

Em março, quando se realizaram as eleições primárias para a Constituinte Republicana, o ministro da guerra da República, tenente-coronel José da Silva Brandão, assistiu as efetuadas em São Gabriel.

Por um ato do ministro da fazenda da República, de 29 de março, foi nomeado administrador do correio de São Gabriel o já nosso conhecido prócer farroupilha Camilo Maria de Menezes, sabendo-se que o estafeta que trazia a correspondência de Caçapava fazia paradas na campanha nas vivendas de Antônio José da Mota (em Santa Bárbara), do tenente Manuel Antônio da Silva, do arrendatário da estância

de Manuel Alves de Oliveira e de Antônio dos Santos Menezes e que, no trânsito de São Gabriel para Alegrete, passava nas casas de Manuel José Pereira da Silva, Severino Antônio da Silveira, capitão Severo (do outro lado de São Simão), Constantino José Lopes e tenente Félix Alexandre.

A data de 10 de maio assinalou o saque da povoação pelos caudilhos legalistas Dedeco e Wenceslau.

Poucos dias depois recebeu São Gabriel a visita de Antônio Manuel Corrêa da Câmara, que fôra nomeado Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário, com honras de Embaixador, da República Rio-grandense junto ao govêrno do Paraguai. O novo embaixador havia tido uma vida aventurosa: combatera contra os franceses na Península Ibérica, fôra funcionário de Napoleão na Itália, viajara pela Europa e Índia e residira na Argentina e Paraguai. Trazia como secretário José Narciso Antunes da Porciúncula (que depois radicou-se em São Gabriel e foi avô dos ilustres gabrielenses Drs. José Narciso da Silveira Antunes e Carlos da Silveira Antunes), tendo se adiantado da comitiva o cabo Laureano Fagundes para pedir ao juiz de paz de São Gabriel que prevenisse homens e cavalos para o séquito de S. Exa. e trazer a correspondência que lhe era destinada. No dia 14 de maio soube o ilustre itinerante que a povoação de São Gabriel estivera em alarme por ter corrido a notícia de que Juca Cípriano ia investí-la, o que depois se verificou ser falso, e no dia 15 já se encontrava na estância de Florêncio Nepomuceno Prates, a 1 ½ légua do povoado, depois de ter feito escala pelas propriedades rurais de José Lidório e Boaventura. Aí recebeu comunicação do juiz de paz de que, talvez, só lhe pudesse fornecer cavalos.

Este mês de maio assinala também uma determinação do govêrno revolucionário para que o juiz de paz recolhesse a Caçapava tôda a pólvora e chumbo que fôssem encontrados no distrito de São Gabriel.

Outro visitante de destaque recebeu São Gabriel com a chegada do capitão do exército argentino Toríbio Lara, que esteve hospedado numa estância perto da povoação e daí se

transportou para Caçapava, em missão reservada do ditador Rosas junto ao govêrno republicano.

A povoação estava nessa época favorecida de visitas de altas personalidades, pois em julho o próprio presidente da República Rio-grandense, general Bento Gonçalves da Silva, foi à "importante povoação de São Gabriel", na frase do jornal oficial da República, acompanhado do ministro da guerra, da marinha e do exterior, coronel José Mariano de Matos, que era também vice-presidente da República.

Esta visita prendia-se ao seguinte:

O general Bento Manuel Ribeiro mostrava-se desgostoso com os revolucionários e vendo insolúvel a guerra civil, que, a-pesar-de norteada por grandes ideais, devastava e empobrecia o Rio Grande do Sul, desejava deixar o comando que exercia no exército republicano. Sabendo que êle passaria em São Gabriel no dia 23 de julho, Bento Gonçalves foi aguardá-lo na povoação, porém Bento Manuel não veio, mandando, entretanto, seu pedido de demissão. O presidente farroupilha escreveu-lhe, convidando-o a vir a São Gabriel, o que se verificou no dia 26. Em 27 chegou também à povoação o Dr. Sebastião Ribeiro, realizando-se um amplo entendimento entre os ilustres próceres, que deu em resultado demover Bento Manuel, ainda que temporàriamente, do intento que abrigava.

Foi certamente nesta sua detença em São Gabriel que José Mariano iniciou na Maçonaria o fazendeiro Tomaz Ferreira Vale Filho, conforme certificado que êle firmou e que faz parte hoje do arquivo da loja maçônica local "Rocha Negra".

De São Gabriel, Bento Gonçalves e José Mariano foram a Cacequí, onde em agôsto nomearam diversos oficiais para a Guarda Nacional, cabendo às 5.ª e 6.ª companhias do distrito de São Gabriel os capitães José Bernardes do Canto, e Joaquim Barboza do Prado, os 1.º tenentes Luiz Corrêa da Câmara e Antônio Joaquim Pereira e os 2.º tenentes Inocêncio Antônio Borges, Laurentino de Carvalho, Manuel Pinto da Silva e João Carneiro de Barros. Em novem-

bro estavam de volta em Caçapava aqueles dois chefes farroupilhas.

Nessa época houve uma coleta para atender às despesas da revolução, tendo em São Gabriel concorrido, cada um, com a quantia de Rs. 100$000 os cidadãos Fidelis Nepomuceno Prates, Bonifácio José Crispim e Antônio Gonçalves de Freitas.

12 de agôsto assinala um fato de alta relevância para a terra gabrielense. Tendo o govêrno farroupilha determinado que fôsse localizada em São Gabriel uma escola pública de ensino mútuo pelo sistema Lancaster, muito preconizado pelos pedagogos da época, o juiz de paz da florescente aldeia das margens do Vacacaí, Antônio de Faria Corrêa, fêz todo o possível para a instalação da aula, suprindo à sua custa o necessário para as despesas dela decorrentes, visto a Coletoria local não dispor de fundos para custea-las, e convidou para regê-la o digno patriota Luiz Carlos de Oliveira, que desde 17 de agôsto de 1838 ensinava pelo método de Andrade, tendo abandonado o serviço das armas para se transformar em educador da mocidade.

Êste ato do govêrno de Caçapava, vem demonstrar que, a-pesar-de preocupado com as atividades guerreiras, não olvidava a administração republicana as cousas do espírito. Declarou mais o govêrno farrapo que os alunos que freqüentassem a nova escola ficariam isentos do serviço militar.

Luiz Carlos de Oliveira, não obstante ter numerosa família e haver perdido nas vicissitudes da guerra civil a pequena fortuna que possuía, prontificou-se a servir gratuitamente, passando a trabalhar de noite em mister que lhe permitisse a manutenção dos seus.

Removidos todos os óbices, graças aos esforços de Faria Corrêa, êsse digno varão que demonstrou ser um dedicado pioneiro da instrução, teve lugar no referido dia 12 de agôsto de 1839 a solene abertura da escola, com a presença de todos os cidadãos de São Gabriel, tendo nessa ocasião o professor Oliveira, que empunhava o estandarte da

República Rio-grandense, pronunciado vibrante discurso, que vamos transcrever para relembrar os alevantados ideais que norteavam o belo espírito dêsse educador:

"Meus amados e queridos discípulos. Se, pelo mágico poder da sabedoria e da virtude, vedes aquí flamear ovante o estandarte tricolor, emblema de nossa fortaleza, garantia de nossas liberdades, as mesmas entidades que o arvoraram vos estão hoje arrancando dos olhos a venda com que o despotismo e a tirania vos queriam cegar para encaminhar-vos ao aviltante jugo da escravidão. Mergulhar-vos no imundo charco da ignorância, embrutecer vosso entendimento e apagar até a última centelha de vossa razão, eram as idéias e os princípios dessa Côrte desmoralizada e pervertida do desgraçado Brasil, para que não conhecésseis os direitos que a Divindade outorgou a todos os homens e insensíveis e dóceis dobrásseis a humilhada cerviz ao ignominioso cativeiro; abusando assim de vossa inocência para mais agravar seu crime; mas hoje, que a mão dos fados, variando a nossa sorte, melhorou nossos destinos, vedes um govêrno sábio e bem intencionado, que, a-pesar-dos estorvos e das peias que lhe põem a injusta guerra que nos fazem, promove vossa ventura, subministrando-vos os meios de alargar vossa razão, fazendo-vos conhecer a arte da escritura, pela qual conseguireis o estudo das ciências úteis à Humanidade, as luminosas idéias de todos os sábios do Mundo e a santidade e pureza da moral evangélica. Esta arte, que é o órgão da sabedoria e o arremêdo da Eternidade, enfreia nossas desordenadas paixões, insuflando-nos o temor da pública execração e serve de núcleo à virtude e ao heroísmo, levando com espanto, admiração e respeito nossas boas ações à posteridade. Esta arte

sublime, que foi o requinte da sagacidade humana, que neutraliza os estragos do tempo e os obstáculos do espaço, levando a todos os climas os pensamentos alheios, vencendo em parte as barreiras que a Divindade pôs às circunscritas faculdades do homem; esta arte, digo, é novamente aperfeiçoada pelo sagaz e experimentado Lancaster, que mais conhecedor que todos os mestres da mocidade, esquadrinhou os ressortes mais eficazes para facilitar à juventude a compreensão de suas regras, formando o sistema de ensino mútuo, hoje adotádo em toda a ilustrada Europa pela excelência de seu método. É segundo seus ditames que me proponho a ensinar-vos, esperando que com vossa assídua aplicação secundareis meus esforços para podermos ver realizadas as esperanças do patriótico govêrno que nos rege e cimentados os verdadeiros princípios sôbre os quais se escoram o grande edifício de nossa regeneração política, que só reclama Moral e Ilustração.

Viva a religião Católica, Apostólica romana! Viva o sistema republicano! Viva a liberdade riograndense! Viva o seu govêrno, porque é justo e liberal!"

Seguiu-se à solenidade um entusiástico baile, associando-se, assim, Terpsícore à sua irmã Calíope, inspiradora do professor Oliveira, na comemoração do auspicioso acontecimento.

Nessa época recebiam a luz da instrução em São Gabriel 43 alunos do sexo masculino e 25 do feminino.

Gratamente impressionado pela instalação da aula pública "na distinta povoação de São Gabriel", o ministro do interior e fazenda, Domingos José de Almeida, dirigiu-se em 11 de setembro a Antônio de Faria Corrêa elogiando sua atuação e solicitando a nota das despesas que fizera, afim do govêrno indenizá-las, em cuja correspondência o eminente

estadista da República Rio-grandense expende os seguintes elevados conceitos:

> "Sem a difusão do ensino primário não podem germinar a agricultura e o comércio, as artes, as ciências e o que é mais que tudo ainda — a Liberdade — para o que, cooperando V. S. tão eficazmente, assaz se tem distinguido no serviço da Pátria e merecido os respeitos de seus concidadãos, em cujo número eu ocupo o primeiro lugar".

No dia 7 do seguinte mês de outubro, o preceptor Oliveira comunicou ao govêrno que tinha 85 alunos, dos quais 50 rapazes e 35 meninas. Deixamos expresso nestas linhas o nosso reverente tributo de veneração, não só a êste dedicado serventuário, como ao abnegado patriota Antônio de Faria Corrêa, que tanto contribuiu para a elevação do primeiro templo do saber, que houve, ao que nos consta, em São Gabriel.

O sistema aplicado na escola acima, fôra ideado em Londres pelo "quaker" José Lancaster e consistia, em linhas gerais, no seguinte: supressão dos mestres adjuntos, os quais eram substituídos pelos alunos mais antigos e adiantados; os livros, caros para as crianças pobres, eram substituídos por quadros murais com o abecedário e algumas palavras; os alunos agrupavam-se diante dêles por secções e o monitor de cada grupo lhes ministrava o ensino. Lousas substituíam as penas, o papel e a tinta, que também eram caros e um método particular foi inventado para ensinar o cálculo. O ensino da escrita ficou ligado ao da leitura, constituindo o método monitorial um processo natural e econômico de ensinar as primeiras letras à infância pobre.

No último mês do ano, em 7 de dezembro, João Antônio da Silveira convocou de Cacequí a reünião de todos os elementos da "Divisão da Direita", a seu mando e havendo Cândido Alano invadido a região de Cima da Serra, recebeu, ainda naquele local, o referido chefe farroupilha, no dia 15,

ordem de mandar fôrças que combatessem a dita invasão. Em conseqüência, João Antônio abalou de Cacequí em 23 de dezembro para Inhacorutum e passo de São Lucas, com destino à região serrana.

Em 24 de dezembro, Bento Manuel, que elaborava em Alegrete um plano de operações contra os legalistas serranos, mandou correspondência para São Gabriel, para daí ser encaminhada ao govêrno revolucionário de Caçapava, com o desígnio de se reünir a João Antônio perto da picada de São Xavier.

Não desejamos encerrar nosso relato, referente a 1839, sem lembrar que data dêsse ano o mapa do Rio Grande do Sul do coronel José Pedro César, no qual se vêem, em terras gabrielenses, os estabelecimentos rurais de Batoví, do Brigadeiro Pinto, do Capitão Fidelis, de Antônio dos Santos e de Gabriel Machado — na bacia do Vacacaí; do César — na bacia do Cacequí; — de Antônio Francisco, do Gama, do Timóteo e de Fortunato Luiz — na bacia do Santa Maria; do Severo — além do passo de São Borja.

— 1840 —

Em janeiro de 1840 o govêrno republicano mandou abrir ao trânsito público a picada do Pinhal, que veio encurtar em mais de 5 léguas o caminho de Cruz Alta para Santa Maria e São Gabriel, que antes era feito por São Martinho.

Quando Bento Gonçalves organizou em fevereiro um plano de campanha para bater as fôrças legais do vale do Taquarí, foi determinado a Bento Manuel que, com as fôrças de Alegrete, para alí se dirigisse, passando por São Gabriel, de onde avisaria o govêrno de Caçapava de sua aproximação. Ainda em 4 dêsse mês Domingos José de Almeida escreveu ao chefe fronteiriço propondo reünir-se-lhe em São Gabriel, em sua esperada marcha de Alegrete para Cachoeira.

Aproximando-se a época em que deviam se realizar as eleições para deputados à Assembléia Constituinte, determinou o govêrno republicano ao juiz de paz do distrito, Antônio

de Faria Corrêa, que passasse seu cargo a Domingos José Álvares da Cunha afim de poder presidir as eleições de acôrdo com a nomeação feita pela Câmara Municipal de Caçapava.

Faria Corrêa entregou o juïzado em 8 de março ao seu substituto, mas se recusou a presidir o pleito, vendo-se Cunha obrigado, de acôrdo com o pároco da freguesia, a nomear a respectiva mesa da assembléia primária, que ficou composta de Domingos José Álvares da Cunha, padre Joaquim Ribeiro de Andrade e Silva, Antônio Paulo da Fontoura, Fidelis Nepomuceno Prates Filho, José Ferreira Gomes Roque e José Tomaz de Aquino, como presidente, escrutinadores e secretários. A mesa, além de apurar os votos dos eleitores para deputados, vereadores e juízes de paz, devia fazer o arrolamento de tôdas as propriedades do distrito, com os nomes dos donos e de seus filhos, extensão de campo, discriminação de prédios, número de escravos, de veículos e de cabeças de gado.

Realizaram-se as eleições no dia 10, tendo o govêrno republicano aprovado, no dia seguinte, o ato de Cunha, conforme êste lhe solicitara.

Suscitando-se dúvidas à respeito do arrolamento a que acima fizemos menção, dirigiu-se a mesa ao ministro da fazenda da República, tendo êste dado em 18 de março os esclarecimentos precisos.

Na eleição para deputados foram apuradas 140 cédulas e na de juízes de paz foram eleitos, com 93, 56, 55 e 52 votos, respectivamente, os cidadãos Domingos José Álvares da Cunha, Fidelis Nepomuceno Prates Filho, Manuel José Pires da Silveira Casado e José dos Santos Menezes.

Dias antes do pleito, em 4 de março, havia falecido em São Gabriel, em conseqüência de uma aneurisma, o Dr. Marciano Pereira Ribeiro, preclaro prócer farroupilha, natural de Minas Gerais e formado em medicina na Inglaterra, que presidiu a Assembléia Legislativa e governou por duas vezes o Rio Grande do Sul no início da revolução.

Marciano, quando ia de Bagé para São Gabriel, havia sido assaltado pela fôrça legalista de Dedeco, mas conseguiu

escapar, sendo acolhido carinhosamente pela população de São Gabriel, em cujo seio amigo veio a exalar em breve o último suspiro, como vimos acima.

Achamos interessante fazer menção aquí de que a Coletoria de São Gabriel tinha nessa época uma renda líquida de Rs. 4:297$392, cabendo ao coletor, ao escrivão e ao guarda fiscal, respectivamente, 6, 4 e 2 % sôbre o líquido. Segundo resolução posterior do govêrno, foi eliminado o ordenado mensal de Rs. 12$000 que percebiam os guardas fiscais e determinado que o coletor, o escrivão e o guarda fiscal passassem a perceber, de 1.º de abril em diante, 10, 8 e 2 % sôbre o rendimento da repartição.

Em março passou a povoação por uma expectativa ansiosa durante alguns dias por haver o chefe de uma fôrça revolucionária comunicado de Santa Tecla, em 19, que a coluna legalista do general Bonifácio Isás Calderón, de 1.400 homens, saíra de Bagé para Rodeio Colorado, parecendo se encaminhar para São Gabriel, porém o chefe legalista desviou sua marcha para Lavras e Caçapava, deixando São Gabriel à esquerda.

Neste mesmo mês de março, quando o govêrno republicano se viu obrigado a abandonar Caçapava pela aproximação do general legalista acima mencionado, o coronel José Mariano de Matos e o ministro da guerra, tenente-coronel Serafim Joaquim de Alencastre, se refugiaram, com o pessoal da administração, na estância de João Machado, no rio Vacacaí.

Segundo se depreende de uma comunicação feita ao govêrno em 10 de abril por Bento Manuel, São Gabriel esteve em poder do caudilho legalista José Alves de Simas, que comandava 100 homens, mas seu domínio deve ter sido efêmero porque em 1.º de maio vemos o tenente Maciel de Oliveira bater 30 homens do citado caudilho na costa do rio Jaguarí, dos quais ficaram 6 mortos e 3 prisioneiros e em 30 de maio vemos, também, o govêrno republicano abandonar Caçapava e, após breve detença na estância de Luiz Machado, ir fixar a capital da República Rio-grandense em São Gabriel.

Quando João Antônio foi incumbido de reünir fôrças, os elementos revolucionários de Oeste receberam ordem de se concentrar nas circunvizinhanças de São Gabriel, para onde fôra o govêrno revolucionário. O próprio Bento Manuel tencionava em junho seguir para o mesmo local, afim de aí assumir o comando dessas fôrças.

Em São Gabriel não pôde demorar muito o govêrno farroupilha porque em 11 de junho o capitão Fileno de Oliveira Santos foi morto com 3 revolucionários e sua fôrça derrotada, no passo do arroio do Salso, pelo coronel legalista Manuel dos Santos Loureiro, tendo o govêrno republicano de abandonar, na tarde do dia seguinte, a nova capital debaixo de grande temporal. Desde então o arquivo dos ministros passou a andar numa carreta.

Loureiro entrou na povoação no dia 13, à frente de 700 homens, apoderou-se de uma canoa, de dois obuzes e de um canhão e perseguiu, no dia subseqüente, os revolucionários, que eram 150, desde o banhado de Inhatium até o passo de Rosário.

Após alguns meses de relativa tranqüilidade, veio a gleba gabrielense a ser teatro de um dos mais importantes prélios da revolução farroupilha.

Tendo o coronel Loureiro, a que acima nos referimos e que era comandante da 3.ª brigada legalista de Missões, convidado, em 20 de agôsto, o comandante da 4.ª brigada, coronel Jerônimo Jacinto Pereira (que invadira pela fronteira e operava pelo passo de São Borja) para, em 16 de outubro, fazer junção em Cacequí, onde deixariam uma guarnição de 200 homens que impedisse a reünião pelos revolucionários de cavalhadas e adeptos, dirigiu-se êste último chefe para as imediações de São Gabriel, porém as cheias dos rios atrasaram a marcha de Loureiro.

Em 26 de agôsto Jerônimo Jacinto se achava nas imediações de São Gabriel e o general Antônio de Souza Neto determinou que Vasco Marques fôsse de Bagé até às pontas do Jaguarí. O coronel João Antônio da Silveira veio de Caverá postar-se em Filipinho, entre Cacequí e Ibicuí, tra-

zendo em sua companhia o govêrno revolucionário e foi depois situar-se em São Filipe, reünindo-se à divisão do general Neto, vinda de Bagé.

Em 16 de novembro feriu-se o combate de São Filipe (fazenda hoje pertencente ao sr. João Manuel da Silveira), no qual os dois caudilhos republicanos bateram a brigada de Jerônimo Jacinto, que havia instado com Loureiro para que se lhe reünisse em Cacequí no dia anterior.

80 mortos, 162 prisioneiros, a bagagem e 1.500 cavalos, perdeu a coluna legalista. Muitos dos prisioneiros feitos nesse combate haviam sido já aprisionados em ações anteriores e libertados sob palavra de não mais combaterem a revolução; atendendo a essa circunstância, mandou no dia 18 o coronel Domingos José de Almeida, em nome do vice-presidente José Mariano de Matos, que Neto os fusilasse, porém o general farrapo se recusou a fazê-lo, tendo um gesto de humanidade que muito o enaltece.

O coronel Loureiro, causador involuntário, pela sua demora, da perda da brigada do seu compenheiro de causa, passou o rio Ibicuí e combateu no dia 27 com João Antônio em Filipinho e passo da Porteirinha, procurando retirar-se logo para Restinga Sêca. João Antônio foi então a Pau Fincado e aí, em 3 de dezembro, fracionou sua divisão, indo Demétrio Ribeiro para Cacequí e o coronel Jacinto Guedes da Luz para Alegrete, ficando êle, João Antônio, na estância de seu irmão Severino Antônio da Silveira. O govêrno republicano foi se fixar na vila de Piratiní.

— 1841 —

Surgiu finalmente o ano de 1841, no qual teve início o declínio da revolução, que, desde a defecção de Bento Manuel das hostes imperiais, se mantivera senhora absoluta da campanha.

Logo no início, em janeiro, esteve em Cacequí o íntegro chefe farroupilha major Antônio Vicente da Fontoura, que vinha de Montevidéu, e em fevereiro achava-se João

Antônio em Caiboaté, de onde escreveu ao capitão Manuel Cavalheiro de Oliveira Júnior pedindo-lhe que reünisse o maior numero possível de gente, que levaria ao passo de Rosário.

O exército republicano viu-se forçado a levantar o cêrco de Pôrto Alegre e a efetuar, com ingentes sacrifícios, uma retirada por Tramandaí, Tôrres, Vacaria, Passo Fundo, Cruz Alta e Santa Maria, dirigindo-se, finalmente, a São Gabriel, para onde Bento Gonçalves determinara, pelo tenente-coronel Serafim Joaquim de Alencastre, que se transferisse de Piratiní o govêrno republicano, vindo assim a povoação a ser, pela segunda vez, capital da República Riograndense.

Em fevereiro chegaram os retirantes em Santa Maria, indo a infantaria acampar em São Gabriel, afim de se reequipar.

Bento Gonçalves chegou a São Gabriel em 27 de fevereiro e a 14 de março o vice-presidente em exercício José Mariano de Matos transmitiu-lhe o govêrno da República Rio-grandense.

Um dia depois da chegada do chefe supremo da revolução, foi derrotada em Batoví uma fôrça legalista.

Em São Gabriel estabeleceu o ínclito chefe farrapo uma fabrica de lombilhos, oficinas de alfaiate, armeiro, etc., e nos arredores mandou fazer apartes de gado e coureações, para com o produto de sua venda conseguir recursos no estrangeiro. Trabalhou-se de tal forma na povoação que, ao findar o mês de março, as fôrças revolucionárias achavam-se fardadas, armadas e montadas.

Na retirada a que acima nos referimos faleceu o coronel Domingos Crescêncio de Carvalho, comandante da Divisão da Esquerda, ilustre filho de Jaguarão e veterano de tôdas as nossas campanhas desde 1801, o qual contava 55 anos e foi inumado em São Gabriel no dia 10 de abril, sendo-lhe prestadas tôdas as honras que lhe correspondiam.

Com o exército republicano veio o famoso José Garibaldi. que trazia em sua companhia Ana Maria de Jesús Ri-

beiro da Silva (que êle raptara de seu espôso Manuel Duarte de Aguiar, em Santa Catarina) e seu filho Menotti (depois general do exército italiano).

Em São Gabriel, Garibaldi encontrou seu compatriota, capitão Francisco Anzani, com o qual ligou-se intimamente, levando-o em sua companhia para Montevidéu, pois em São Gabriel o célebre italiano deixou o serviço da República Rio-grandense, recebendo autorização para arrebanhar 900 bois em recompensa de seus serviços.

Segundo relata Garibaldi em suas "Memórias", Anzani livrara anteriormente São Gabriel das incursões de um audacioso cacique indígena, que duas vezes por ano tributava a população.

O novo comandante do exército legalista, general João Paulo dos Santos Barreto, era um notável matemático, natural do Rio de Janeiro, distinguindo-se também como poeta e geômetra. Contava 53 anos, combatera as revoluções de Pernambuco (1817) e ilha das Cobras (1831) e estivera na França em 1821-3. Querendo demonstrar que estava pronto a aceitar combate com os revolucionários, o grosso dos quais se concentrara em São Gabriel e Alegrete, enveredou pela campanha e foi operar em junho nas proximidades de São Gabriel, com 7.200 homens, dos quais 3.000 infantes, e em 10 daquele mês já se achava na estância do major Modesto Fialho.

Dêsse estabelecimento pastoril, moveu-se o exército imperial para ir varar o rio Santa Maria no passo de São Borja e na noite de 12 o general Antônio Corrêa Seara e o coronel João da Silva Tavares conseguiram, graças à atividade e desembaraço do major Manuel Luiz Osório, postar na margem direita do referido passo duas brigadas de caçadores, 3 canhões e 80 cavalarianos, os quais, na madrugada de 13, repeliram uma coluna revolucionária de 900 homens que, apoiada numa peça de artilharia e sob o comando do general Antônio de Souza Neto e coronéis João Antônio da Silveira e Jacinto Guedes da Luz, procurava impedir a passagem do restante da fôrça, tendo se distinguido

nesse combate os coronéis Fernandes, Antônio de Medeiros Costa e Jerônimo Jacinto Pereira e os tenentes-coronéis Francisco de Arruda Câmara, Francisco José Damasceno Rosado, João Propício Mena Barreto e visconde de Camamú.

Prosseguindo em sua marcha, chocou-se o exército legalista, na madrugada de 14, com diversos esquadrões das fôrças farrapas, que retiravam sôbre a estância de Boa Vista (pertencente hoje ao sr. Sebastião Mena Barreto, filho do barão de São Gabriel), cujos esquadrões foram obrigados a se afastar precipitadamente, havendo se distinguido nesse encontro, da parte dos imperiais, o general José Maria da Silva Bittencourt e os coronéis Fernandes, Medeiros Costa e Jerônimo Jacinto. No dia 17 ainda se achava o exército na margem direita do passo de São Borja.

Em 18 de junho tomaram posição os revolucionários na coxilha da Estância do Meio (estabelecimento de propriedade atualmente de D.ª Maria Luíza dos Santos Souza), apresentando em ordem de batalha 32 esquadrões e 3 batalhões de infantaria. Santos Barreto fêz 2 brigadas de cavalaria e uma de caçadores atacá-los pelo flanco esquerdo e com o restante do exército legalista investiu-os pela frente, resultando a retirada dos republicanos, que foram perseguidos por espaço de uma légua, deixando 10 mortos, 1 prisioneiro e muitos feridos, afirmando o chefe imperial ter tido sòmente 3 feridos havendo se distinguido os tenentes-coronéis Arruda, Rosado, Francisco Pedro de Abreu e João Propício e o major Osório.

O general legalista acampou em 19 na estância de Batoví (estabelecimento pastoril hoje pertencente ao sr. Alfredo Faria) e em 22 teve novo choque com os farroupilhas, o qual se deu da forma seguinte: Depois de ter a 2.ª divisão, que fazia a vanguarda do exército imperial, transposto um banhado de perto de meia légua de extensão, próximo a São Gabriel, carregaram as fôrças republicanas, em número de 2.000 homens, sôbre a 1.ª divisão, comandada pelo general Seara, que fazia a retaguarda e começava a penetrar no

banhado. Seara, notando que os cavalos da 2.ª e 4.ª brigadas de cavalaria estavam cançados, fêz essas unidades transporem o banhado, enquanto 4 batalhões, da 2.ª e 3.ª brigadas de caçadores, faziam frente ao ataque dos farrapos, que em 3 colunas carregavam sôbre a direita, esquerda e centro. Santos Barreto, vendo a situação em que se encontrava seu subordinado, repassou o banhado com 3 batalhões da 4.ª brigada da 2.ª divisão, fazendo o 6.º reforçar o flanco direito, o 5.º de artilharia a pé o flanco esquerdo e o 1.º o centro, enquanto o coronel Silva Tavares, comandante da 2.ª divisão com 400 cavalarianos da 1.ª e 3.ª brigadas de cavalaria, também repassava o banhado para cobrir o flanco direito da infantaria e a 2.ª e 4.ª brigadas de cavalaria protegiam o flanco esquerdo. Assim que foram atacados por êsses reforços, recuaram os revolucionários sôbre a povoação de São Gabriel e retiraram pela sua esquerda, ganhando a canhada de uma coxilha a uma légua de distância.

Nesse combate se distinguiram, da parte dos revolucionários, Baltazar de Bem, e da dos legalistas, Rosado, João Propício, Camamú, Osório, Seara e Silva Tavares, tendo Arruda retomado 2 carretas com munição que haviam sido apreendidas pelos republicanos. Dêle participou Salustiano Jerônimo dos Reis, depois marechal e barão de Camaquã.

Depois dêsse combate, que lhe custou 5 mortos e 32 feridos e aos revolucionários 30 mortos e 30 feridos, acampou o general legalista no dia 23 na estância de José Ferreira, em Inhatium.

Entre os feridos do exército imperial contava-se o major João Frederico Wicknhagen, o ajudante Vitorino José Carneiro, o tenente Manuel Barreto Pereira Pinto e os alferes José Alves de Pimentel e Joaquim Rodrigues Gonzaga.

Depois de haver tido em Pau Fincado um novo encontro com o inimigo, foi Santos Barreto transpor o passo de São Lucas. Seu sucessor no comando general Seara, encontrou em julho o exército acampado junto ao rio Vacacaí, onde se conservou até agôsto de 1842.

Em 18 de julho de 1841 teve São Gabriel as honras de

Baronia com a concessão do título de Barão de São Gabriel, feita pelo Imperador ao marechal João de Deus Mena Barreto, que foi mais tarde elevado a visconde do mesmo título.

O venerando marechal João de Deus, que contava 72 anos, era natural de Rio Pardo, sendo filho do coronel português Francisco Barreto Pereira Pinto e afilhado do governador Manuel Jorge Gomes de Sepúlveda. Casou com Rita Bernarda Côrtes de Figueiredo Mena, filha do tenente português José Maria de Figueiredo Mena, e se dedicou à carreira militar desde 1782, tomando parte nas guerras de Missões (1801), Uruguai (1811-2 e 1816-20) e Cisplatina (1825-8), nas quais bateu os uruguaios nas batalhas de Ibirocaí (1816) e Japuramopí (1818). Governou o Rio Grande do Sul em 1822-3, na época difícil da proclamação da independência do Brasil, conseguindo com prudência e habilidade afastar o duque de Saldanha que lhe era infenso. Foi um dos fundadores em 1814 da cidade de São Gabriel, em cujas proximidades possuía as estâncias do Céu de Batoví, e pai do marechal João Propício Mena Barreto (barão de São Gabriel), do marechal Gaspar Francisco Mena Barreto, do general João Manuel Mena Barreto e do coronel José Luiz Mena Barreto e tio do marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto. Por ocasião da Revolução Farroupilha dirigiu algum tempo a defesa de Pôrto Alegre contra os revolucionários que a cercavam.

Alguns meses após haver sido concedido tão merecido galardão ao velho campeador sulino, registou-se em 28 de outubro a tomada de São Gabriel pelo tenente-coronel legalista Francisco Pedro de Abreu (depois barão de Jacuí), que apreendeu o comandante da guarnição, major Maximiano, 1 tenente, 22 soldados, 400 cavalos e o armamento vindo do Uruguai, conseguindo escapar a tempo o tenente Sezefredo Alves Coelho de Mesquita, feito de armas êste, descrito por Alfredo Ferreira Rodrigues em seu belo trabalho "Uma Surpreza de Chico Pedro". Na povoação era estabelecido com farmácia Domingos Álvares da Cunha, que muito se esforçou pela libertação do major Maximiano, o qual foi conduzido para o Rio de Janeiro.

No último mês dêste ano de 1841, tão movimentado para a história bélica local, determinou Bento Gonçalves que o general João Antônio da Silveira guardasse a coxilha de Pau Fincado.

— 1842 —

Logo depois do combate do passo do Mendonça, pelejado em janeiro de 1842, Bento Gonçalves foi a São Gabriel afim de conferenciar com João Antônio.

Em março o govêrno republicano abalou de São Gabriel para Bagé, para onde o presidente farroupilha conduzira as fôrças de infantaria, por ter o exército legalista acampado muito próximo da povoação.

Neste ano de 1842, em 3 de fevereiro, o ministro da fazenda da República, major Antônio Vicente da Fontoura, mandou que o coletor de São Gabriel sequestrasse e confiscasse as mercadorias do inglês Jorge Moogen, acusado de contrabando e que seu antecessor, coronel Domingos José de Almeida, entendêra estar inocente, o que deu lugar a questões com o general João Antônio, que era contra o inglês.

Em 13 de julho achava-se Bento Gonçalves em Cacequí, de onde lançou uma proclamação dizendo ir se dedicar sòmente ao govêrno, para o que passaria o comando do exército ao general Neto.

De bela presença, com 1 m. 76 de altura, notável não só pela bravura e generosidade, como pela modéstia, lealdade e cavalheirismo, o chefe supremo da revolução é considerado o protótipo do gaúcho rio-grandense e ainda hoje venerado no Rio Grande como herói nacional. Entretanto, naquela época, a direção que imprimiu às operações militares, marcada pelos insucessos do Fanfa (1836), Taquarí (1840), São José do Norte, Passo do Mendonça (1842), Cangussú (1843) e Encruzilhada, fêz surgir entre os seus companheiros uma corrente que se mostrava hostil à sua chefia suprema no exército e que foi gradativamente se avolumando, à medida que se verificavam os revezes enunciados, dan-

do em resultado vermos o emérito lutador gaúcho, figura culminante no início do movimento, ir perdendo sucessivamente a chefia do exército, a presidência da República e o comando da vanguarda do exército até ficar reduzido à direção de um dos corpos dêste, pôsto em que veio encontrá-lo a pacificação.

Antes de finalizar o ano, a 7 de setembro, deu-se um encontro em Jacaré entre fôrças de Canabarro e de Jerônimo Jacinto, no qual foi aprisionado pelo primeiro, José Borges de Abreu, que no dia seguinte foi elevado a tenente pelo general farroupilha, e viu-se o govêrno revolucionário tomar diversas medidas com referência a São Gabriel, onde era juiz de paz, em novembro, o cidadão Florentino de Deus Machado.

Essas medidas foram: determinar em 15 de novembro que o coletor de São Gabriel pagasse mensalmente ao capitão Elesbão Vieira de Brito 15$000 por conta dos seus vencimentos e que fôsse pago a Antônio Arranca Pedras ..... 255$000, provenientes de suprimentos que havia feito ao professor de primeiras letras Luiz Carlos de Oliveira, já nosso conhecido, e em 17 do mesmo mês que se desse ao ministro José Pinheiro de Ulhoa Cintra 200$000 por conta dos seus vencimentos.

Em 18 de novembro o tenente Sezefredo Alves Coelho de Mesquita derrotou no Jaguarí uma partida legalista de 14 homens, fazendo-lhe 1 morto e 8 feridos, com a perda sòmente de 2 feridos.

— 1843 —

Chegou, enfim, o ano de 1843, em que teve início a agonia do movimento revolucionário, batido fortemente e sem tréguas pelo pulso férreo de Caxias. Êste, que contava 40 anos de idade e era soldado desde os 5 anos de idade, combatera nas campanhas da Independência (1822-3) e da Cisplatina (1825-8), reprimira a rebelião de 1832 no Rio de Janeiro e havia conquistado renome com a debelação das revoluções do Maranhão (1838-41), de São Paulo (1842)

e de Minas Gerais. Militar valente, culto, de grande capacidade profissional, demonstrando uma fidelidade inquebrantável ao Imperador, perseguiu sem tréguas as fôrças farroupilhas, alternando os êxitos militares com medidas de clemência e propósitos pacificadores, que deram, finalmente, como resultado a terminação de uma luta devastadora de 10 anos que enriqueceu nossa história de feitos heróicos mas trouxe um colapso sensível em nossa fortuna pública e privada.

Caxias reclamou o concurso de Bento Manuel para abreviar a terminação da luta e o velho guerreiro, dela afastado desde 1839, atendeu ao apêlo que lhe foi feito e acedeu em voltar ao exército legalista, onde serviu com ardor e tenacidade, já com a saúde combalida, sem embargo de demonstrar sempre propósitos conciliadores.

Em 1.º de março achava-se o general João Antônio da Silveira em Cacequí quando soube do assassínio em Alegrete do vice-presidente Antônio Paulo da Fontoura e daquele lugar escreveu pelo tenente José Antônio de Farias aos seus amigos daquela cidade com referência a êsse fato de conseqüências tão funestas para a causa, já combalida, da revolução.

Nessa época deslocou-se o marechal Luiz Alves de Lima e Silva (duque de Caxias) do passo de São Lourenço, no rio Jacuí, encaminhando-se para São Gabriel, ponto escolhido de antemão para base de suas operações militares, por ser a localidade "o ponto central, que recolhia as estradas da Serra, de Pôrto Alegre e do Sul, entrecruzando-as com as que vinham da Fronteira".

A-pesar-de supor que seria atacado nas campinas do Vacacaí, antes de atingir São Gabriel, pelos generais Canabarro e Neto, que estavam com 3.000 homens no passo de Rosário, decorreu a marcha sem novidade e foi a povoação ocupada em 19 de março pelo ilustre marechal, que nela fôz junção com o coronel Jerônimo Jacinto, vendo-se o chefe imperial à frente de 7.000 homens depois de ter determinado, em Pôsto Queimado (fazenda hoje pertencente

ao sr. Otacílio Pôrto Gonçalves), medidas rigorosas em favor dos moradores da campanha.

Caxias fracionou seu exército em 3 divisões, chefiadas, respectivamente, pelo general Filipe Neri de Oliveira e pelos coronéis Jacinto Pinto de Araújo Corrêa e João da Silva Tavares, e mandou Jerônimo Jacinto, com 500 homens, atacar na Região Serrana o tenente-coronel José Gomes Portinho e levá-lo por diante até o rio Vacacaí.

Depois disso, Caxias deixou no acampamento do Trilha (fazenda sita nos subúrbios de São Gabriel e hoje de propriedade do sr. Boaventura Ferreira da Silva), tôda sua bagagem pesada, 4 canhões, grande cópia de munições e provisões, sob a guarda de 3 batalhões de caçadores e de 600 cavalarianos, num total de 2.000 homens, comandados pelo Coronel Jacinto Pinto de Araújo Corrêa, e prosseguiu marcha com 4.000 homens pelo passo de São Borja com destino a Livramento, levando o tenente-coronel João Propício Mena Barreto como comandante da vanguarda.

No exército imperial vinha como engenheiro o major Miguel de Frias Vasconcelos, que levantou o "Mapa Topográfico da Vila de São Gabriel com seus arredores e fortificações".

Foi Caxias quem mandou construir em São Gabriel um forte, de forma irregular, com 600 metros de frente por 200 metros de fundo, forte êste que foi reconstruído e ampliado em 1857, custando 2:000$000 o terreno para a ampliação e 89:000$000 as obras feitas, para ser afinal arrasado em 1880 e substituído por um quartel que ainda existe. A recordação dêste forte foi mantida pela Rua do Forte Caxias, ainda hoje existente com êsse nome tradicional.

São Gabriel passou a constituir, com Jaguarão, Bagé, Alegrete e Uruguaiana, a terceira linha de postos fortificados estabelecidos por Caxias.

O general João Antônio da Silveira, que comandava o 1.º corpo do exército revolucionário, com o efetivo de 1.000 homens, resolveu aproveitar-se do afastamento de Caxias para um ousado cometimento.

Fêz desprender-se de sua coluna, no passo de São Borja, uma fôrça de 200 homens, que se aproximou cautelosamente de São Gabriel e, enquanto 100 dêsses homens estacionavam na Caieira, sob o comando do tenente-coronel José Gomes Portinho, os 100 restantes emboscavam-se às 11 horas da noite de 9 de abril na margem direita do Vacacaí, sob a direção do tenente-coronel Manuel de Carvalho Aragão e Silva. Dois piquetes, um de 10 e outro de 20 homens, ficaram em ambas as margens do rio, entre o campo do Trilha e a estância do Fidelis.

Na madrugada de 10, Carvalho atacou o piquete que guardava a cavalhada e a boiada de transporte, apoderando-se do gado de munício (1.500 reses) e de crescido número de carretas, enquanto Portinho investia a povoação, aprisionando o coronel Antônio Pinto de Araújo Corrêa, matando e ferindo 77 homens.

Depois dessa proeza, os dois chefes farrapos se retiraram para Caieira, perseguidos pelo tenente-coronel José Inácio da Silva Ourives, à frente de 2 esquadrões de cavalaria. Na coxilha do Fidelis estacaram os retirantes e carregaram sôbre a gente de Ourives, matando-lhe 16 homens, entre êles 1 capitão e 2 tenentes, sendo detidos pela chegada oportuna do 9.º batalhão de caçadores, do coronel Arruda Câmara.

Incorporados Carvalho e Portinho à coluna de João Antônio, volveram todos a São Gabriel e cercaram no acampamento do Trilha a 2.ª brigada de infantaria, composta do 6.º, 9.º e 13.º batalhões de caçadores, participando da defesa o major Luiz Manuel de Lima e Silva, tio de Caxias.

Êste soube em Livramento, no dia 16, do perigo que corria a guarnição do Trilha e voltou apressadamente, fazendo 24 léguas em 48 horas, trazendo 9.000 cavalos.

O general Canabarro, que vinha auxiliar João Antônio, já se encontrava pelo cêrro de Batoví, no dia 18, quando viu transpor o rio Santa Maria e se aproximar, a vanguarda de Caxias, comandada pelo coronel Manuel Marques de Souza (depois conde de Pôrto Alegre), e, considerando-se em má posição, evitou o combate, dando livre passagem a Caxias, o

qual, com sua aproximação, fêz João Antônio levantar em 19 o cêrco do Trilha e se retirar para Bagé, caindo em poder do chefe imperial a cavalhada que os revolucionários haviam tomado anteriormente.

Canabarro se dirigiu ao passo de São Borja e Neto também rumou para Bagé, pela coxilha de Gabriel Machado.

Nesta surpresa de São Gabriel tiveram os legalistas mais de 80 mortos e alguns prisioneiros.

Caxias permaneceu algum tempo em São Gabriel, demitiu Araújo Corrêa do comando e mandou-o preso para Pôrto Alegre, substituindo-o pelo general Bento Manuel Ribeiro, o que fêz Santos Loureiro e Silva Tavares se retirarem do exército.

O ativo marechal imperial mandou Bento Manuel, com 3 batalhões e 800 cavalarianos, sôbre o passo de Rosário e no dia 22 escreveu, da "Tapera do Trilha", a José Clemente Pereira uma carta, na qual fêz apreciações sôbre homens e cousas da campanha, carta esta que até hoje dá lugar a interpretações antagônicas.

Do Trilha foi Caxias para os campos do Pedroso e antes do inverno Canabarro ameaçou São Gabriel, que, ocupada e fortificada, foi posta sob o comando do coronel Fernandes.

Em maio Caxias estava na estância do Carmo, (1) depois de ter se conservado em Batoví, e Bento Manuel atravessou o município, indo do passo de Rosário para Poncho Verde. Em 3 de julho achava-se Caxias pela estância do Carmo, perto do rio Jaguarí, tendo, ao terminar a estação invernosa, volvido a São Gabriel.

Em agôsto passou Caxias a operar com a 3.ª divisão do exército no setor de São Gabriel, tendo nessa ocasião conferenciado com o coronel José Pedroso de Albuquerque, ex-ministro da República, e Severino Antônio da Silveira, irmão de João Antônio, fazendo-os ir após ao acampamento dos revolucionários para informar estes dos seus propósitos de pacificação.

---

(1) Propriedade hoje do sr. Manuel Leal de Macedo.

Depois disso, Severino Antônio da Silveira se avistou na estância da Caieira com Davi Canabarro e João Antônio da Silveira.

Ainda em agôsto soube Caxias, por dois bombeiros vindos de São Gabriel, que na fazenda de Fortunato Luiz uma fôrça revolucionária havia aprisionado dois emissários de Bento Manuel e que Canabarro mandara de Itaquatiá reünir gente nas imediações da povoação.

Em 16 de setembro Caxias seguiu de Bagé para São Gabriel e ainda neste mês dividiu seu exército em 3 divisões, ficando a primeira, de 2.000 homens, composta da artilharia, 700 cavaleiros e o resto da infantaria, sob seu comando, conservando-se em Batoví e estância do Carmo. Soube o chefe imperial, também em setembro, que Canabarro tencionava ir pelo passo de Rosário sôbre São Gabriel para se reünir a João Antônio e ir bater o exército legalista.

Em 10 de outubro achava-se, de novo, o infatigável Caxias em São Gabriel. Assim que chegou, fêz o 7.º corpo de cavalaria e o 2.º batalhão de caçadores marcharem sôbre Pau Fincado, devendo a primeira dessas unidades seguir até Cacequí para se apoderar dos cavalos aí deixados por João Antônio para remonta de José Gomes Portinho, sob a guarda do tenente-coronel Manuel de Carvalho Aragão e Silva. Êste chefe farrapo tinha em Cacequí 50 homens e andava aliciando gente para as hostes revolucionárias.

Dias depois voltou a São Gabriel o 7.º corpo, trazendo 200 potros e algumas mulas, tendo o 2.º batalhão seguido para Cruz Alta em perseguição de Portinho.

Neste mês de outubro veio a São Gabriel uma carta dirigida por Fructuoso Rivera a Caxias, na qual o general uruguaio mandava entregar ao exército imperial 1.000 cavalos em Santa Teresa, 1.000 em Corrientes (por intermédio do general Madariaga) e outros 1.000 no Uruguai, pedindo em troca que lhe fornecesse 2 ou 4 canhões e algum dinheiro.

Em novembro Caxias fêz sair de São Gabriel 120 praças do 3.º e 7.º corpos da Guarda Nacional, sob o comando do major Jardim, com a missão de bater Portinho e Carvalho,

que dispunham de 160 homens. A fôrça legal atacou estes chefes revolucionários em Pau Fincado e os perseguiu por espaço de duas léguas, fazendo-lhes 5 feridos (entre êles 1 tenente) e um prisioneiro. Os farrapos retiraram para Cacequí e foram transpor o rio Santa Maria no passo de Rosário, voltando Jardim com 200 cavalos.

Partiu Caxias de São Gabriel em 3 de novembro para as pontas do Jaguarí e Taboleiro, a procura de Canabarro, deixando tôda sua bagagem na povoação e levando só seu poncho e duas canastras, não consentindo que seus oficiais levassem mais que u'a mala. Em 18 de dezembro mandou, do passo de Dom Pedrito, para São Gabriel, sob a guarda de 500 infantes, a artilharia (3 canhões) e carretas de sua divisão, afim de apressar os movimentos desta, e a 25 do mesmo mês já estava no passo de Rosário.

João Antônio, aproveitando-se dêsse afastamento do chefe imperial, entrou em São Gabriel e cobrou em fazendas para vestir sua gente os impostos que havia muito os revolucionários não cobravam, feito o que, se acolheu ao passo de Rosário, para o qual se dirigiu Caxias, como acima vimos.

— 1844 —

Entrou o ano de 1844, logo no início do qual veio comandar "a importante posição da praça de São Gabriel", com fôrças suficientes para repelir qualquer tentativa revolucionária para sua posse, o coronel Manuel Marques de Souza.

Em 21 de janeiro publicou Caxias na povoação uma ordem do dia, na qual elogiou a atuação do general Bento Manuel Ribeiro.

Achava-se o comandante em chefe das fôrças imperiais na costa do Jaguarí quando escreveu em 8 de fevereiro ao ministro da justiça, marquês de Paraná, uma interessante missiva, em que rememora seus atos em campanhas passadas.

Decorridos alguns meses, deu-se perto de São Gabriel o combate de 28 de abril em que foi derrotado o caudilho lega-

lista João Batista pelo tenente-coronel Carvalho, o qual surpreendeu no dia seguinte, na estância de Antônio Francisco, a fôrça do tenente-coronel José Joaquim de Andrade Neves (depois barão de Triunfo).

Poucos meses depois, se deu o fabuloso feito de armas da estância da Caieira (então pertencente ao capitão Fidelis Nepomuceno de Carvalho Prates, irmão do Bispo Dom Feliciano), magistralmente descrito por Alfredo Ferreira Rodrigues em seu trabalho "Um Combate de Gigantes" e celebrado em verso por Aurélio Pôrto em sua "A Epopéia dos Farrapos" e que consistiu no desbarato de 30 homens do tenente Militão do Canto pelo referido tenente-coronel Manuel de Carvalho Aragão e Silva, com o concurso sòmente do tenente Sezefredo Alves Coelho de Mesquita e do soldado Policarpo Pereira de Carvalho e Silva, deixando a fôrça legal 1 morto e 4 feridos.

Em junho 6 carretas que levavam de São Gabriel víveres para a coluna de Bento Manuel, foram apresadas pela gente de Jacinto Guedes da Luz; neste mesmo mês vemos aquele chefe legalista mandar o major Antônio Fernandes de Lima para as vizinhanças de São Gabriel.

No mês seguinte andava por Caiboaté o chefe revolucionário José Gomes Portinho e tendo Canabarro projetado bater a guarnição de São Gabriel, fracassou seu intento porque Caxias acorreu à localidade ameaçada. Em 29 de julho, vindo do passo de São Borja, achava-se o grosso do exército em São Gabriel, onde começou o marechal legalista a desenvolver o plano que deveria trazer a derrota dos republicanos em Porongos.

Em 10 de agôsto Caxias elogiou o coronel Marques de Souza pelo zelo e energia com que desempenhou o comando da praça de São Gabriel. Mandou que o major João Batista de Melo fôsse adquirir 1.200 cavalos em Cima da Serra e fêz o grosso do exército seguir para o Camaquã com Jerônimo Jacinto, marchando êle próprio em 16 de agôsto para Caçapava com o 8.º de fuzileiros, o 5.º de caçadores e o 3.º regimento de cavalaria.

Vemos em setembro João Antônio infligindo um revés ao coronel Silva Ourives perto de São Gabriel, sem que a forte guarnição desta pudesse socorrê-lo. Neste mesmo mês Caxias foi de Bagé para São Gabriel e daí seguiu para Caçapava, tendo, no prosseguimento do seu propósito de paz, tido uma conferência com Bento Gonçalves, acompanhado sòmente de 7 homens e do emissário republicano, capitão Dionísio Amaro da Silveira, trazendo Bento Gonçalves em sua companhia, ao local aprazado, o tenente-coronel Valença, o major Cavalheiro e os tenentes José Narciso Antunes da Porciúncula (seu ajudante de ordens), Caetano, Marcos e Leão Gonçalves (seus filhos). O colóquio durou 4 horas.

Em 1.º de outubro Caxias, das pontas do Jaguarí, respondeu a uma correspondência de Rivera, dizendo que os revolucionários podiam mandar um emissário para tratar da paz e aguardassem o resultado internados no Uruguai.

Lendo-se o precioso diário do major Antônio Vicente da Fontoura, referente a êste ano de 1844, vê-se o espírito do egrégio lutador esvoaçar constantemente ao redor de São Gabriel: — Em 27 de janeiro Fontoura, sabendo que José Anes passara em São Gabriel, deseja saber se sua família já se encontrava na povoação, tendo Anes informado que ela se encontra em Cacequí; — Em 30 de janeiro Fontoura acredita que os seus já se encontrem em São Filipe ou Inhatium por ter encontrado carretas que traziam de São Gabriel a família Farias, a qual disse que seu amigo Pereira já mandara condução para trazê-los; — Em 11 de fevereiro soube Fontoura que sua família já havia seguido para São Gabriel; — Em 1.º de março Fontoura é informado de que Anhaya devia ter levado em suas carretas, em fevereiro, sua espôsa e filhos para São Gabriel; — Em 13 de março asseguram a Fontoura que sua família se acha em Cacequí; — Em 21 de março Fontoura recebe carta escrita em São Filipe por sua espôsa 5 dias antes, cuja carta foi acompanhada de outras de Manuel José Pereira da Silva e seu filho João Pereira da Silva Borges Fortes e no dia seguinte acha que sua família, em vez de ficar em São Filipe ou São Gabriel, deve ir para

Santa Maria; — Em 23 de março chega ao conhecimento de Fontoura que o próprio por êle enviado soube em Campo Sêco notícias de sua espôsa e porisso seguiu para São Filipe; — Em 3 de maio diz Fontoura que só terá descanço quando voltar a São Gabriel; — Em 17 de junho Fontoura manda João Pôrto para Caverá e São Gabriel; — Em 14 de dezembro fala Fontoura no "belo ouro desprezado nos lados do Vacacaí".

— 1845 —

Raiou, enfim, o ano de 1845, em que se encerrou difinitivamente o ciclo da Grande Revolução.

Em janeiro vemos o general João Antônio da Silveira, com os corpos de Caçapava e Cachoeira, tomar o caminho de São Gabriel, para onde são conduzidos dois oficiais revolucionários aprisionados na estância da Música, mas em 10 de fevereiro aquele chefe farroupilha se deteve em Santa Vitória e foi perseguido pelo tenente-coronel Antônio Fernandes de Lima até Curral de Pedra, acima do passo de São Borja, de onde voltou, depois, para Cacequí.

Já há algum tempo corria em São Gabriel a notícia de que o Grande Quartel General do exército legalista, situado em Bagé, empenhava-se pela próxima terminação da guerra civil e era tal o interêsse dos moradores por êsse elevado desiderato que procuravam interpelar todos os viandantes que chegavam daquela região.

Finalmente, ao terminar o dia 1.º de março, transpôs as fortificações da povoação o tenente Vicente José Fialho que, a-pesar-de sua avançada idade e de se achar enfêrmo, viajara noite e dia para trazer ofícios de Caxias ao coronel João Feliciano da Costa Ferreira, comandante da guarnição, nos quais era dada a boa nova da paz proclamada em Poncho Verde.

Logo que foi sabida a agradável notícia, iluminaram-se o forte Caxias e as casas da povoação. O coronel Costa Ferreira e a oficialidade da guarnição associaram-se ao júbilo

externado pela população, percorrendo as ruas, precedidos de uma banda de música. Numerosos cidadãos incorporaram-se a essa manifestação de regozijo; foi executado o hino nacional e dados os vivas de estilo, sendo visitadas as residências de Antônio de Faria Corrêa, juiz de paz, Antônio Ferreira Vale, subdelegado de polícia, e do tenente Vicente Fialho, o mensageiro da boa nova. Na residência de Ferreira Vale já se encontravam senhoras do escol social gabrielense, improvisando-se um baile que perdurou até às 2 horas da madrugada do dia seguinte.

Por 3 noites sucessivas a população exteriorizou seu júbilo, iluminando a fachada de suas casas, sem exceção de uma só, enquanto a banda de música alegrava as ruas com suas marchas festivas, seguida por grande concurso de povo. A 7.ª brigada do exército legalista, comandada pelo coronel João Propício Mena Barreto, demonstrou sua satisfação acendendo numerosas fogueiras em seu acampamento, além do rio Vacacaí.

O comércio local e os moradores mais conspícuos da povoação cotizaram-se para solenizar condignamente o faustoso acontecimento, sendo para êsse fim constituída uma comissão composta de Antônio de Faria Corrêa, José Ilidório de Figueiredo, Antônio Ferreira Vale, Joaquim José de Freitas Santos, João Raimundo da Silva Santos, Francisco Cândido de Campos, Inocêncio Cócio e Macedônio & Irmão.

Estando a população na expectativa da próxima visita de Caxias, foram elevados 4 arcos de triunfo, sendo um no portão da estrada da Caieira, outro na Praça da Matriz, o terceiro defronte ao forte Caxias e o quarto e último no portão que fechava a estrada de Santa Maria.

Logo após a pacificação, Canabarro determinou, em 2 de março, que os generais Neto e João Antônio enviassem a São Gabriel a Manuel José Pereira a relação dos mortos na guerra, com a designação de suas viúvas e filhos.

Em 8 de março, às 5 ½ da manhã, chegou inesperadamente a São Gabriel o ilustre Caxias, que parecia querer

subtrair-se à recepção que lhe estava preparada, tendo, entretanto, de passar sob os arcos de triunfo, erigidos em sua honra, ao se dirigir para o forte Caxias.

São Gabriel, que vibrara de entusiasmo pela chegada do arauto da paz, viu seu ardor cívico redobrar com a presença do egrégio pacificador, que, com sua habilidade e patriotismo, conseguira a terminação dessa luta fratricida de dois lustros.

Instalado seu quartel-general nas casas que lhe haviam sido reservadas, enquanto o forte dava as salvas de estilo, recebia o ilustre cabo de guerra o comandante e oficiais da guarnição e as autoridades locais e às 9 horas um gárrulo rancho de 18 meninas, ricamente vestidas e com floridos diademas, a mais idosa das quais não tinha 11 anos, foi cumprimentá-lo em nome das matronas de São Gabriel, d.as Zeferina Rodrigues Barboza, Ana Joaquina Ilha, Inácia Rodrigues de Farias, Rita Corrêa da Câmara, Joana Ferreira Vale, Delfina da Rocha e Souza, Clara Maria de Oliveira, Francisca Hermelinda de Andrade Neves Figueiredo e Clara Rodrigues da Cunha, tendo uma das jovens, Clara Rodrigues Godinho, neta da primeira dessas damas, feito um breve discurso, que, para apreciação de nossos leitores, vamos transcrever:

> "Senhor Excelentíssimo. As matronas de São Gabriel, sensíveis ao ingente serviço prestado por V. Exa. na difícil pacificação desta província, puseram em nossas mãos esta coroa cívica, que à V. Exa. oferecem em sinal de seu profundo reconhecimento. Recebei, senhor, êste símbolo de glória, que tanto tendes merecido; a gratidão vô-lo oferta pelas mãos da Inocência. Cessou de correr o nosso pranto e à V. Exa. o devemos; poderemos abraçar nossos pais, nossos irmãos queridos, que a guerra trazia separados e que V. Exa. restitue ao seio de suas famílias; já se não ouvem entre nós os gritos assombrosos da discórdia cruel e enfurecida e

é também a V. Exa. a quem se deve êste inapreciável benefício. Dias de paz e de ventura vão suceder aos nossos deploráveis dias; a reconciliação será durável e tão durável como ela o tributo de amor, admiração e respeito que consagram os peitos rio-grandenses ao herói da integridade, ao justo, humano, generoso, imortal Barão de Caxias. Excelentíssimo — é conhecido o caráter firme e brioso dos habitantes desta província... Neste porvir, que auguramos, neste solene comprometimento, nenhum pai ousará desmentir as suas filhas".

Joana Ferreira Vale, filha de Antônio Ferreira Vale, e Francisca Augusta Vale, ofereceram a Caxias uma coroa cívica e uma palma de oliveira, tendo Ana Álvares dado os vivas que, naquela época, eram de praxe, no que foi correspondida pelos numerosos cidadãos circunstantes. Caxias, emocionado, abraçou a tôdas as componentes da infantil embaixada, que se retirou acompanhada da comissão promotora das homenagens e dos cidadãos presentes.

No dia 9 uma comissão, constituída de Antônio de Faria Corrêa, José Ilidório de Figueiredo, Domingos José Álvares da Cunha, Joaquim José de Freitas Santos e Manuel Guilherme Pereira de Vasconcelos, foi às 10 ½ horas da manhã à presença do ínclito pacificador, que se achava rodeado do seu estado maior e de grande número de cidadãos, afim de convidá-lo para um baile que o comércio e habitantes da povoação desejavam oferecer-lhe, tendo nessa ocasião pronunciado vibrante discurso o último dos membros da delegação.

Às 22 horas do dia seguinte, Caxias, com seu estado maior, visitou o forte de seu nome, onde foi recebido pelo coronel Costa Ferreira e oficiais, executando a banda de música o hino nacional. Grande número de pessoas gradas assistiram à visita e a feérica iluminação do forte, realçada pela das baterias e cortinas e da praça contígua, dirigida

pelo tenente Joaquim Inácio de Morais. Nessa ocasião o alferes da 1.ª Brigada, Amélio Carneiro, recitou uma composição poética de sua lavra.

Prosseguiram as demonstrações de público regozijo com a celebração no dia 11 de um pomposo Te Deum na Igreja Matriz, celebrado pelo capelão Joaquim José Ribeiro de Andrade, tendo cantado nessa cerimônia religiosa o famoso mineiro Joaquim José de Mendanha, autor do hino da República Rio-grandense.

Na noite de 12 a comissão de homenagens foi ao Quartel-General afim de levar o marechal Caxias à residência de Antônio Ferreira Vale, onde se realizou o baile em sua honra e que foi profusamente iluminada sob a direção do tenente do 2.º batalhão de fuzileiros José Nunes de Lima, ostentando um belo arco de triunfo, com figuras alegóricas. Na fachada dêste prédio como na dos da residência de Antônio de Faria Corrêa, Zeferina Rodrigues Barboza e da Tipografia do Exército, estavam afixadas entusiásticas composições poéticas, alusivas ao magno acontecimento e laudatórias do seu preclaro executor.

Nessa esplêndida festa de confraternização social, que se revestiu de grande pompa e elegância, das. Carolina Pedroso de Albuquerque Costa Ferreira, espôsa do coronel Costa Ferreira, e Maria Luíza Corrêa vocalizaram um belo hino, composto em homenagem a Caxias, sendo o côro constituído de distintas senhoras, dêle participando Cândida de Faria Corrêa, irmã de Antônio de Faria Corrêa, e Josefina Rodrigues Barboza, filha do coronel José Rodrigues Barboza. Eulália Rodrigues Barboza, Antônio Manuel Corrêa da Câmara, Antônio Pinto Côrte Real e o coronel Casemiro José da Câmara Sá declamaram diversas poesias, devendo-se notar que estas e outras composições poéticas, comemorativas da pacificação, foram engendradas pelos bardos locais em menos de 4 dias.

Verificou-se no dia subseqüente a ida, à noite, ao Quartel-General da comissão infantil, a que já nos referimos, acompanhada da Comissão do Comércio e da banda de mú-

sica do 2.º batalhão de caçadores, dirigida pelo maestro Mendanha, sendo cantado pelas jovens Clara Rodrigues Godinho e Ana Alves de Souza outro hino em honra a Caxias, que ofereceu um chá às jovens visitantes, conduzindo-as depois à residência de Antônio Ferreira Vale, onde teve lugar outro baile, que só terminou a 1 hora da madrugada. Nessa reünião recitou o tenente do 2.º batalhão de fuzileiros José Nunes de Lima uma poesia oferecida por Eulália Rodrigues Barboza, o mesmo fazendo D.ª Francisca Carolina da Cunha.

Encerraram-se as comemorações festivas no dia 15 com uma nova reünião dansante em casa de Ferreira Vale, que se prolongou até às 5 horas da manhã do dia seguinte, tendo havido em tôdas essas noites luminárias na povoação, no forte Caxias e na frente da casa do baile.

No Museu e Arquivo Histórico do sr. João Pedro Nunes encontra-se, oferecido pelo sr. Pereira Abbot, um impresso avulso da época, que descreve detalhadamente as festividades que acabamos de relatar, contendo as poesias e discursos por essa ocasião pronunciados na presença de Caxias.

O major Antônio Vicente da Fontoura, o egrégio negociador da pacificação junto ao govêrno do Rio de Janeiro, foi de Bagé transpor o rio Santa Maria e chegou no dia 11 de março a Inhatium, prosseguindo viagem para São Gabriel no dia seguinte. No dia 21, às 20 horas, foi Fontoura à estância da Caieira, onde chegára Canabarro, e de lá trouxe para a povoação o chefe farrapo, chegando ambos a ela às 23 horas. Realizou-se, em seguida, uma conferência, noite a dentro, entre o marechal Caxias e o referido general Davi Canabarro, que durou 4 horas, e às 3 horas da madrugada do dia 23, Fontoura conduziu Canabarro até a Caieira, onde se conservou todo o dia. Voltou Fontoura a São Gabriel e no dia 23 foi novamente a Caieira.

Caxias continuou sendo alvo de demonstrações de apreço, vindo muitas pessoas a São Gabriel, de grandes distâncias, sòmente para tributar-lhe sua veneração, até que em

22 de março seguiu viagem para Caçapava, sendo acompanhado até à distância de uma légua pelos oficiais da guarnição e os mais destacados membros da sociedade gabrielense. Ao defrontar as baterias do forte Caxias, seus canhões deram as salvas que lhe correspondiam.

Sòmente em 26 de março instalou-se em São Gabriel a comissão liquidadora de 3 membros que devia rever as contas e legalizar as dívidas da revolução as quais seriam pagas pelo govêrno imperial de acôrdo com o convênio de paz. Essa comissão era composta de Antônio Vicente da Fontoura, capitão Fidelis Nepomuceno Prates e Antônio Caetano Pereira.

Ao terminar esta enfadonha resenha de fatos de antanho relacionados com a história local, desejamos homenagear a memória não só dos valorosos farroupilhas, que com tanto despreendimento e arraigada dedicação se bateram pela causa que abraçaram, como também a dos impertérritos e não menos valorosos rio-grandenses que defenderam através da Legalidade a causa da integridade do Brasil, sobrepondo ao seu sentimento de gaúchos o espírito forte de brasilidade, que sempre devemos cultuar e enaltecer através de tôdas as vicissitudes.

Entre estes esforçados campeões, que eram rio-grandenses e comandaram rio-grandenses em defesa da Legalidade, encontram-se batalhadores do talhe de Osório, Andrade Neves, Marques de Souza, João Propício e João de Deus Mena Barreto, Vasco Alves, Chico Pedro, Rodrigues Barboza, Astrogildo Pereira da Costa, Santos Loureiro, José Antônio Martins, Tristão Pinto, Sebastião Barreto, Medeiros Costa, Silva Tavares e tantos outros, que souberam elevar bem alto o nome de nossa Pátria em guerras externas e que nada ficaram a dever a seus patrícios farrapos em valor, generosidade e abnegação.

Devemos comemorar, sim, o Centenário da Revolução de 1835, mas como um acontecimento histórico e não para glorificar uma facção e deprimir outra, da qual também

participaram rio-grandenses altivos e dignos que se batiam pela unidade nacional, que julgavam ameaçada.

A todos êles, revolucionários e legalistas, rio-grandenses e não rio-grandenses, o nosso preito de respeitosa veneração e saüdade.

São Gabriel, 20 de setembro de 1935.

O minuano na toponímia rio-grandense

por Aurélio Pôrto

Notável é, no Rio Grande do Sul, a contribuïção de origem minuana para a sociogênese do gaúcho. Criado êsse tipo lendário, no seu nomadismo constante, nas suas modalidades ancestrais, desaparece o minuano, nêle fundido. O "gaúcho do campo", traço de ligação entre o índio primitivo, que se torna cavaleiro e que adota a lança, as bolas, o laço e o poncho (caiapi), e o atual, — são uma seqüência natural de uma lenta evolução, através dos tempos.

Mas, se aí, estão, na indumentária, nos usos e costumes, os monumentos indeléveis de uma raça que povoou o território rio-grandense, nêle deixando, nas suas manifestações etnográficas, materiais que o reconstituem positivamente, o mesmo não acontecia quanto a quaisquer vestígios lingüísticos que nos levassem ao conhecimento exato de suas origens raciais.

Da língua dos minuanos nada se sabe. Nenhuma palavra havia soado até nós. É como se tivessem atravessado, séculos a fora, completamente mudos, nada deixando, nem sequer na toponímia indígena, um nome que lembrasse um acidente geográfico, nessa vasta campanha que êles dominaram nas suas correrias indômitas. Entretanto, não há negar o vulto de tradições que dêles nos vêm. E, necessàriamente, não teriam passado imutáveis ante as serras abruptas, os rios que vadeavam, as longas sávanas verdes que percorriam, nos seus cavalos velozes, ao tropel das cargas de lança.

A toponímia rio-grandense, como a de todo o sul onde chegou a onda catecista, e a perseguição do paulista a cata de escravo e de ouro, ressente-se dessa mesma "tupimania" de que nos fala ilustre americanista. Primeiro o Jesuíta, devassador da selva, procurando difundir a língua geral que êle dominava perfeitamente, "guaraniza" tôdas as tribus, impondo-a aos catecúmenos. Os acidentes geográficos são rebatizados, ou os nomes primitivos corrompidos para adaptação à língua geral. Era uma questão de simplificação lingüística.

Atrás do Jesuíta vem o Paulista. O processo é o mesmo. Nos rios que atravessa, nos montes que cruza, nas serranias que contorna, quando os naturais lhes indicam as designações primitivas, êle as torce para encaixá-las na língua geral. E assim se perdem, nos difíceis labirintos da interpretação, monumentos lingüísticos de reconstrução etnológica.

Está hoje verificado que a raça tupí estendia-se para o sul até ao paralelo 30°. Quer dizer que é exatamente dentro do nosso Estado que morria o avanço da raça tapuia, uma das grandes divisões do grupo Gê, na classificação de von Martius.

Sendo assim não é plausível a única subsistência do guaraní na nomenclatura local. Mas, como chegar a conclusões definitivas se nos falta o elemento básico para recompor as designações primitivas? Uma palavra sequer não nos viera da língua minuana, ou de outras de nações precolumbianas, cujo "habitat" teria sido a nossa terra? A-pesar-de vastíssima, a bibliografia, sôbre línguas indígenas, nada ficou aí dêsses ameríncolas longínquos.

O dr. José de Saldanha, que fêz a Demarcação de 1785 em notas preciosas sôbre os minuanos, só nos diz, em documento ainda inédito, existente na Biblioteca Nacional, que "agradável e veloz é a sua linguagem, muito diferente da dos Tapes, e bem semelhante e talvez idêntica à da dos índios da América Setentrional, aos quais se assemelham bastante nas feições. Quem sabe se êles são os mesmos? Quem sabe se esta pequena porção de minuanos, que hoje habitam as terras austrais do Brasil de lá trouxe a origem?"

E nos dá os nomes dos seus caciques, em 1785. São D. Miguel, Saltein, Maulein, Tajuí e Batú.

O último é fácil de identificar. Foi para Cruz Alta onde estabeleceu a sua "toldaria". E hoje aí está perpetuado no "Arroio do Batú", na "Estância do Batú", que podem ser encorporados aos "vocábulos indígenas" da geografia rio-grandense. D. Miguel, nome já português, foi pelo da estância do coronel Francisco Pinto Bandeira. E de uma filha dêle teve o brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, uma filha — Bibiana Maria, que causou com o alferes Antônio Rodrigues Nicola, sendo tronco da família Rodrigues Lima, dêste Estado. Saltein, Tajuí, Maulein, fundiram-se, pelas suas descendências nas gerações primitivas dos gaúchos da região entre Vacacaí e Ibiquí. Maulein evoca um têrmo nosso: "Maula"... Haverá analogia lingüística entre essas duas palavras?

Estavam cifrados nesses nomes todos os nossos conhecimentos do idioma minuano quando, por acaso, lendo um manuscrito inédito da Demarcação de Limites de 1750, se nos deparou, na Biblioteca Nacional, uma frase reveladora. É esta: "Arroio BAUMAXAHATE, que em língua minuana significa Cêrro-frio". (B. Nac. Cod. I — 1, 1, 20-1752).

Era pouco, quase nada, mas era muito. Muito, porque dêsse quase nada se nos revelou muita cousa, até então estranha, desconhecida. E fomos constatar, na nossa toponímia, designações geográficas que localizam o minuano. Por que escaparam à "tupimanização" de outras dezenas de nomes, hoje deturpados pela língua geral? Por um motivo simples. Confundiram-se com o português. Até se enfeitaram de um "h" que a reforma ortográfica lhes rouba agora, fazendo-os regressar à sua pureza de origem etimológica.

Vejamos, decompondo a palavra em seus elementos constitutivos: "Baumaxahate" — Baú, ou baum + axahate. Baú", Cêrro, "Axahate"-frio. Num vocabulário bugre (Kaingang) encontramos para frio: Kuxá, muito frio: Kuxate. Parecenos um fio condutor. Em várias línguas pampeanas êste sufixo "hate" (hati, no Chechéet) cf. Lehmann - Nitsche, quer dizer "alto". A propósito, seria interessante conhecer a procedência do nosso "Bichará", poncho de Mostardas. Não ha-

verá um parentesco muito próximo entre o Bichará, para resguardar do frio, e o "axahate" dos minuanos? O bichará vem da região que êles habitaram. Faz parte, desde época precolumbiana, da sua indumentária. O poncho nasceu do "caiapí", dois pedaços de couro de anta, vicunha, etc. com o "pêlo para a parte de dentro e o carname para fora", magnìficamente cortido, que até cheirava bem, como atestam os primeiros descobridores do Rio Grande. Êsse poncho primitivo, ligado, pela parte de cima, e com uma tira de couro larga, presa à cintura (guaiaca?), e uma tanga, (chiripá) eram a vestimenta que preservava os nossos avós minuanos dêsse mesmo rigoroso vento a que deram o nome.

Abrindo o Dicionário Geográfico de Otávio Faria, nêle encontraremos: "Bahú", cinco vezes, em cinco diferentes lugares. Intrigados, não sabíamos (e nem os nossos geógrafos indianistas, "tupinômanos") como seria possível andassem os nossos bons avós distribuindo "bahús" por tantos lugares do Estado. Cêrro no município de Cacimbinhas, Morro no município de Cima da Serra, Cêrro no município do Herval, Cêrro no município de Santa Maria, Cêrro no município de Bagé. E não contentes neste desperdiçar de "bahús", ainda foram largá-los numa serra de Santa Catarina, que Saint-Adolphe designa por "Bahul".

Mas, se os nossos "bahús", não chamaram a atenção dos "tupinômanos", que nem sequer registam o têrmo, o mesmo não sucedeu na terra barriga-verde. O ilustre comandante Boiteux, nas "Notas para a História Catarinense", procurou "guaranizar" o "cerro" dos minuanos e nos ensina que "Bahú" vem do "Embá", oco, vazio, e "yba", árvore oca".

E eis aí como chegamos a conclusões completamente contrárias à verdade, na toponímia nacional.

Quantos e quantos outros nomes de acidentes geográficos estão assim deturpados, à feição dos conhecimentos lingüísticos dos seus tradutores?

Bagé é um caso típico. O dr. José de Saldanha, espírito observador, estudioso das nossas cousas, em nota ao "Diário Resumido" da Demarcação, diz: Bagé-cêrros. "Mbaye" — A etimologia ou significação ao seu nome se não pode com-

pletamente achar mais do que a primeira palavra, MBAY, que exprime entre os Tapes cêrro, monte, ou pròpriamente cousa que forma uma figura alta assim: (e desenha uma elevação), porém do "E" nada se pode julgar". Souza Doca, no entanto dá-o na acepção de "ibagé" que é corruptela de "Y-pagé". E explica que havia um arroio que desce do lado oriental do cêrro, onde um velho charrua tinha sua "oca", sendo então conhecido por "Ybagé". Borges Fortes dá-o como corruptela de "Pagé", o feiticeiro, o santão do gentio". Há até quem diga que vem de Bagé, vila portuguesa do Reino...

E são estas tantas cousas incertas e vagas que baralham a nossa toponímia. Para acabar com elas era mister conhecer as línguas diferentes que falaram os nossos primitivos povoadores. E raspar da origem etimológica dessas designações o limo que a "tupimania" sôbre elas depositou.

Para a glória dos minuanos reivindicamos os seus "baús", sem "h". Oxalá nas pesquisas demoradas que estamos fazendo possamos conseguir novos elementos para determinar uma série de cousas interessantes sôbre êsses primeiros gaúchos que nos legaram costumes e traços superiores de caráter e bravura indomável.

Interessantes e merecedoras de divulgação as conclusões a que nos vai levando um estudo mais detido dos primeiros habitantes do Rio Grande do Sul. Oxalá pudessem elas despertar, em nossa terra, como outros assuntos históricos, o acurado estudo dos competentes e dos investigadores da nossa etnografia.

Em admirável estudo, que traçou novas diretrizes aos conhecimentos indianólogos na América-do-Sul, ensina o dr. Paulo Ehrenreich, na "Etnografia da América-do-Sul ao começar o século XX", (Rev. Inst. Hist. Paul., Vol. XI) que "a orientação para o conhecimento das raças só se pode basear em elementos lingüísticos".

Partindo dêsse princípio e tomando como "palavras-fios" (Leitwoerter) as poucas que conhecemos e que são evidentemente de origem minuana, procurámos em mais de uma centena de vocabulários indígenas a filiação respectiva chegando

a resultados surpreendentes. Convém, porém, advertir, tendo em vista a escassez absoluta de dados positivos, que os resultados a que chegámos não aspiram à solução difinitiva do assunto, não sendo mais do que notas ligeiras que levamos ao conhecimento dos que se dedicam a estes estudos.

Vimos, em artigo anterior, que "Baumaxahate" significa em língua minuana "Cêrro Frio". São as "palavra - fios" com que iniciámos as nossas investigações. Serviram-nos para consulta o "Glossaria linguarum Brasiliensium" de von Martius e muitos outros vocabulários indígenas da América-do-Sul. E o que mais chamou a nossa atenção foi encontrar, nos vocabulários em que existem palavras semelhantes às que serviram a nossa consulta, muitas outras que podem perfeitamente explicar designações toponímicas do Rio Grande.

Tôdas essas semelhanças giram em tôrno de dialetos botocudos à cuja raça, conforme averiguações definitivas dos etnólogos está filiada a dos minuanos. Ainda mais, segundo o dr. Ehrenreich, os guanás, ou guenoas, a cuja nação pertencem os primitivos habitantes do Rio Grande, fazem parte do grupo Aruak, que recebeu larga influência do Kichua. E tôdas as nossas investigações, como salientaremos, condizem a comprovar essa asserção.

Encontrámos a palavra "Baum", cêrro, no Camé, dialeto dos bugres, ou "índios do mato", que tiveram seu **habitat** em Santa Catarina, deixando-nos outras designações geográficas, como o "Goioen", "Campo-eré", etc. Existe aí em "Goio-baue", arroio. No mesmo vocabulário a palavra "frio" que serve como elemento de identificação, é "Cuxá ou Cuxaté". É tal a semelhança dos vocábulos que não trepidámos em determinar um parentesco muito próximo entre os Camés e os minuanos.

No Aruak, que nos fornece uma série de palavras que muito se aproximam a designações toponímicas do Rio Grande, consta também a palavra "Bahú" significando "casa". Vamos encontrar também no Kichua o têrmo "Caxá" para designar "frio".

Parece-nos, assim, sem grande êrro, poder filiar o minuano ao Aruak, grupo Kichua, estabelecendo-lhe o próximo

parentesco com os Camés, índios do mato, e outras nações de botocudos, como são vulgarmente designados.

Jogando com êsses vocabulários chegaremos a coincidências interessantes. Se elas se confirmam teremos de revolucionar completamente a origem toponímica de grande parte de designações dos nossos acidentes geográficos.

Começaremos pela etimologia da palavra minuano. Nada existe de definitivo sôbre o assunto. Os primeiros documentos de origem portuguesa, que consultámos, trazem a grafia "Menuan" para êsses aborígenes, que foram grandes amigos dos portugueses, desbravadores da nossa terra.

F. Bauzá, reproduzido por todos os que têm se preocupado com o assunto, (Dom. Esp. en el Uruguay, I-178) traz duas hipóteses: A primeira, que proviesse da palavra "mini", pequeno, porque se atribuía aos minuanos menor estatura do que a dos charruas, e a segunda que fôsse corruptela de "Magnua", cacique dessa tribu, celebrizado na morte de João de Garay, segundo fundador de Buenos Aires. E acrescenta: "Llamaron los primeros cronistas "magnuanes" á los afillados de aquella parcialidad, y el tiempo se encargó de transformar e estes "magnuanes", en los "minuanes", etc." I-179. Esta última, esposada por Lozano, parece-nos, pelo estudo detido que fizemos, a verdadeira significação etimológica da palavra.

Temos no Rio Grande o vestígio geográfico no toponímico "Manoha" (Magnuá) rio tributário do Uruguai, no município de São Borja, cuja primeira população foi de origem minuana. Teodoro Sampaio, guaranizando a palavra tradúla por "desmaiada, desfalecida" (mulher), Souza Doca, porém, dá-lhe a verdadeira significação.

Tendo como certa e originária da língua minuana entremos, como elemento de investigação, com mais esta palavra para o nosso vocabulário. Von Martius nos fornece dados que podem servir para dar mais luz à questão. Ainda em quatro dialetos botocudos encontraremos palavra muito semelhante como designativo de "água". E como já conhecemos as afinidades raciais dos minuanos poderemos perfeitamente receber com êsse significado a palavra "minuano".

Seriam a gente "que vive perto da água", à margem de algum rio, etc.

O botocudo, (Encreckmung, na classificação de v. Martius) II-177, designa "água" por "magnan"; no Crecmun, "mignan"; no Nac-nanouc, "mignangue"; no Boturuna, "mougnang", e catarata (queda d'água) "mignan-aiiou". Como se vê tôdas essas palavras, em dialetos diferentes, têm um só significado e uma só origem, e perfeitamente coincidem com a palavra "magnuá" (Manoha, menuan) de que Lozano e Bauzá dizem proceder o minuano.

Podemos ainda assinalar mais algumas afinidades lingüísticas entre os botocudos, os camés, os aruaks, os kichuas e minuanos, para comprovar a origem dêstes e sua influência nas designações geográficas do Rio Grande do Sul.

"Jacaquá", p. ex. arroio que nasce na lagoa do Parobé, na serra do Caverá, que foi **habitat** dos minuanos, e para o qual tem Souza Doca a tradução de indivíduo de cabeça oca, buraco do cesto, como corruptela de "ya-acá-quá", "ou" "ayacá-quá", dá o botocudo (possìvelmente designação minuana) etimologia mais aceitável, pois nesse mesmo dialeto, cuja tradução de água é "magnan", encontrámos "giacacuá" com o significado de "guerra, combate". Ora, não precisamos assinalar que foi precisamente nessa região onde, quer nas invasões espanholas, quer nas paulistas, travaram-se combates memoráveis que ficariam indeléveis na memória dos índios.

Na língua aruak encontraremos também semelhanças tão notáveis com designativos toponímicos, que bem merecem registo. Para não nos alongarmos muito notaremos as palavras: "Karau", "Kassikôan" e "Biaman".

Os campos do Jarau são notáveis pela sua superioridade, pela sua extensão, e pelo seu gramado nativo que os tornam de primeira qualidade entre todos os da fronteira. Aí é o centro da ocupação dos guenoas e dos minuanos. E não é possível que houvessem passado sem deixar uma palavra da sua língua ligada a essa região. Doca aceita a palavra como designativo da tribu dos Yaros, índios também povoadores daqueles campos, mas dá a tradução tupí aproximativa. Pen-

samos, no entanto, que o têrmo aruak, de cuja língua provém a dos minuanos, melhor traduzirá a significação local: "Karau", trocando o "K" inicial por "J": "campo plano e raso, grama". Não será mais aceitável do que "bôca da escuridão", ou "senhor da escuridão", que teria por origem a "lenda do Jarau"?

"Kassikôan" não poderia significar de melhor forma o toponímico "Cacequí", hibridismo castelhano-tupí? Em documentos antigos tinha essa palavra a grafia Cassequi ou cassequei. Em vez do "rio do Cacique", não poderá ser "habitação, morada" de acôrdo com a tradução do aruak?

Deixámos exatamente para fechar estas linhas, que não exprimem mais do que hipóteses, a mais interessante das nossas observações. Como se sabe não foi possível dar ainda para o toponímico "Viamão" uma etimologia certa. Diz Alcides Cruz que parece porvir da exclamação dos primeiros povoadores, segundo lenda corrente, que daí observando os vários rios que desagúam no Guaíba afirmassem ter "visto a mão", (Vi-a-mão) que êles formam. Dando essa designação, faz as suas restrições, pois devido a várias circunstâncias não se pode determinar precisamente o aspecto geográfico que désse lugar a essa denominação.

Encontrámos no aruak, de que provém a língua minuana, a palavra "Biaman". E convém notar que em documentos de origem espanhola encontrámos a grafia Biamon. Biaman, em aruak, significa o número "dez", isto é, "duas mãos": "Biaman tekkabú". O número 2 é pelos araucanos designado pelo têrmo "Biama", sendo "Biaman" o feminino da palavra. O têrmo aruak confirma a lenda da "mão". Teríamos encontrado a verdadeira etimologia da palavra?

A Paleontologia do Brasil

Carlos de Paula Couto

A Paleontologia brasileira, que era até há pouco tempo quase que completamente desconhecida, está hoje regularmente desenvolvida, graças aos estudos de John Branner, C. A. White, prof. Hartt, Orville Derby, Cope, Lapparent, D. Carlota Joaquina Maury, no nordeste e em outros pontos do país, de Peted W. Lund, Herluf Winge, etc., nas cavernas de Minas Gerais, e de outros geólogos e paleontólogos estrangeiros e nacionais cujos recentes trabalhos muito têm contribuído para tal desenvolvimento.

Devemos ressaltar aquí o labor verdadeiramente notável e altamente elogiável do *Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil,* departamento importantíssimo do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, que não tem poupado esforços no sentido de estender cada vez mais o horizonte geológico e paleontológico do Brasil, por meio de expedições a cuja testa sempre se acham técnicos de valor indiscutível e também por meio de suas publicações (boletins, monografias).

E' verdade que os levantamentos geológico e topográfico do Brasil ainda estão muito atrasados mas é também certo que a Paleontologia deve preceder, em muitas instâncias, a Geologia, no que diz respeito ao primeiro, pois os fósseis muito contribuem para a mais perfeita caracterização dos terrenos geológicos. Compreendemos, pois, o alto valor que terá para nós o conhecimento maior possível de nossas formas fósseis.

— Iniciaremos hoje, em resumo, o estudo de nossos tipos fósseis, começando pelos *Invertebrados.*

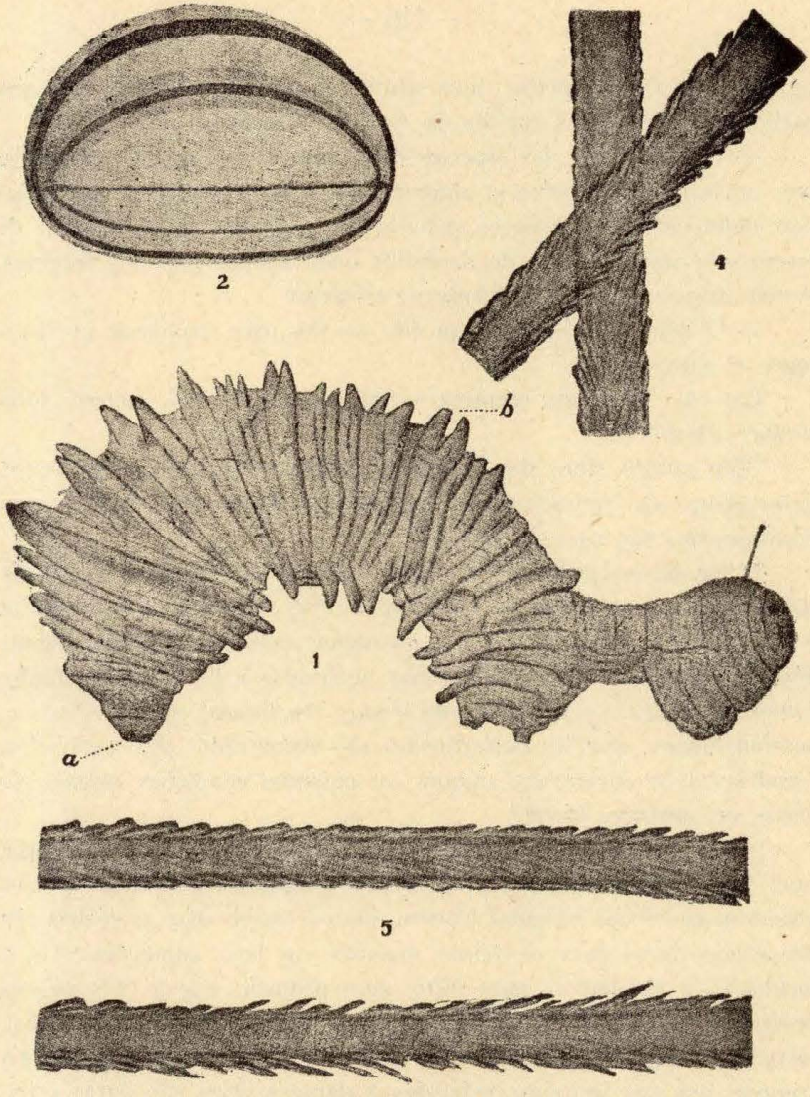
INVERTEBRADOS FÓSSEIS DO BRASIL. — A Dra. Carlota J. Maury atribuiu a um Verme anelídeo da ordem Polychaeta e classe Chaetopoda, de gênero e espécie novos (*Oliveirana Catharina Maury*) um fóssil e rastos provenientes da ardósia de Anitópolis, no Estado de Sta. Catarina, de formação provàvelmente siluriana (a semelhança dêsses fósseis, de figs. 1 a 5, com a *Bertiella obesa*, do Siluriano superior de Nova York e com os rastos de anelídeos do Siluriano médio de Clinton, N. York, sugeriu à autora a considerar como siluriana a ardósia de Anitópolis) (1).

Do siluriano amazônico Clarke e Branner citaram restos de Moluscos que atribuíram a *Anabia paraia, Orthis freitana, Tentaculites trombetensis, Lingulops derbyi, Bucaniella trilobata.* Também das região amazônica são *Dalmanites paituna,* cefalópodo incompleto, *Spenotus bodenbender e Grammysia pississi* (conchíferos) e também alguns braquiópodos paleozóicos, achados por Coutinho, colaborador de Agassiz, numa rocha que forma a primeira cascata do rio Tapajoz. O *Schizocrania rectangularis* Roxo é do quarzito (Siluriano?) de Minas Gerais. A *Janeia brasiliensis* (conchífera), estudada por Clarke, provém do Devoniano do Mato Grosso e Paraná. Também do Devoniano do Mato Grosso são *Diaphorostoma Baini* (encaracolado), de Sharpe, *Spirifer vogeli,* de von Ammon. Os tipos *Orbiculoidea* (conchífera), *Homanolotus* (trilobita), *Lingula* e *Spirifer* são encontrados no Devoniano do Paraná. Do Carbonífero paranaense foram retirados *Spirifer camaratus,* de Morton, diversas espécies do gênero *Productus* (*Pr. semi-reticulatus, P. chandlessi*) e *lamelibrânquios, braquiópodos, gasterópodos, trilobitas.*

Em 1887, o Dr. C. A. White publicou uma importante memória sôbre os nossos *moluscos* e *equinodermas* cretácicos, dizendo que esta fauna marinha aproxima-se mais do que nenhuma outra, por seus *gasterópodos,* da fauna cretácica do sul da Índia.

Entre os nossos moluscos cretácicos, apenas os *cefalópodos* apresentam algumas afinidades com a fauna sua contemporânea dos Estados-Unidos (Est. do Novo México), o que é tanto mais notável quando sabemos que o pouco que se conhece das faunas dos períodos anteriores, da era primária, principalmente do Carbonífero, apresen-

(1) — Boletim n. 23, Ser. Geol. e Mineralógico do Brasil, M. da Agricultura — "*Fósseis silurianos de Sta. Catarina*", pela Dra. Carlota Maury.



Fósseis Silurianos de Santa Catarina

Fig. 1 — *Oliveirana Santa Catharinæ*, Sp. nova, mostrando o corpo segmentado, com uma série de parápodos de que um par se acha indicado em *b*, a região da cabeça, também segmentado, com mandíbulas indicadas em *a;* e a quase destacada porção terminal do corpo.

Fig. 2 — Uma estrutura duvidosa, talvez inorgânica e acidental porém possìvelmente orgânica. Assemelha-se pela forma a certos crustáceos bivalves do mais antigo paleozóico.

Figs. 3, 4 e 5 — Rastos franjados provàvelmente produzidos pelo verme anelídeo *Oliveirana Sta. Catharinæ*, rastejando sôbre argila e lodo (*Serviço Geol. e Miner. — Boletim n.º* 23 — FÓSSEIS SILURIANOS DE SANTA CATARINA — *Carlota Maury*).

ta, por seus *braquiópodos,* uma afinidade mui grande com a fauna carbonífera das outras regiões da América (norte e sul).

— Grande parte das espécies de moluscos do Cretáceo brasileiro tem um aspecto jurássico e, algumas, um aspecto terciário, o que levou alguns geólogos, entre os quais Hyatt, a sugerir a possibilidade de terem sido transportadas de depósitos mais antigos ou mais recentes. A sua maioria, porém, é nitidamente cretácica.

— O Estado de Sergipe tem sido um dos mais explorado por geólogos e paleontólogos.

Em sua "Geologia cretácea e terciária do Brasil", escreve John Casper Branner:

"Em muitos sítios das cercanias de Maroim, abrem-se pedreiras cujas pedras são retiradas para a construção de muros e casas e para o calçamento das ruas da cidade."

"Uma dessas pedreiras, do lado ocidental da cidade, é conhecida sob o nome de *pedreira de Gambarobe* (2). A rocha dessa pedreira é um calcáreo atrigueirado, mais ou menos oolítico, e contém alguns fósseis, a-pesar-de serem as conchas quebradas e de difícil extração. *Lamelibrânquios, cefalópodos, decápodos crustáceos, equinodermas* e, ocasionalmente, grandes *gasterópodos* são encontrados pelo escavador. Também alí se encontram, embora em péssimas condições, muitos pedaços de *madeira fóssil.*"

"Nos subúrbios orientais da cidade, mais ou menos dentro dela, num lugar denominado Aroeira, existem algumas pedreiras velhas, abandonadas. Essas camadas contêm muitos fósseis mas as rochas são demasiado duras para se deixar apanhar em boas condições. Alí, a inclinação é geralmente para leste, num pequeno ângulo. Os fósseis descritos pelo Dr. White, do Riacho de Aroeira, são todos duma fraca torrente, ao noroeste das pedreiras. Naquele lugar, as rochas são mais arenosas que nas pedreiras referidas e algumas vezes são duras como quarzitos. Ficam diretamente debaixo das camadas expostas nas pedreiras de Aroeira..."

"Em fósseis, prossegue Branner mais adiante, a mais rica localidade encontrada nos arredores de Maroim é conhecida por Lastro (3),

---

(2) Assim escreve o autor. O seu verdadeiro nome, entretanto, é pedreira de *Ganhamoroba.*

(3) E' deveras enorme o n.º de Moluscos, Equinodermas, etc., fósseis, provenientes de Lastro (Cretáceo de Sergipe).

a duas milhas abaixo do rio da cidade, do lado oriental da corrente e ao sul do Engenho da Praia. A partir dêste engenho, as exposições continuam por mais de três milhas, na direção dos montes que orlam a corrente, a leste."

"Os fósseis descritos pelo Dr. White, daquela localidade, são provenientes da borda do mangle, na direção dos primeiros três quartos de milha abaixo do engenho. Nessa distância, as rochas que fornecem fósseis são, na maioria, moles, gastas, côr de creme, puxando para triguciro, calcárcos oolíticos que, por desintegração, deixaram os fósseis soltos. Em alguns dêsses lugares, os pequenos fragmentos rochosos são tão cheios de *equinodermas* que estes podem ser retirados da rocha como as nozes, de sua casca. Em alguns casos, o material dêsses fósseis é substituído por um carbonato de calcium; noutros, as camadas mais compactas encerram fósseis silicificados, de modo que podem ser perfeitamente removidos, por meio de um ácido que dissolva o calcáreo."

"O declive dos fósseis nesse lugar é precipitado pelas marés que alternativamente o cobrem e o expõem ao ar e ao rigor do sol. Essas mesmas camadas são expostas também do lado oposto do rio, num lugar denominado Jaque onde, noutro tempo, a pedreira era explorada durante a maré baixa. Entretanto, as rochas são alí mais duras que as da exposição de Lastro, sendo idêntica a fauna fóssil."

E, mais adiante:

"Os fósseis que mais abundam em Lastro são *conchíferas, cefalópodos* e *equinóides.*"

"Encontramos umas 16 espécies de conchíferas, umas dez das quais são novas para a ciência; nove espécies de cefalópodos, das quais seis são novas; dez espécies de equinóides, sendo nove novas. Os gasterópodos são notàvelmente raros mas encontram-se duas espécies, ambas novas."

— No Cretáceo de Garajaú, ao norte de Maroim, White encontrou muitas conchíferas, uma das quais (*Aucella brasiliensis*) é de aspecto jurássico. A maioria, porém, dos fósseis de Garajaú é composta por cefalópodos (*Amonitas*).

Num fôsso, a noroeste de Maroim, White encontrou, entre outros, um exemplar de *Camptonectes placitus,* espécie de molusco gasterópodo terrestre.

Em Coqueiros, os fósseis mais abundantes são conchíferas: a *Trigonia soberenulatu* é espcialmente copiosa. Alí, na maior parte, os fósseis se apresentam como *fôrmas* ou *moldes*, tendo sido as conchas completamente destruídas. Encontram-se também muitas impressões de minúsculos e delicados lamelibrânquios, sendo raros os gasterópodos.

E' tal a quantidade de moluscos, equinodermas, etc., encontrados até agora em Sergipe (Cretáceo) que a sua enumeração seria deveras fastidiosa e fugiria dos moldes do presente trabalho.

Entretanto, entre os equinodermas cretácicos alí encontrados, citamos: *Pseudodiadema grangeri* sp. nova, de Lastro, próximo de Maroim, e de Urubú; *Hemiaster cedroensis*, sp. nov., estreitamente ligada à espécie norte-americana; *H. californicus Clark*, de Cedro; *Rhabdocidaris brasiliensis* sp. nov., mui importante, provando a ocorrência do gênero nas Américas, de Lastro, Rio Ganhamoroba; *Hemiaster jaksoni* Maury, de Lastro, Bom Jesús e de Rio Gramame; *Catopygus æqualis* White, de Lastro; *Conoclypeus nettoanus* White, de Lastro; *Holectypus pennanus* White, *Cottaldia australis* White, *Salenia sergipensis* White, *Salenia similis* White, *Nucleolites freitasi* White, *Cidaris branneri* White, todos de Lastro, sendo que o *Nucleolites freitasi* foi também encontrado em Urubú; *Cyphosoma sanctæluciæ*, sp. nov., de Santa Luzia, Sul de Estância; *Uraster janettæ* sp. nov., de Sapucarí, próximo de Maroim; *Cyphosoma brasiliense* White, de Santa Luzia, Sul de Estância; *Cyphosoma binexile* White, de Lastro, aliada à espécie *C. rio-grandense* Maury, de São Sebastião (Rio Grande do Norte).

— Numa excelente monografia, publicada pelo Serviço Geológico e Mineralógico do Ministério da Agricultura, a Dra. Carlota Joaquina Maury, discorrendo sôbre a formação geológica de Sergipe, diz o seguinte:

"A série de Sergipe foi discutida por mim, em 1930, juntamente com o Cretáceo do Estado da Paraíba do Norte e foi dividida em três andares: Albiano Médio, Turomiano Inferior e Maestrictiano."

"A série de Sergipe é rica em fósseis. O calcáreo oolítico de Lastro, perto de Maroim, é o típo básico da série de Sergipe e está coberto pelo arenito castanho de Aroeira, sôbre o qual estão as camadas de Garajaú. Tôdas três contêm o Cefalópodo gênero *Puzosia* e

são referidas ao Albiano Médio, mas a presença do gênero *Pervinquieria* sugere que o depósito continuou do Albiano Médio até o Albiano Superior."

"A nova coleção feita pelo Dr. Morais Rego, e descrita nesta monografia, estendeu o horizonte de Lastro consideràvelmente. Pois a fauna do Albiano Médio está representada na maioria das localidades fossilíferas e a maior fauna dominante está na série de Sergipe. A antiga linha da costa do mar do Albiano Médio está quase paralela à linha moderna da costa de Sergipe. Ela pode ser traçada sem interrupção através de Rosário, Maroim, Itaporanga e provàvelmente Santa Luzia, na parte sul do Estado. Ao oeste de Maroim esta faixa do Albiano Médio estende-se através e além de Riachuelo. Temos conchas e ouriços do mar e também algas marinhas do Albiano Médio de Sergipe."

"O calcáreo de Bom Jesús, perto de Laranjeiras, Sergipe, contém os gêneros de Cefalópodo *Vascoceras* e *Pseudasdidoceras* e portanto é da idade do Turoniano inferior. Estas Amonites características dos mares do Turoniano inferior ainda não foram encontradas em outras localidades do Brasil."

"Em todo o Estado de Sergipe era sòmente esta localidade a única onde se sabia ter o mar Turoniano Inferior de Sergipe deixado traços de vida."

"Porém agora fêz-se uma interessantíssima descoberta em Cedro, no Rio Sergipe, de um calcáreo contendo *Inoceramus labiatus* e subespécies desta concha de Pelecípodo. Êste grupo é muito característico do Turoniano Inferior e prova que a zona de *Inoceramus labiatus* de Cedro, Rio Sergipe, é do Turoniano Inferior e estratigráficamente eqüivalente ao calcáreo de Bom Jesús, perto de Laranjeiras."

"A presença de depósitos do Turoniano Inferior em Sergipe está portanto provada pela fauna Cefalópoda de Bom Jesús e pela fauna Pelecípoda de Cedro, Rio Sergipe."

"Um horizonte mais novo, da série de Sergipe está representado pelo calcáreo creme-esbranquiçado, gredoso de Sapucaí com *Inoceramus posidonomyaformis*. As afinidades destas espécies sugerem uma idade Maestrictiana, eqüivalente aos folhetos do Forte Pierre na América-do-Norte."

"*Zonas de faunas* — A posição estratigráfica de certas camadas da série de Sergipe está definitivamente indicada pelas zonas de faunas. Nos depósitos do Albiano Médio há duas zonas principais: a que contém os gêneros Cefalópodo *Puzosia, Oxytropidoceras* e *Pervinquièria,* e a do gênero de Pelecípodo *Exogira.* Existiam, em abundância, varias espécies de Exogura no mar do Albiano Médio, mas eu nunca tinha visto de nenhuma outra parte do Brasil. Nenhuma ainda apareceu no Turoniano. E' surpreendente que o Turoniano da Africa do Norte também esteja inteiramente livre de fósseis dêste grande grupo, e de fato, está completamente estéril de qualquer ostra fóssil."

"'No Turoniano Inferior da Série de Sergipe, a zona de *Vascoceras* e *Pseudaspidoceras* de Bom Jesús, e a zona de *Inoceramus labiatus* de Cedro, Rio Sergipe, estão separadas definitivamente dêstes calcáreos e colocadas sem êrro no seu lugar na coluna estratigráfica como Turoniano antigo."

"*História geológica.* — A linha de praia do Albiano Médio estendia-se ao longo da costa de Sergipe, paralela e mais para o Oeste da atual linha costeira do Estado. Havia neste antigo mar de Sergipe peixes Ganóides com carapaça e dentes curiosos.'

"Entre os moluscos havia muitas Amonites não tão grandes como as de mar Maestrictiano da Paraíba do Norte, mas de formas bonitas e variadas; havia também Exogíras e muitas outras conchas. Os ouriços marinhos eram abundantes e de várias formas, alguns grandes e com espinhas em forma de clava, outros pequenos e delicados. Ao longo da costa cresciam algas, algumas das quais estão conservadas nos calcáreos e até mostram a diminuta estrutura celular das suas frondes."

Sondagens feitas a 79 metros de profundidade, em Aracajú, trouxeram à luz uma concha Mactróide, uma *Turritela,* uma *Ostrea,* uma *Cardium* e um *Psammosolen* (?).

"A posição genérica da concha Mactróide — diz Maury — é incerta, entre os gêneros *Mactra, Spisula* e *Mulinia,* distinguindo-se um do outro por diferenças na estrutura da charneira que não está visível no molde do testemunho. A forma geral do molde parece a *Mulinia lateralis,* variedade *corbulóides,* Deshayes, vivendo no Gôlfo do México e a variedade *sauryensis* Osson, do Miocênio do norte de Costa Rica. Porém algumas impressões no testemunho mostram que a su-

perfície da concha tem estriações concêntricas finas e estreitas como em *Oxyperas*, uma secção do gênero *Spisula*, e aparece coberta por uma epiderme parda."

Quanto aos moldes do gênero *Turritela* não apresentam escultura bastante nítida para uma comparação exata com as espécies conhecidas.

"A presença da *Ostrea* — prossegue Maury, mais adiante — é a maior parte das vezes mostrada por pequenos fragmentos, porém um espécime que aparece parcialmente em secção transversal indica que estes tinham cêrca de 5 dobras angulares fortes, desenvolvidas especialmente nas extremidades livres da valva. A *Ostrea frons* recente tem as dobras muito mais numerosas e próximas; a *Ostrea spreta* do Rio de Janeiro, que d'Orbigny descreveu, tem dobras muito mais baixas e irregulares e é inteiramente diferente. A *Ostrea* do testemunho tinha, talvez, alguma semelhança com a *Ostrea megadon* Hanley, da costa oriental Peruana, porém, as dobras eram mais angulares."

"O *Cardium* está representado sòmente por uma impressão muito fragmentada que mostra umas espécies de costelas subtís, mas a forma que mostra não é suficiente para uma comparação específica."

"Uma vista interna e incompleta de uma valva molusca mostrou que podia representar um *Psammosolen*, pois que a forma geral é um tanto parecida com o pequeno espécime de concha *Psammosolen cumingianus* Dunker, do Pliocênio ao Recente, o qual se espalha do norte de São Paulo ao Cabo Hatteras. Porém, as características estrias oblíquas do exterior não podem ser vistas, nem se pode fazer comparações específicas. A concha do testemunho pode ser uma espécie mais antiga."

Numa sondagem feita a 96,50 metros de profundidade, também em Aracajú, foram encontrados igualmente moldes de uma concha Mactróide, bem como conchas de *Turritela*, *Cardium*, Ostracoides e um Briozoário.

— O Cretáceo inferior do grupo da Baía encerra conchas d'água doce que são impossíveis de distinguir do gênero ainda vivo *Lioplex* (Troschel). Essas mesmas camadas d'água doce dos arredores da Baía forneceram *Unio*, *Paludina*, *Melania*, pertencentes a espécies ainda vivas. Liais encontrou impressões de *Pecten* no grés marnoso

de Pernambuco, a 2 léguas a oeste de Olinda, juntamente com conchas dos gêneros *Cerithium, Cardium,* um Amonita, provàvelmente do gênero *Ceratita,* numerosas conchas de bivalvas, compreendendo numerosas espécies, vizinhas das Venus, e, enfim, *Inoceramus.*

— Estudando a zona do rio São Francisco, escreve E. Liais (4):

"As camadas calcáreas do rio São Francisco, se bem que geralmente de grão mui fino, são entretanto duma textura mui cristalina para ter conservado sinais de fósseis. Assim, a maior parte dos calcáreos dessas regiões não mostram, em sua massa, nenhum sinal que lembre a presença de corpos orgânicos. Entretanto, sinais de fósseis se vêm em certos pontos, quando a textura da rocha se torna mais granulosa e menos cristalina. Assim, a pouca distância de Pitanguí e perto de Abadía, notei calcáreos nodulosos e betuminosos, com sinais completamente indetermináveis de fósseis, entre os quais distinguí pequenos corpos lenticulares de 2 a 3 milímetros de diâmetro, que me parecem pertencer a foramínferos, se bem que o grau de alteração não me permita afirmar nada em definitivo. Perto da Lapa dos Urubús, na margem direita do Rio das Velhas, um pouco abaixo da confluência do Paraúna, vi um mármore de fundo branco, em camadas juntas e sulcados por veios de côr avermelhada e cinzenta. Polindo pedaços dêsse mármore, reconhecí fragmentos de conchas univalvas, mas completamente indetermináveis. Num outro calcáreo betuminoso do mesmo andar, achei sinais de crustáceos cirrípedes mais reconhecíveis e pertencentes ao gênero *Pollicipes,* o que indica para êsse calcáreo uma origem marinha e relaciona-o à época secundária."

"Nos macignos da margem do Abaeté acham-se outros fósseis, mostrando igualmente que a formação em questão é marinha. Tais são as impressões do gênero *Ostrea.* Claussen já os tinha assinalado e, em minha viagem ao alto S. Francisco, tive ocasião de achar uma contra impressão duma ostra de tamanho bem grande e notável não sòmente pela espessura, como ainda pela extremidade muito saliente da espiral, o que a aproxima das Griféias. Darei a esta espécie o nome de *Ostrea Abaetensis,* do nome da bacia do rio na qual a encontrei. No mesmo ponto, notei uma grande quantidade de impressões da mesma espécie."

---

(4) *Liais (E.) — "Climats, géologie, faune et géographie botanique du Brésil".*

"Nos grés macignos, vi igualmente impressões menos bem conservadas de diversas polipeiros e fragmentos de conchas univalvas indetermináveis, de tamanho bem grande. Claussen tinha igualmente feito a mesma notação."

"A presença de espécies marinhas nas camadas horizontais dêsses macignos, a despeito da elevação dos mesmos acima do nivel do mar, indica que o continente americano teria experimentado, numa imensa extensão, uma mudança de nivel bem regular, como parece ter acontecido também com os Pampas, fenômeno êsse do qual Lyell fêz observar notáveis exemplos para as ilhas britânicas. A diferença é que, no caso da América, o fenômeno produziu-se numa escala muito maior. Os gêneros que pude reconhecer nos calcáreos e nos macignos precedentemente citados, isto é, os gêneros *Pollicipes* e *Ostrea*, pertencem sòmente às épocas secundária e terciária, e o gênero Ostrea, particularmente, é pouco freqüente antes do período cretáceo. Tudo indica então que os calcáreos tão profundamente metamórficos da província (hoje Estado — nota nossa) de Minas Gerais, pertencentes à idade de que falamos, não remontam além do período do giz."

— W. M. Gabb, em seu trabalho denominado "Descrição de fósseis encontrados em rochas argilosas no Alto Amazonas", publicado no *American Journal of Conchology*, vol. 4, parte 4, 1868, pp. 197—200, e traduzido pelo Dr. M. G. de Oliveira Roxo (5), cita diversos gêneros e espécies de conchas fósseis, fazendo antes as seguintes considerações:

"Como parte dos resultados colhidos em sua última viagem à América-do-Sul, enviou-me o professor James Orton a coleção de fósseis que aquí descrevo."

"Embora seja pequeno o número de espécies encontradas, apresentam, porém, característicos suficientes para que se possa concluir tratar-se de uma fauna marinha, ou, talvez, antes de água salobra."

"O material que veio ter às minhas mãos não basta para que se possa determinar com segurança a idade geológica desas rochas, posto que o aspecto geral apresentado pelos espécimes e a coloração bem conservada que ainda subsiste em uma das espécies, pareçam indicar da-

---

(5) Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil — Bol. n.º 11 — ***"Contribuição à Paleontologia do Vale do Amazonas"***.

tarem de época muito recente, o que é corroborado pelo fato da espécie de côres conservadas ser uma forma viva e comum na fauna das Antilhas."

"Os espécimes em questão foram coletados em uma alta colina, em Pebas, no rio Ambiacu, a duas milhas a montante de sua confluência com o rio Marañon, próximo do limite meridional da República do Perú."

Gabb atribue os espécimes em questão aos seguintes gêneros e espécies: *Turbolina minuscula* Gabb, *Neritina pupa* Lin., *Mesalia Ortoni* Gabb, *Tellina amazonensis* Gabb, *Pachidon* Gabb (gênero novo), das espécies *P. obliqua* e *P. tenura* Gabb, semelhante ao gênero Isocardiæ.

Etheridge (6) estudou alguns moluscos fósseis coligidos por C. Barrington Brown, A. R. S. M., nas formações terciárias dos rios Solimões e Javary, atribuindo-os aos seguintes gêneros e espécies:

LAMELIBRÂNQUIOS: *Dreissena acuta* Etheridge, semelhante à *Dreissena clariformis* Landberger mas dela diferenciada por sua crista ventral mais fraca, *Anisothyris carinata* Conrad, também citada por H. Woodward, *Anisothyris* (*Pachydon*) *tenuis* Gabb, *A. Hauxvelli* H. Woodward (esp. nova), *A.* (*Pachydon*) *tumida* Etheridge, *Corbula canamaensis* Etheridge, *Thracia* (?), *Lutraria* (?), *Anodon* e *Unio*, todos de Canama.

GASTERÓPODOS: *Pseudolacuna macroptera* Bottger, *Natica* (?), *Neritina puncta* Etheridge, *N. zic-zac* Etheridge, *Odostomia* sp., *Hydrobia dubia* Etheridge (*Paludestrina*?), *Isæa* (?), *Dyris gracilis* Conrad, *Assiminea crassa* Etheridge, *Fenella* Adams, *Cerithium coronatum* Etheridge, *Melanopsis* (?) *Browni* Etheridge, *Melania tricarinata* Etheridge, *Mel. scalarioides, M. bicarinata* Etheridge, *Myliobatis* sp. ou *Zygobatis*, todos de Canama.

Conrad (7) identificou no material proveniente do Terciário do vale do Amazonas, segundo H. Woodward, os seguintes gêneros e espécies de conchas: *Isæe, Liris, Ebora crassilabra, Nesis bella* (sub gênero), *Hemissimus sulcatus, Dyris gracilis, Neritina Ortoni, N. pupa, Bulimus linteus, Odostomia* (?), *Anodon ovata, carinata, obliqua, erecta* e *cuneata*.

---

(6) Serv. Geol. e Miner. do Brasil — Bol. 11, já citado.
(7) Vide nota 6.

Também do Alto Amazonas são os seguintes fósseis citados pelo Sr. Oliveira Roxo (8), em seu artigo "Breves Notícias sôbre os fósseis terciários do Alto Amazonas:

LAMELIBRÂNQUIOS: *Anisothyris* (*Pachydon*), umas 5 espécies (*A. Hauxwelli, carinatus, cuneatus, obliqua, tumida*), *Tellina* (*T. amazonensis* Gabb), *Dreissena* van Beneden, *Anodonta* Cuvier, *Unio* Philippson, *Hyria corrugata* Lam., ainda existente, *Castalia ambigua* Lam..

GASTERÓPODOS: *Cerithium* Adanson (*C. coronatum* Etheridge, do mesmo tipo e talhe do *C. atratum*, da baía da Guanabara), *Melanopsis* (?) *Browni* Etheridge, *Melania tricarinata, bicarinata, scalarioides, Neritina pupa, Ortoni, puncta* e *zic-zac* Etheridge, *Pseudolacuna macroptera* Etheridge, *Ebora crassilabra* Conrad, *Hydrobia dubia* Etheridge, *Odostomia, Isæa Ortoni* e *lintea, Purpura Woodwardi* Roxo, sp. nov., *Planorbis Bourguiji* Roxo, sp. nov..

Quase todos êsses moluscos fósseis provêm das argilas de Três Unidos.

Finaliza o prof. Roxo o seu estudo com as seguintes palavras:

"Que a fauna das argilas terciárias do Alto Amazonas é uma fauna de água salobra, é questão já de todo resolvida, e o que fica exposto nada mais faz que confirmar."

"Sôbre a questão da idade geológica, o que vemos, é que se acham misturadas espécies já extintas e espécies atuais; neste caso forçoso será concluir ser essa formação terciária superior, isto é, Pliocênia".

"Em todo caso, como essa formação cobre extensa região, na maior parte desconhecida, todo o Estado do Amazonas, o Território Federal do Acre, parte dos países limítrofes, e se estende para leste, se bem que em faixa de menor largura, pelo sul do Estado do Pará, indo ocupar quase todo o norte do Estado do Maranhão, pode-se afirmar que sôbre ela pouco se sabe."

A Dra. Carlota J. Maury, estudando uma coleção de conchas fósseis, provenientes das argilas fossilíferas pliocênicas do vale do Alto Juruá, no Território do Acre, reconheceu os seguintes gêneros e espécies (9): *Anisothyris* (*A. acreana* Maury, espécie nova, próxi-

(8) Vide nota 6.

(9) *Carlota J. Maury — "Argilas fossilíferas do Pliocênio do Território do Acre" — Bol. n.º 77 — Serv. G. e M. do Brasil.*

ma de *A. obliqua* Gabb; *A.* cf. *ovata* Conrad), cujas espécies, alí encontradas, existem também nas camadas de Pebas (perto de Pebas, no rio Ambiacú, duas milhas acima de sua confluência com o Marañon — Perú), camadas essas que se estendem também pelo Amazonas, em afloramentos, ao longo dos rios Javarí e Solimões, em São Paulo de Olivença, Ribeiros, Canama e que têm afinidades com camadas da ilha da Trindade, nas Antilhas, como diz a mesma D. Carlota Maury:

"Na parte nordeste da ilha Trindade, Antilha Inglesa, Guppy, em 1908, descobriu perto de Sangre Grand, camada na Estrada Comparo, com *Anodonta batesi* Woodward, que é um molusco d'água doce descrito originalmente das camadas de Pebas. Guppy correlacionou a formação da Estrada Comparo com a de Pebas, e a referiu ao Pliocênio, conclusão desde então aceita, como mostrou Kungler na recente tábua de correlação das formações da Trindade."

"Nas camadas da Estrada Comparo associadas com *Anodonta batesi* encontram-se espécies de *Hemisinus,* mostrando fortes afinidades com as espécies vivas dêste gênero nos rios brasileiros, sugerindo uma antiga ligação terrestre das Antilhas e América-do-Sul, a região ancestral de *Hemisinus,* talvez por *via* Yucatan. Muitas Corbículas são encontradas nas camadas da Estrada Comparo, como *Corbicula comparana* Maury que se assemelha à espécie viva sul-americana *Corbicula oleana* Marshall."

"Uma fauna pliocênia semelhante de água doce com *Corbicula comparana* e *Hyria trinitaria* Maury encontra-se em Cedros Point, no Sudeste da Trindade."

"Esta *Hyria* fóssil é o ancestral da *Hyria corrugata* Lamark, um molusco d'água doce do Brasil."

Para Carlota Maury, como para Conrad, parece não haver razão para que se possam julgar as argilas amazônicas como tendo sido depositadas em água doce, parecendo-lhes muito mais provável e razoável do que a hipótese de que elas sejam sedimentos de água salobra, como admite o prof. M. G. de Oliveira Roxo, em opinião que transcrevemos linhas atrás. Por enquanto, as duas teorias são admissíveis.

— Em monografias publicadas, em 1919, pelo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, o prof. Karl Holdhaus Ph. Dr. (Viena) fêz o estudo de alguns lamelibrânquios fósseis do sul do Brasil, citando os gêneros *Solenomorpha* Cock e *Sanguinolites* Mc. Coy. As espécies do

G. *Solenomorpha* descritas por Holdhaus são as seguintes: *S. similes, intermedia, altissima* e *deflexa,* tôdas novas. A primeira (S. similes) é mui semelhante às espécies *Sol minor* Mc. Coy ("Synopsis of the char of the carboniferous fossils of Ireland", 1844) e *Sol. major* Hind (Monograp. Brit. Carbon Lamellibranchi II. 1904, pg. 158).

As duas espécies do g. *Sanguinolites* foram encontradas num arenito friável, amarelo pardo, do rio Água Quente, Paraná, e tôdas as espécies do g. *Solenomorpha* foram fundadas sôbre fósseis provenientes de uma manga de grão mui fino, do arroio da Campina da Raia, em Serrinha, a 6 k. a NO de S. Pedro de Mallet, Paraná.

Das duas espécies do g. *Sanguinolites* uma é nova (*S. elongatus,* muito relacionada com algumas esp. de Sanguinolites, das rochas antracolíticas da Europa e Am. do Norte) e a outra é indeterminada, dela existindo apenas um molde (*Sanguinolites* sp. ind.).

Além dessas o prof. cita uma espécie nova do g. *Plesiocyprinella* (*P. carinata*), proveniente do Morro da Mata Negra, 19 k. da cidade de Rio Claro, Estado de São Paulo, semelhante ao gênero jurássico *Plesiocyprina,* semelhança essa que não oferece elemento decisivo a respeito da idade estratigráfica da espécie em questão (*Plesiocyprinella carinata*), pois, segundo Holdhaus, "gêneros de Lamellibranchios de aspecto externo semelhante, e relacionados talvez mesmo filogenèticamente com *Plesiocyprina,* ocorrem também em camadas de idade paleozóica mais nova."

Num "Anexo" às mesmas monografias do prof. Holdhaus, o geólogo Euzébio Paulo de Oliveira, atual diretor do Serv. Geol. e Mineralógico do Brasil, diz o seguinte:

"Os fósseis que constituem o assunto da memória do Professor Holdhaus, foram encontrados no Estado do Paraná em camadas do importante grupo de sedimentos multicores que o dr. I. C. White, no Relatório Final da Comissão de Estudos das Minas de Carvão de Pedra, denominou Camadas Vermelhas do Rio do Rasto."

"No esquema anexo das rochas permianas e triássicas do sul do Brasil vê-se que essas camadas ocorrem por baixo do arenito de Botucatú (triássico) e por cima do calcáreo de Rocinha (permiano). Embora sejam em número pequeno os fósseis decritos pelo professor Holdhaus têm, contudo, grande importância científica, porque permitem referir ao terreno permiano, pelo menos, algumas camadas até

então referidas ao triássico; além disso é a primeira contribuïção em espécies para a fauna de moluscos permianos do sul do Brasil."

"Na planta anexa (10) marcamos os jazigos de fósseis que se encontram nos folhetos bituminosos do Grupo Iratí e nas camadas da Série Rio de Rasto, bem como os jazigos de lamelibrânquios silicificados do Grupo Estrada Nova, não descritos na memória."

"Pelo estudo feito no campo, avaliamos que os jazigos de moluscos e plantas fósseis de Roxo Roiz se acham a 240 metros acima do *Mesosaurus brasiliensis*, porquanto êste foi encontrado perto da base do Grupo Iratí e aqueles se acham poucos metros acima do tope da Série Passa Dois."

"De Roxo Roiz para o Rio Azul, pela estrada de S. Mateus, vê-se claramente a passagem de uma série para a outra, sem intercalação do calcáreo da Rocinha. Na margem do Rio Azul existem boas exposições de folhetos arenosos esverdeados, avermelhados e amarelos que contêm nódulos de pederneiras e oolíticos. No Calcáreo da Rocinha e nas concreções silicosas oolíticas do Grupo Estrada Nova se encontram conchas silicificadas de moluscos, cujo estudo não foi possível fazer-se até hoje; nas coleções remetidas ao professor Diener havia numerosos espécimes de tais conchas, provenientes de várais localidades do Estado do Paraná, mas o professor Holdhaus informou-nos de que êsses fósseis não lhe foram enviados para estudo."

"A cento e cincoenta metros da estação de Roxo Roiz, à margem esquerda do ribeirão dos Carneiros, na estrada para a serra da Esperança, há exposições de camadas argilo-arenosas, friáveis, esverdeadas, contendo lamelibrânquios, a 810 metros de altitude; a 818 metros aflora uma boa camada de um arenito verde com os mesmos lamelibrânquios e escamas de peixes; a 830 metros abaixo de um arenito roxo manchado, há uma exposição de um arenito amarelo argiloso, contendo plantas fósseis do gênero *Glossopteris*, que foram descobertas pelo Sr. Francisco de Paula Boa Nova, auxiliar técnico do Serviço Geológico, e também escamas de peixes. Comparando os lamelibrânquios desta localidade com os da Serrinha (arroio Campina da Raia) verificamos a perfeita identidade das espécies: são de *Selenomorfa*."

---

(10) Deixamos de publicar a planta em questão, por julgá-la desnecessária aqui.

"A localidade dos *Solenomorfas* descritos pelo Professor Holdhaus acha-se a 6 km. da estação de Marechal Mallet, da Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande, na estrada de cargueiros para Roxo Roiz, depois de atravessado o rio Braço de Putinga."

— INSETOS — Sôbre um fragmento de asa, proveniente do Permiano do Rio Negro, F. M. Carpenter, do Museu de Anatomia Comparada, Universidade de Harvard, fundou uma nova espécie do gênero *Phylobata* (*Ph. oliveirai*), gênero de insetos blatídeos da família *Archimylacridæ* Handl (fig. 2).

— ARTRÓPODOS — Fragmentos de tenazes de *Braquiura* são comuns nas argilas terciárias de Três Unidos, no Alto Amazonas.

— FORAMINÍFEROS E CORAIS — Foraminíferos e Corais têm sido encontrados em estado fóssil, no Brasil, desde o Carbonífero. Uma zona de *Graptolithos*, do Llandovery inferior, foi citada pela Dra. Carlota Maury como existente no vale do Rio Trombetas, Estado do Pará.

— PEIXES E ANFÍBIOS FÓSSEIS DO BRASIL. — No ramo dos vertebrados, estudaremos no presente artigo os nossos peixes e anfíbios fósseis.

— Relativamente numerosos são os restos fósseis de peixes até hoje encontrados no Brasil. Oliveira e Ruedemann citaram restos de peixes ganóides do Permiano do Paraná e Sta. Catarina.

Hussakof (11) atribuiu a um Tubarão de gênero incerto, um pequeno espinho, sem a extremidade proximal, achado, em forma de molde, num pedaço de folhelho preto, do Permiano do Estado do Paraná.

O mesmo autor atribuiu, se bem que provisòriamente, ao g. *Elonichthys* e a uma nova espécie (*E. gondwanus*, em alusão à sua ocorrência no Permo-carbonífero da Terra da Gondwana), alguns ossos e escamas do Permiano do Estado do Paraná. Referindo-se a êles, diz o autor:

"Podemos observar que estes peixes do permiano do Brasil pertencem a uma família mais primitiva de ganóides, os Palæonicidæ, do que os peixes do permiano da América-do-Norte (como sejam do Texas e Illinois). Os ganóides até agora conhecidos dêste país são

(11) L. Hussakof — "Alguns restos de Peixes do Permiano e do Triássico do Brasil" — Bol. 49 — Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil.

formas ou de corpo profundo (*Platysomus*) ou Actinopteri de um tipo evolucionàriamente mais elevado do que os mais primitivos peixes palæonicidæ."

— Em uma amostra de rocha argilosa, mole e amarela, colecionada pelo Dr. Oliveira em Serrinha, perto do rio Braço do Putinga, Estado do Paraná, e proveniente de uma formação determinada pelo mesmo como triássica, vêm-se restos (escamas obscuras, alteradas) de um pequeno peixe que Hussakof crê ser de um palæonicidæ de gênero indeterminado.

"Uma ou duas escamas, bastante perfeitas para o estudo — escreve o último — são pequenas, rômbicas, aparentemente com bordos lisos desprovidos de serrilhas. O gênero é indeterminável, porém é claro que é diferente do gênero Permiano" (12).

"Na formação cretácea brasileira — escreve o prof. Tupí Caldas (13) — o geólogo David Starr Jordan pôde classificar onze espécies de peixes, todos provenientes dos nódulos da Barra do Jardim e Simões."

Tôdas essas espécies estão perfeitamente estudadas e pertencem à fauna fóssil cearense. Tais são: os *Vinctifer comptoni* Agassiz, *Lepidotus temnurus* Agassiz, *Tharrias araripis* Jordan e Branner, pertencente à família Leptolepidæ, apresentando semelhanças com o Leptolepis, gênero típico, do Triássico e Cretáceo europeus, *Calamopleurus brama* Agassiz (1841) e H. Woodward (1901), *Anædopogon tenuidens, Racholepis buccalis, Enneles audax, Ennelichthys derbyi, Clarocychus gardneri.* Além dêsses, citam-se ainda os gêneros *Pycnodus, Apocopodon, Galeocerdo, Enchodus, Chiromystus, Diplomystus,* pertencentes, como todos ou quase todos os já citados a três andares diferentes do Cretáceo, dos quais os dois superiores corresponderiam ao Fox-Hills e ao Laramie da América-do-Norte.

---

(12) Refere-se o autor ao g. *Elonichthys*, supracitado.

(13) Tupí Caldas (Jací A. Louzada) — "Mineralogia e Geologia" — 1930. Esta obra é uma das melhores no gênero até hoje aparecidas entre nós, da autoria de um brasileiro. Aliás, o livro do prof. Tupí Caldas ombreia com qualquer livro estrangeiro do mesmo gênero. O trabalho do ilustre prof. patrício, que à competência alía a modéstia, é tanto mais recomendável quando sabemos que os livros estrangeiros congêneres, nos quais a nossa juventude até há pouco se instruía, além de escritos em idioma estranho, não se referiam uma vez siquer ao Brasil, enquanto que o prof. Tupí Caldas estuda, na medida do possível, não só a mineralogia e geologia brasileiras, como a nossa paleontologia.

E. Liais (4) encontrou, nas concreções calcáreas do lugar denominado Engenho, à margem direita do rio São Francisco, ossadas de peixes, partidas, escamas romboidais mui grandes de *Lepidotus* e um dente obtuso, estrangulado na base, parecendo ter pertencido também ao gênero Lepidotus. Daquelas jazidas foram retiradas ainda uma *Paludina* e uma *Planorbe*, moluscos d'água doce, que vêm confirmar a natureza fluvial ou lacustre do depósito.

Segundo Liais, os peixes achados por Gardner no Ceará, próximo da localidade de Barra do Jardim, a 14 léguas de Crato, foram encontrados nas concreções que repousam sôbre o solo, ao pé das colinas constituídas pelos grés superiores que formam o planalto geral do Brasil e a Serra do Araripe.

"A formação na qual Gardner descobriu os peixes fósseis era, entretanto, de origem marinha, continua Liais, porque êle também achou nessas concreções conchas evidentemente oceânicas; assim, cita êle uma espécie de *Turrilithe*, uma válvula de *Venus* e mesmo uma espécie de *Amonita*. Os peixes achados pelo mesmo autor e colocados, na Inglaterra, em coleções particulares, foram examinados, em 1840, dor Agassiz, conjuntamente com outros especímes provenientes também da mesma província (Estado do Ceará, hoje) e endereçados a Élie de Beaumont por Chabrillac que os procurou em Pernambuco. Constituem êles 7 espécies, duas das quais da divisão dos peixes ganóides, o *Aspidorhynchus comptus* e o *Lepidotus temnurus*, de Agassiz, e cinco da divisão dos teleósteos, os *Calamopleurus cylindricus*, *Cladocyclus Gardneri* e os *Rhacolepis buccalis*, *Olfersii* e *latus*, igualmente de Agassiz."

Os terrenos em que foram achados são do Cretáceo superior.

— Nas camadas de argila, marna e marnolito da bacia do rio Santo Amaro, na Baía (depósitos de água doce), foram encontrados por Hartt e Allport, juntamente com conchas fósseis de *Unio*, *Paludina*, *Melania* e *Planorbis*, bem como de numerosos crustáceos do gênero *Cypris*, restos de *peixes* e *sáurios* que, juntos aos precedentes e aos linhitos também encontrados alí, não deixam duvida sôbre a idade geológica daquele depósito superior de água doce que certamente pertence à Era Secundária (Cretáceo, provàvelmente).

— Escamas de *Lepidotus* foram encontradas em um poço da fazenda do Jacú, próximo de Arací, (na Baía), em Atalho, perto de

Jatobá (Est. de Pernambuco) referidos ao Neocomiano; nos folhelhos betuminosos da Serra do Araripe (Est. do Ceará), referidos ao Cenomaniano. Escamas provenientes da série Baía (Est. da Baía), referidas duvidosamente ao Neocomiano, deram lugar à criação da espécie *Lepidotus mawsoni* Woodward.

"Supõe-se que as escamas de *Lepidotus* do Brasil representam os andares Neocomiano e Cenomaniano dos Cretáceos Inferior e Superior (Maury)."

— No Terciário de Alagoas, Branner classificou três espécies de peixes fósseis do gênero *Ellipes,* uma do gênero *Dartilbe* e uma do gênero *Chiromystus.* No Terciário de Pernambuco, Agassiz encontrou duas espécies de *Tubarões* fósseis.

— Nas argilas terciárias do Alto Amazonas (Três Unidos), foram descobertas placas dentais que o prof. Oliveira Roxo julga idênticas às descritas e figuradas por Etheridge e por êle atribuídas a um dos dois gêneros *Myoliobatis* Cuvier (=*Pastinaca* Gronow) e *Zygobatis* Agassiz (=*Mylorhina* Gill ou *Rhinoptera* Müller).

— O único vertebrado cretáceo até agora mencionado de Sergipe é o *Palæbalistum flabellatum* Cope, peixe de 2 decímetros de comprimento, achado no centro sudeste de Sergipe (ignora-se, infelizmente, em que localidade).

— Quanto aos nosso *Anfíbios* fósseis, apenas podemos dizer que se relacionam à ordem dos *Stegocephalos,* sub-ordem *Temnospondyli* (*Labyrinthodon* Owen).

— No próximo artigo, estudaremos os nossos Répteis e Mamíferos fósseis, gênero por gênero, dentro das respectivas classificações, mas, para finalizar êste artigo, passaremos agora uma vista d'olhos sôbre os nossos vegetais fósseis.

— PALÆOBOTÂNICA DO BRASIL. — Êste ramo da Paleontologia está aquí ainda mui atrazado, pois poucos são até agora os exemplares paleofitológicos extraídos de nosso solo e convenientemente estudados. Porisso, os conhecimentos que atualmente possuímos a respeito de nossa flora fóssil são mui escassos.

Os fósseis estudados e identificados por Orville Derby, Clarke e Katzer, no Siluriano da região amazônica, demonstram que os terrenos silurianos daquela região brasileira são eqüivalentes aos do Niagara (Est. de New-York, E. U.). Além da fauna, alí representada

por duas espécies de crustáceos e por moluscos cefalópodos, braquiópodos, gasterópodos, pelecípodos, a flora apresenta-nos o *Arthrophycus harlani* Conrad (sul do maciço guiano, nos rios Trombetas, Curuá, Maecurú e Maracá, sendo provável a ocorrência de formação idêntica na margem sul do Amazonas, conforme J. Vampré).

No sul do Brasil, distingue-se primeiro a flora dos *Glossoptéris*, característica do Permeano da chamada *terra da Gondwana* que, naquela época geológica, segundo crêm alguns geológos (14), se estendia do Brasil à Austrália, sem interrupções prováveis; depois, os *Gangamopteris*, fetos arborescentes como os glossopteris.

O Dr. White encontrou, juntamente com restos de Peixes fósseis, no Permiano de Santa Catarina, vegetais típicos do Permo-carbonífero dos continentes autrais, como *Glossopteris*, *Phyllotheca*, *Noeggerathiopsis*, etc.

Sob a última camada de hulha duma jazida permeana do rio Jaguarão, no Rio Grande do Sul, N. Plant descobriu numerosos sinais de vegetais fósseis, numa camada de carbonato de ferro e eschistoide. Entre essas plantas, reconhecem-se numerosos *fetos* e restos de *Licopodiáceas* arborescentes e de *palmeiras*. Carruthers, que examinou alguns dos fósseis em questão, dêles descreveu três espécies, sob os nomes de *Flemingites pedroanus*, *Odontopteris plantiana* e *Noeggerathia obvata*. A primeira é uma espécie nova, especial a êsse depósito, e poderia ser tomada à primeira vista por um Lepidodendron, como, aliás, é considerada por alguns autores (Lepidodendron pedroanum), mas distingue-se dêstes, segundo Carruthers, por suas escamas que não mostram impressão por superfícies articulares e por permanecer a base do petiolo presa permanentemente ao caule.

---

(14) *O geólogo Wegener aventou últimamente uma nova hipótese sôbre as antigas e discutidas ligações intercontinentais. Segundo êste autor, os continentes atuais formavam, no fim da Era Primária, um continente único, no seio do mar universal. Êsse continente único primitivo, depois de sofrer cisões e subdivisões, no decorrer de muitíssimos milênios, teria dado formação aos atuais continntes. A América-do-Sul ter-se-ia, assim, destacado da costa ocidental da África na Era Terciária, separando-se a Índia, por seu turno, da costa oriental. Na Era Quaternária a fossa atlântica ter-se-ia alargado, continuando o desvio progressivo das massas continentais. Para explicar a possibilidade de tais derivações continentais, supõe ainda Wegener a existência de um leito bazáltico subcontinental que, encontrando-se em elevada temperatura, poderia servir como elemento de flutuação dos continentes, devido sua provável viscosidade.*

"E' duvidoso — escreve Liais (4) — que os pequenos corpos chatos, considerados por Carruthers como os esporângios desta planta, a ela tenham pertencido realmente."

A segunda espécie é um feto igualmente novo, especial ao depósito em questão e associado a outros fetos dos gêneros *Glossoptéris* e *Sphenoptéris*. A terceira espécie (Noeggerathia obvata) é uma palmeira. Acharam-se mais algumas *Calamitas*. "Evidentemente — diz ainda Liais — as diversas formas indicadas acima aproximam-se das formas conhecidas nos depósitos da época hulhífera e nos das hulhas do Trias e dos depósitos jurássicos."

— "Como restos vegetais fósseis que podem, como os das hulheiras de Candiota (15), ser atribuídas ao começo do período secundário ou mesmo de antes tenho a citar — escreve o mesmo outor — os restos de uma Equisetácea, achados por Hartt, perto da Fazenda do Sistério, um pouco abaixo de Cachoeirinha do Rio Pardo, ao sul do Estado da Baía, e, portanto, também entre a borda do terraço continental e a costa. Êsses sinais mostram-se em um grés de grão fino, mui duro, azulado, compacto e um pouco alterado, misturado em camadas perfeitamente laminadas, com areias e conglomerados. Hartt alí notou sinais de caules de nós espessos de um vegetal que lhe pareceu ligar-se às Equisetáceas e que lembra, diz êle, por seus nós grossos, uma planta comum nas rochas devonianas de St.-John, New-Brunswick, denominada *Asterophylites? scutigera* Dawson. De acôrdo com esta semelhança, Hartt considerou essas camadas como paleozóicas."

— "Nas margens do Rio Maraú, perto de Camamú, ao sul do Estado da Baía, existem eschistos betuminosos em contacto com dioritos, dos quais ressuda petróleo. Êsses eschistos alternam com argilas betuminosas, amareladas e escuras, mescladas com areias, dando uma grande quantidade de petróleo por destilação e encerrando fragmentos de fôlhas e de raízes indetermináveis....."

— Num arenito amarelo, inclinado de 1. 30', situado a 6 kms. ao NO da estação Marechal Mallet, da Estrada de Ferro S. Paulo-Rio Grande, na margem esquerda do rio Braço do Putinga e do seu afluente Arroio Campina da Raia (Est. do Paraná), foram encontradas

---

(15) *Candiota — localidade do Rio Grande do Sul, próxima de Jaguarão.*

plantas fósseis que, estudadas pelo prof. R. Zeiller, foram por êste assim classificadas:

"As amostras de plantas desta seção, mui fragmentadas na maior parte, consistem de restos ou pedaços de fôlhas num arenito amarelo de grão relativamente fino, e outros fósseis indubitàvelmente animais, salientando-se uma ou duas escamas de peixes. Foram reconhecidos:

"*Glossopteris browniana* (Brongniart), estando algumas frondes completas."

"*Glossopteris angustifolia* (Brongniart), uma ou duas frondes bem conservadas."

"Um pedaço de fronde de *Tœniopteris* que podem ser identificadas com *Tœniopteris Feddeni*."

"Fragmentos de pínulas do tipo *Pecopteris*; pequenos restos de pínulas de fetos do tipo *Cladophlebis*, mui fragmentadas."

"Fragmentos de hastes articulares, mais ou menos dilatadas nos nós, pertencentes sem dúvida às *Equisetáceas*."

"Os dois *Glossopteris* citados, assim como os outros restos, referem-se a espécies da flora do andar indiano de Damuda. As rochas são permo-trias ou permiano superior."

— No Triássico de Sta. Maria, Est. do Rio Grande do Sul, foram descobertas madeiras petrificadas que o Dr. White referiu ao gênero *Dadoxylon*, de Endlicher, pertencente ao grupo das Coníferas. Sob o nome de Dadoxylon são geralmente designadas as madeiras fósseis de Coníferas das épocas paleozóica e secundária de estrutura idêntica à das Araucárias mas que não podem ser reconhecidas por madeiras de Cordaíteas.

— Algumas talófitas foram citadas por C. Maury em sua monografia XI, sôbre o Cretáceo de Sergipe: algas dos gêneros *Laminarites* (esp. indet.) de Massapé, *Lithothamnium* Philippi (espécies *Lit. Maurycæ* e *Lit. regonis* Howe), de Olhos d'água, perto de Guimardia, e de Lastro, Rio Ganhamoroba e Urubú.

— Numa camada de linhito provàvelmente terciária (Eoceno?) do Alto Amazonas, localidade de Canama, Etheridge coligiu sementes do gênero *Chara*, lacustre. Essas sementes — segundo êste autor — são menores do que as das Charas britânicas (eocenas e post-pliocênicas). O prof. Oliveira Roxo encontrou sementes idênticas em mate-

rial proveniente de Três Unidos e Rio Quixito, também do Alto Amazonas.

— As argilas fossíferas do Plioceno do Território do Acre (cabeceiras do rio Juruá) contêm fôlhas fósseis que foram estudadas pelo eminente paleobotânico Dr. E. W. Berry, suma autoridade no estudo das floras fósseis sul-americanas, e pela Dra. Carlota Maury. Essas argilas ligam-se às camadas de Pebas que já tivemos ocasião de mencionar mais atrás. As fôlhas em questão foram identificadas nos gêneros *Banisteria* Linneu, *Cassai* Linneu, *Couspapoa* Aublet, *Endlichera* Spengler, *Machaerium* Persoon, *Mespilodaphne* Nees, *Persea* Gaertner e *Vochysia* Jussieu.

— Do primeiro dêstes generos, Maury citou uma espécie nova — *Banisteria Demourai* Maury, caracterizada principalmente por sua fôlha largamente oblonga, de nervura média forte e proeminente, fundada sôbre uma fôlha fóssil proveniente de Montante Pôrto Peter, no vale superior do rio Juruá. A autora compara esta espécie nova com a *Banisteria oblongifolia* Berry, fundada sôbre fôlhas fósseis das argilas cinzentas, pliocênicas de Fonseca (Est. de Minas Gerais) e com a *Banisteria bassleri* Berry, do rio Aguaitia (Perú), julgando-a mais próxima da última que também é pliocênica.

"A mais antiga espécie definitivamente conhecida de Banisteria — diz a autora — é representada pelas fôlhas e frutos eocênicos do sudeste da América-do-Norte, porém o gênero pode ter se originado no Cretáceo Superior. Nas floras atuais da América tropical existem cêrca de oito espécies de Banisteria, especialmente arbustos trepadores."

Ao gênero Banisteria pertencem plantas fanerógamas angiospermas, dicotiledôneas e dialipétalas, da família das Malpigiáceas, notada desde o Oligoceno, segundo Zeiller.

— Do gênero Cássia, cita Maury a espécie — *Cassia Aguaytensis* Berry, tipo descrito do rio Aguaitia, departamento de Loreto, Perú Oriental, de horizonte eqüivalente ao de Pebas e representada também no Plioceno do Acre onde se acha associada ao gênero Banisteria, como em Aguaitia, o que é digno de nota. A localidade acreana em que foi encontrada fica a montante de Pôrto Peter (estação 12), vale superior do rio Juruá. O gênero Cássia encerra vegetais fanerógamos,

angiospermas, dicotiledóneos e dialipétalos, da família das Cesalpiniáceas, sendo encontrado desde o cretáceo médio.

— A espécie do gênero *Coussapoa Aublet*, citado por Maury, é indeterminada, pois o único espécime existente na coleção proveniente do vale superior do Juruá, a montante de Pôrto Peter, Acre, está mui fragmentado, sendo especìficamente indeterminável. A espécie *Coussapoa pliocênica* Berry é comum no Pliocênio da Bolívia Oriental e a *Coussapoa veracruziana* Berry e do Mioceno do Istmo de Tehuantepec, sendo possível que a espécie acreana se relacione com uma das duas.

"Existem cêrca de oitenta espécies de árvores e arbustos, representantes do gênero *Coussapoa* na flora tropical recente da América Central e do Sul (Maury)".

— Ao gênero Endlichera relaciona-se a espécie *Endlichera rhamnoides* Engelhardt, proveniente da mesma localidade das anteriores e de idade igualmente pliocênica. E' uma rubiácea. O tipo estudado por Engelhardt é do Terciário do Equador e Colômbia.

— A espécie do gênero Machaerium, papilionácea, citada por Maury como descoberta na mesma localidade que as supracitadas, é a *Machaerium Acreanum* Maury, espécie nova. O fol'olo sôbre que foi fundada foi, entretanto, referido provisòriamente pela autora do gênero Machaerium do qual existem mais de 16 espécies na flora atual das América Central e do Sul, sendo raras as espécies fósseis, das quais uma — *Machaerium eriocarpoides* Engelhardt, de Potosi, Bolívia, é semelhante à espécie atual do Brasil *Machaerium eriocarpum* Bentham que existe também na Bolívia.

— Ao gênero Mespilodaphne, da família das Lauráceas, dicotiledôneos dialipétalos, Maury atribuiu uma nova espécie — *Mespilodaphne Wanderleyi* Maury, também proveniente do alto Juruá, a montante de Pôrto Peter, Acre.

"Espécies recentes de *Mespilodaphne* vivem no vale superior do Amazonas. Alguns representantes existem também na flora recente da África, porém o vale do Amazonas parece ser a região ancestral do gênero.

— Outra espécie de Lauráceas foi citada por Maury como proveniente da mesma localidade: *Persea Euzebioi* Maury, espécie nova do gênero Persea que apareceu no Cretáceo Superior da América do

Norte, onde é encontrado também no Eoceno Inferior. Verifica-se também no Eoceno europeu. "Na América-do-Sul, Engelhardt descreve espécies do Miocênio da Colômbia. Na Ilha Trindade, Antilhas, Berry descreveu uma espécie do Miocênio, e Miller uma do Pleisstocênio (Maury)".

"A atual distribuição de *Persea* está principalmente na América tropical, porém ela estende-se para o Norte até o Estado de Virgínia. Existem cêrca de cincoenta espécies vivas nas Américas. E' digno de registo a existência de uma espécie nativa nas ilhas Canárias, longe da costa africana."

— Enfim, uma espécie do gênero Vochysia — *V. acuminatafolia* Hollick e Berry, tipo descrito do Plioceno da Baía, foi descoberta no Pliocênio do vale superior do rio Juruá, montante Pôrto Peter. A espécie atual do Brasil *Vochysia acuminata* Humboldt é a mais aparentada com a V. acuminatafolia. Existem atualmente umas 60 espécies do gênero Vochysia, encontradas principalmente no Brasil.

"Além desta espécie identificada e descrita, existem na coleção diversos espécimes de *Omalanthus* ou *Sapium* indeterminàveis — diz Maury. Existem também espécimes do rio Juruá e do igarapé Água Quente, rio Moa, cujos gêneros não puderam ser determinados devido ao seu estado imperfeito de conservação.

"Do rio Juruá há um espécime que é aparentemente um dicotiledôneo indeterminável do Pliocênio de Loja, Equador, que é um elemento de união para as afinidades pliocênias da flora das camadas com fôlhas do Acre."

"As camadas com fôlhas do Acre do alto rio Juruá são litològicamente, e no modo de conservação e nas relações de parentesco específico e genérico, semelhantes às camadas com fôlhas do rio Aguaitia, Departamento de Loreto, Perú, que são eqüivalentes às camadas de água doce de Pebas e do Amazonas, e no Acre são representadas pela fauna de *Anisothyris acreana* Maury das argilas conchíferas do braço formador do Jesamira, um tributário do rio Moa, vale superior do rio Juruá."

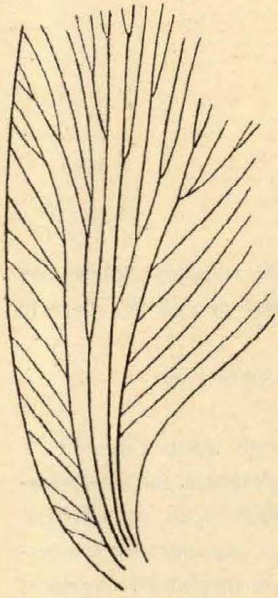


Fig. 2 — Fragmento de aza de *Phylobata Oliveirai* Carpenter, do Permiano de Anitopolis — Sta. Catarina (Bol. n.º 50 — Serv. Geol. e Mineralogico do Brasil).

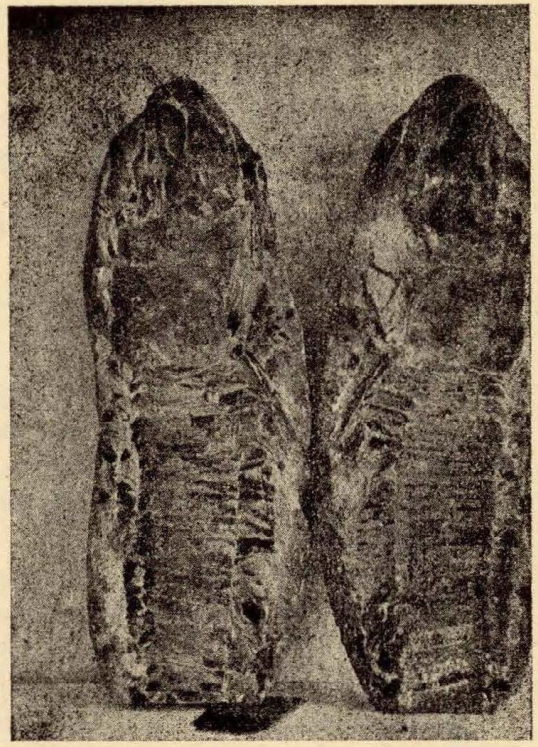


Fig. 3 — Peixe fóssil, petrificado (lado direito: molde externo).

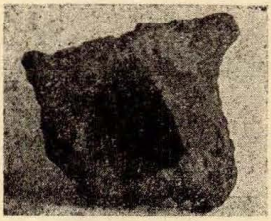


Fig. 4 — Equinoderma fóssil de Caçapava.

APÊNDICE

Por gentileza do Sr. De Paranhos Antunes, tivemos ocasião de examinar dois interessantes fósseis que fazem parte da coleção daquele senhor: um peixe e um equinoderma.

Estudando tais fósseis, emitimos os seguintes pareceres:

1.º — *Um peixe fóssil, petrificado.*

Interessante, sob muitos pontos de vista, é êste fóssil (fig. 3). A falta, porém, da cauda, elemento de grande importância na classificação dos peixes fósseis, bem como o modo de fossilificação, impede que se faça uma idéia perfeitamente exata da ordem a que pertenceu o espécime em questão. Entretanto, a forma rômbica ou romboidal das escamas, sua disposição imbricada, encaixando, ao que parece, o bordo duma na seguinte, seu aspecto esmaltado, brilhante, parecem indicar que se trata dum peixe *ganóide*.

O conjunto das escamas conservou a forma externa do peixe, como sucedeu com o Palæoniscus permiano. Parece não existir dúvida de que o animal está incluso no resto da rocha sedimentar que o envolveu, onde se fossilificou, provàvelmente por silificação.

O espécime tem 19 cms. de comprimento e a largura máxima de 6cms,5.

2.º — Um espécime de forma mais ou menos circular e regular, com três braços visíveis, se bem que truncados, e vestígios inequívocos de outros dois. Nota-se no corpo do espécime em estudo uma larga cavidade. As suas medidas são, num sentido, 9 cms. 8 e, no outro, 9 cms.

A simetria e todos os caracteres do espécime indicam que não se trata duma simples pedra, mas dum fóssil autêntico, petrificado, embora não pegue na língua, cuja classificação, de acôrdo com os caracteres que apresenta (simetria radiada, pentamera: 5 braços, dos quais

2 faltam; cavidade central, lembrando uma cacidade visceral; lados levemente côncavos; forma geral estelar, achatada), creio ser a seguinte:

I) RAMO: *Equinoderma*
II) CLASSE: *Asteróide (Estrêla do Mar)*
III) ORDEM: *Stellerideo*
IV) GÊNERO: ?

O estado de fossilificação em que se encontra o espécime em questão (fig. 4) não permite maiores detalhes na classificação.

— Para o estudo mais perfeito de cada um dos fósseis em questão, necessário, ou melhor, imprescindível seria a indicação da natureza geológica dos terrenos onde cada um foi encontrado; se o foram à flor da terra ou a certa profundidade (qual profundidade?) e os nomes das localidades e Estados onde foram recolhidos, dados estes que o Sr. De Paranhos Antunes não nos pôde, infelizmente, fornecer integralmente, dizendo-nos apenas que o peixe parece provir do Norte (Pernambuco?) e que o equinoderma provém de Caçapava (paleozóico?), neste Estado.

Rua Ponche Verde, 137
Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul
Agôsto, 1938.

Notas e apontamentos sôbre a cultura da cana de açúcar em Conceição do Arroio (atualmente Osório). Pinguela. A Usina Santa Marta

Já estávamos com êste número da Revista paginado quando no nosso conhecimento chegou a notícia de ter ocorrido nesta capital, a 22 do corrente, o falecimento do nosso distinto confrade sr. MANOEL ESTÊVÃO FERNANDES BASTOS.

Era o extinto membro do nosso quadro social há vários anos, tendo, bastas vezes, figurado nesta Revista, pois, grande estudioso das cousas do nosso passado, confiava sempre ao Instituto o fruto de suas pesquisas, sendo preciosa a contribuïção já divulgada e o que deixa inédito, principalmente sôbre o passado do município de Osório, sua terra natal. A colaboração que se segue, publicação póstuma, portanto, confirma, a par de outros trabalhos, quão grande é a perda que o Instituto sofre com o prematuro desaparecimento de tão ilustre confrade.

por Manuel E. Fernandes Bastos

Talvez ninguém saiba ainda que foi precisamente no lugar denominado PINGUELA, no município de OSÓRIO (antigo Conceição do Arroio), onde está instalada a USINA SANTA MARTA, que surgiram no município as primeiras plantações de cana de açúcar, e isso por volta de 1778.

O fato é, em verdade, bem curioso. Vem êle confirmar o princípio de que todos os acontecimentos obedecem a leis imutáveis, ou, então, o que outros já disseram: a história se repete.

Com efeito. Pinguela foi o lugar onde se iniciaram em 1778 as primeiras plantações de cana de açúcar. Pinguela é

o lugar onde se instala na região, em 1928 (século e meio depois), o primeiro estabelecimento importante para o fabrico de açúcar. É isso uma curiosidade histórica digna de registo.

Vamos agora comprovar a afirmação de que foi em Pinguela que se plantaram as primeiras canas na antiga Freguesia de Conceição do Arroio, que, como se sabe, abrangia em seu território os atuais municípios de Osório e Tôrres.

Os açoreanos que vieram povoar Laguna iniciaram suas lavouras, fazendo desde logo plantações de cana de açúcar, cultura que já conheciam nas Ilhas de onde procediam e à qual muito auxiliava o clima da região.

Quando se fêz o povoamento inicial do Rio Grande, isto é, quando o elemento açoreano procedente de Santa Catarina, seguindo a rota aberta por João de Magalhães e, mais tarde, após a entrada de Silva Pais pela barra do Rio Grande, em regular movimento de imigração, veio fixar-se no Continente do Rio Grande, já era muito conhecida e praticada a cultura a que nos estamos referindo, nas terras da Laguna. Entretanto, os primeiros elementos povoadores, demandando as terras do Sul, pelo litoral, vinham mais atraídos pelas promessas lucrativas dos negócios de gados e animais cavalares, que pelas messes fartas que lhes pudessem oferecer as terras dêsse rico Continente. Estabeleceram-se, porisso, na zona do campo, entregando-se à criação de gados e negócios correlatos. E surgiram rincões para invernagem, xarqueadas e estâncias de criação. Assim aconteceu ao longo dessa faixa extensa que vai desde a Guarda das Tôrres até a Povoação do Norte.

Sòmente por volta de 1773, quando o benemérito Governador José Marcelino de Figueiredo resolve fundar as primeiras freguesias, é que se deslocam para o Rio Grande os casais que, já não podendo estabelecer-se no campo, vieram formar os primeiros núcleos agrícolas. Então, começam a tomar posse de extensões maiores e menores na zona de matos, dando franca preferência às terras da encosta da Serra, desde a costa ou costão da ITAPEVA até à dos BARROS. O estabelecimento dêsses primeiros agricultores na Freguesia

de Conceição do Arroio teve lugar entre os anos de 1773 e 1795.

Cumpre aquí informar que mesmo muitos estancieiros, isto é, muitos dos que se haviam estabelecido no campo, procuraram também por essa época fundar o seu estabelecimento ou sítio de plantações nas mesmas terras da costa da Serra, terras a que êles davam denominações diversas, como sejam, "terras de matos", "mattos", simplesmente, "sítio da costa", "sertão", "terras do Sertão", etc.

Assim, desde a costa da Lagoa Formosa (atual Lagoa dos Barros) até à da Itapeva, numa extensão de mais de vinte léguas, alinhavam-se, com frente às lagoas e fundos ao cume da Serra (vertentes) e separados por linhas mais ou menos paralelas, as pequenas herdades dos casais e os velhos sítios onde os senhores do campo mantinham sua escravatura nos trabalhos da lavoura, sob a direção de algum dos **sinhôs moços** ou de feitores e capatazes, quando não era o próprio **sinhô** quem dirigia pessoalmente o estabelecimento.

Ainda hoje, casarões em ruínas e taperas já quase desaparecidas sob a vegetação que as envolveu, estão a indicar ao viandante os lugares onde já floresceram, na sua época, os velhos sítios da Costa da Serra. Aí temos, na costa da Lagoa dos Barros, os sítios do Capitão Custódio de Souza Oliveira, de Francisco da Silveira Peixoto, de Machado Gomes, de José Luiz da Silva, de José de Souza Batista, de José de Freitas Rosa, de José Luiz Viegas e outros. Na costa de Pinguela e Morro Alto, os de Domingos Corrêa de Andrade, Antônio Rodrigues de Souza Salazar, Domingos Fernandes Lima, Marcelino Nunes, Luiz da Silva Ferreira, João Antônio Alves, Bernardo Marques da Rosa e outros. Na costa dos Quadros, os de Inácio José de Araújo, Padre Manuel José Sanhudo, José Antônio de Quadros e outros, e, finalmente, na costa da Itapeva, os sítios (verdadeiras fazendas, pela sua extensão), de João José de Guimarães, Manuel Francisco da Terra, Firmiano José Luiz Osório, José de Lemos Terra, João Cardozo Vieira e outros.

Interessado, de muito, em encontrar elementos que permitissem informar històricamente alguma cousa de certo com

referência ao início da cultura da cana de açúcar nesta região, tenho examinado com carinho farta cópia de velhos documentos da época. Por felicidade, eis que um precioso papel vem ter às minhas mãos, e tal é a sua clareza e fôrça probante, que me julgo estribado para afirmar que foi em Pinguela, que se fizeram as primeiras plantações de cana de açúcar neste município, ao menos as primeiras para sua exploração industrial com fins econômicos. Êsse papel, ao qual empresto a maior importância, é o requerimento dirigido por Joaquim Lima ao Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira em 1790, pedindo-lhe legalizasse a posse em que se encontrava de umas terras situadas no referido lugar denominado Pinguela. Eis, na íntegra, êsse apreciável documento:

"Senhor Brigadeiro Commandante do Continente.

Diz Domingos Fernandes Lima, morador nesta Freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Arroio, que elle se acha arranchado na Paraje chamada a Pinguela em seiscentas braças de terras que lhe serve de Divisa o Rio da dita Pinguela da parte do Sul e da do Norte Terras de Domingos Correa de Andrade fazem frente para Alagoa do Morro Alto aonde trabalha **a mais de doze annos** com escravos e **Engenho de mandioca e Aguardente** e de presente quer por **fabrica de assucar** cujas terras lhe foram destinadas pelo Capitão João Antunes Pinto por ordem do senhor governador José Marcellino de Figueiredo e como o supplicante não tenha mais clareza da dita data — Pede a Vossa Senhoria seja servido confirmar-lhe a dita data para que lhe sirva de titulo da Posse dellas e Receberá Mercê. Despacho: O Alferes Commandante faça conservar ao supplicante na posse das terras que declara athé que Possa aver os verdadeiros titulos. Freguezia da Serra, 9 de Dezembro de mil e setecentos e noventa. Bandeira. Reconhecimento: Reconheço verdadeira a Rubrica do Despacho Retro

ser do Proprio Commandante Geral que foi desta Capitania Rafael Pinto Bandeira do que dou fé. Conceição do Arroio, 17 de Agosto de 1913. (Estava o signal publico) Assignado: Felix José dos Passos".

Êsse documentos tem tôda a autenticidade. Foi êle anexado pelo dito Fernandes Lima a um outro requerimento que, posteriormente, em 1798, dirigiu êle ao Governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral, pedindo despacho regular da concessão daquelas mesmas terras que continuava ocupando, concessão que lhe foi feita no referido ano de 1798.

E para que se veja que as declarações de Domingos Fernandes Lima eram verdadeiras, damos a seguir o seu requerimento dirigido ao Governador Veiga Cabral e a informação que lhe deu o Capitão Auxiliar do distrito:

"Ilustrissimo e Excelentissimo Senhor General Governador.

Diz Domingos Fernandes Lima morador na Freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Arroio que elle supplicante em conformidade do documento que apresenta tem fundado o seu Estabelecimento de Lavouras e canaviais avultados nas seiscentas braças de Terras de Mattos no logar denominado da Pinguela, divizados pela parte do Sul com o Arroio denominado Pinguela e pella do Norte com Terras de Domingos Correa de Andrade fazendo Frente para a Lagoa do Morro Alto e como a graça do despacho que apresenta lhe não confere Solidum Direito Pede a vossa Excelencia seja servido autorisar com seu respeitavel despacho de concessão a mesma Posse em que o supplicante se tem conservado athe agora afim de viver com segurança de verdadeiros Titulos que Possão Legitimar o seu senhorio. E Receberá Mercê. Primeiro despacho: Informe o Capitão Auxiliar do respectivo districto. P. Alegre, 5 de Novembro de 1798

(Rubrica do Governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral).

Informação:

O supplicante está de posse das terras de que faz menção este requerimento **aos Annos que alega** sem opposição de pessoa alguma he o que posso informar a V. Exa. que mandará o que foi servido. Freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Arroio, 1.º de Março de 1799. Custodio de Souza Oliveira, Capitão".

A concessão foi feita. Essas terras, mais tarde, em 1813, quando já no domínio de Antônio Rodrigues de Souza Oliveira Salazar, que casara com a viúva de Domingos Fernandes Lima, foram medidas e demarcadas. Serviu como Juiz das Sesmarias Fernando Rodrigues Braga, o mesmo cujo nome não era êsse e sim Reginaldo Silvestre Ribeiro, segundo nos informa o historiador Aurélio Pôrto. (Publicações do Arquivo Nacional, Vol. XXX, pág. 318).

A menos que outro qualquer documento venha a ser encontrado, êsse do qual nos estamos ocupando é o de data mais antiga que se refere ao assunto (1778). Salvo, pois, prova em contrário, que será recebida e aceita com satisfação, a afirmação aí fica:

Foi em Pinguela, no atual município de Osório, que se fizeram as primeiras plantações de cana de açúcar para fins industriais econômicos, em tôda a região abrangida pela antiga Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Arroio.

Um século e meio depois (1928), com a presença dos drs. Borges de Medeiros e Getúlio Vargas, sendo êste Presidente do Estado, inaugura-se naquele mesmo lugar denominado Pinguela a USINA SANTA MARTA, o mais importante estabelecimento de fabricação de açúcar de todo o Estado.

É certo que alí já existira uma Destilaria de Alcool, instalada por João Issler. Entretanto, como primeiro estabelecimento industrial de açúcar, as credenciais cabem à Usina Santa Marta.

E é justo também que se deixe aquí afirmado também que a iniciativa do aproveitamento da antiga destilaria de Pinguela para a fabricação de açúcar deve-se ao sr. Abraão Pereira de Souza, aquí domiciliado e residente e filho dêste município. Adquiriu êle por compra tal destilaria à firma Bromberg & Comp., de Pôrto Alegre, e iniciou a plantação de cana. Logo depois associou-se ao sr. Bernardo Dreher e, então, teve lugar a instalação da Usina Santa Marta, com capitais dêsses senhores e de alguns capitalistas de Pôrto Alegre.

Em rápidas linhas ficam aí essas ligeiras informações como subsídio para quem de futuro venha a escrever a história da agricultura no Rio Grande do Sul.

Osório, 12/2/1938.

Nótulas Bibliográficas

CASTILHOS GOYCOCHÊA

Não é crítica o que aquí pretendemos fazer, mas, ùnicamente, apontar aspectos da vida intelectual de um dos mais finos temperamentos de nossa terra — Castilhos Goycochêa.

Falando, certa vez, de Olavo Bilac, disse Humberto de Campos que "o homem e a mulher elegantes não são distinguidos na multidão senão pelas pessoas de cultura social elevada", porque essa elegância "é filha da discreção, da delicadeza dos sentidos, e constitue a flor mais suave da roseira da civilização".

Essa definição de elegância — "delicadeza dos sentidos", — ajusta-se, com perfeição, à vida intelectual de Luiz Felipe de Castilhos Goycochêa, de nobres vasconsos guerreiros e cruzados, nascido no Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande, cidade berço dêste rincão da Pátria.

Senhor de bela inteligência e grande cultura, Castilhos Goycochêa jamais fêz uso dessas suas faculdades, — tal como Olavo Bilac, — com intenção de mostrar-se superior aos demais, "fazer o importante, o superior", como é praxe nos medíocres.

Sua obra é, tôda ela, de uma elegância cristalina, mesmo na parte a que primeiramente se dedicou, — descrever pontos escabrosos da vida, — como no seu livro de contos — **No Circo da Vida,** — cujo realismo cru, trágico não raro, é, contudo, pontilhado por laivos de bondade e piedade que demonstram a "delicadeza dos sentidos" do autor.

Em outro livro, — livro todo coração, — **O Superhumanismo de Vicente Licinio,** — Castilhos Goycochêa, sociólogo e filósofo, se tornou, por circunstâncias especiais, apologista do suïcídio, transformando, assim, essa sua obra numa espécie de **Werther** capaz de inocular nos espíritos fracos o "virus" da morte violenta...

Numa entrevista, em princípios de 1935, sôbre os escritores do Rio Grande do Sul, falando de Goycochêa, condenávamos os dois livros referidos, sob o ponto de vista da moral.

E em carta de 13 de janeiro dêsse ano escrevía-nos do Rio de Janeiro:

"Agradeço imensamente os conceitos que externaste sôbre mim. Gostei muito. Estou de acôrdo com tua impressão acêrca do **No Circo da Vida** e do **O Superhumanismo de Vicente Licinio.** Que queres? O primeiro, não sei como saíu artificial. Talvez influência de leituras desordenadas. O outro, teve uma causa respeitabilíssima. Algum dia t'a comunicarei. Digo-te hoje, sòmente, que o Vicente Licinio foi-me um grande amigo, como um irmão".

Mais tarde, realmente, visitando o seu e nosso Rio Grande, em palestra contou-nos tudo sôbre Vicente Licinio Cardoso.

A apologia do suïcídio foi um desabafo da dôr recalcada...

E nessa confissão íntima que indiscretamente revelamos, está a prova maior da elegância intelectual e moral de Castilhos Goycochêa.

Sei que há muita gente que não gosta dêle. Mas, quem de nós não possue inimigos que desconhece e que, na sombra, maquinam, tramam, como arteira aranha, sua teia para envolver-nos?

Que importa, porém?

A mediocridade necessita, também, fazer alguma cousa... para ser castigada, depois.

* * *

Castilhos Goycochêa iniciou sua vida literária com **Mosaico** e continuou com o romance **O Testamento sentimental de Lysandro Sant'Iago.**

Pura literatura, como no **O Circo da Vida,** mas sem aquele realismo semi-barbaro, dêste.

Depois escreveu **Volta à Natureza,** ensaio sociológico, primeiro passo para a vitória definitiva do escritor nobilíssimo e elegante, culto e probo que hoje admiramos e amamos.

Não são, porém, estas suas melhores obras.

Surgiram elas com os estudos sérios e meditados de sociologia, hauridos, especialmente, na História do Rio Grande.

E brotam, então, de sua pena de escritor castiço para quem até a ortografia é pura questão de elegância, os magníficos ensaios **O Gaúcho na Vida Política Brasileira** e **Alma Heróica das Coxilhas** completados, por assim dizer, por **Símbolos da Realidade Brasileira.**

Estão, nestes três ensaios sociológicos, condensados alma, coração e cérebro de Castilhos Goycochêa, que, contudo, mais, muito mais nos poderá dar com a mesma finura e "delicadeza dos sentidos", com a mesma elegância moral e espiritual.

Goycochêa, como Olavo Bilac, embora revoltado, não grita, não esbraveja: contradiz, apenas, com serenidade, ensinando, como bom mestre, delicadamente, alunos remissos. E' a moral da cultura.

Continuando sua obra, sua marcha ascensional de escritor, deu-nos, agora, dois novos livros: **Guerra dos Farrapos** e êste delicado e delicioso **Singularidades.**

O primeiro, prefaciado por Souza Docca, amigo e mestre de todos nós que fêz, embora divergindo, em pontos, o elogio do autor, — marca o primeiro passo, e passo magnífico, de Castilhos Goycochêa nos arraiais da história pura. E êsse passo deu-o com firmeza, com precisão. Entrou com "o pé direito".

Formam esta obra, ilustrada em parte pelo lapis brilhante de Nelson Boeira Faedrich, cinco capítulos: — Cau-

sas da revolução farroupilha; — "Os Farrapos" na moldura da Arte; — A sentença final no processo dos farrapos; — Os generais da República Riograndense; — Índice cronológico dos principais fatos ocorridos durante a revolução farroupilha.

Há, aí, capítulos admiráveis, profundos, em que o pensador, o sociólogo e o historiador se mostram com tôda a pujança de um talento de escol.

Singularidades, — história, crítica e sociologia, — é um livro "singular". É, talvez, o mais elegante, o mais fino, o mais delicado dos livros de Castilhos Goycochêa.

Quanta delicadeza naquelas páginas sôbre o Conde de Pôrto Alegre! Quanta bondade no estudo sôbre César de Castro! Quanta vida ao falar de D'Annunzio e Silveira Martins! Quanta estesia na descrição da velha Jerusalém, e quanta alma, quanta vibração ao falar da aristocracia gaúcha e do "povo singular", o povo vasco, "povo de legenda"!

Neste livro está Goycochêa todo inteiro. Lendo-o, tem-se a impressão de estar a seu lado, ouvindo-o, ouvindo sua palavra serena e boa, entrecortada, sempre, por um sorriso suave, comunicativo, feliz, por um "sorriso singular".

Castilhos Goycochêa cuja obra encanta pela serena elegância de seu espírito, ensina e ilustra pela profundeza dos conceitos que pródigamente distribue em seus livros de sociologia e história, — pertence a êsses nobres espíritos fidalgos das velhas estirpes que faziam da elegância intelectual e moral — um dogma.

Walter Spalding

* * *

COLÔNIA DO SACRAMENTO

Consta esta publicação histórica escrita pelo erudito general Jônatas da Costa Rego Monteiro de dois grandes tomos sôbre a antiga possesão portuguesa no Rio da Prata, denominada Colônia do Sacramento.

A luta foi ardorosa e prolongada, mas desta resultou a formação do Estado de S. Pedro do Rio Grande e "que fixou os limites ao sul do Brasil", entre as respectivas metrópoles.

O general Rego Monteiro é um especialista proficiente nestes estudos do passado, pela preparação intelectual, e pela tendência de sua índole de pesquisador de arquivos em que procede a descoberta de mapas, desenhos topográficos, documentos das demarcações territoriais outras investigações necessárias e indispensáveis à exatidão dos acontecimentos nacionais.

Nos dois grandes livros que compôs da história da Colônia do Sacramento, o autor descreve-a no primeiro, em oito capítulos compreendidos em 475 pg; incluindo o tratado de Tordesillas e providos de gravuras e mapas.

O segundo consta de 283 pg., contendo 89 documentos na sua íntegra; muitos gráficos, outros mapas e plantas topográficas.

Ambos volumes abrangem o período de quase um século, isto é de 1680 a 1777.

Material histórico e metòdicamente apreciado neste complexo estudo da situação litigiosa da Colônia do Sacramento acha-se perfeitamente organizado desde o capítulo primeiro das viagens dos navegantes lusitanos André Gonçalves, Gonçalo Coelho, Fernão de Magalhães, Cristóvão Jacques, Diogo Garcia e outros.

Dêste modo amplamente informativo o período dos episódios do descobrimento da terra de Santa Cruz é esclarecido pela documentação dos mínimos detalhes que o autor tratou de aproveitar.

Passando a fundação da Colônia como praça de guerra, pois teve comandantes militares e fortificações, o govêrno de Portugal deliberou fixar nesse ponto o seu domínio no Sul do continente e desta disposição resultou a oposição da coroa Espanhola.

Em 1680 uma expedição portuguesa veio fundar aquela

povoação meridional que se converteu nos motivos da rivalidade entre as duas monarquias européias.

O governador de Buenos Aires dom José de Garros preparou fôrças para expelir os invasores e não demorou a realizar-se o primeiro ataque àquela posição.

Dom Manuel Lôbo comandante das fôrças defensivas da praça situada no Rio da Prata, exhausto de recursos e viveres, retardados os auxílios que viessem do Rio de Janeiro, a cidadela do Sacramento achava-se em condições precária pelas intimações para render-se ou abandono completo da dependência de Portugal, até ser tomada não obstante a resistência valorosa dos seus defensores.

O brigadeiro Manuel Lôbo estava enfêrmo, impossibilitado de exercer a sua autoridade oficial, ficou prisioneiro e no mês de Janeiro de 1683 faleceu em Buenos Aires.

As represálias espanholas do govêrno de Buenos Aires não cessaram embora a Colônia fôsse restituída ao domínio português.

Em substituïção do governador Francisco Naper de Lancastre veio o brigadeiro Sebastião da Veiga Cabral que se interessou por melhorar a administração local; representou à metrópole no sentido da conveniência de serem reparadas as fortificações defensivas e tratou do comércio a despeito do govêrno de Buenos Aires empenhado na fundação de "um centro na margem norte do Prata". Pag. 132.

Em 1702 continuava o governador da Colônia a providenciar pela segurança dessa possessão quando no ano seguinte Portugal celebrou com a Inglaterra o tratado de Metuen.

Em conseqüência a realeza espanhola determinou ao seu representante em Buenos Aires que atacasse a Colônia do Sacramento, pois estava revogado o tratado de amizade de 1701".

A guerra não tardava renovar-se com a Espanha, e então o governador da Colônia recebeu ordens para defendê-la.

Preparava-se o brigadeiro Cabral para evitar alguma surpresa quando em Outubro de 1704 recebeu aviso do desembarque da expedição militar espanhola comandada por dom Baltazar Garcia Roz e provida de artilharia chegou à vista da Colônia.

Repelidas as propostas de capitulação, o inimigo atacou-a impetuosamente, durante dias consecutivos de bombardeio e de assaltos às trincheiras.

Afinal estipulou-se o abandono da posição pelos seus defensores que partiram para o Rio de Janeiro.

"Assim foi pela segunda vez perdida a Colônia do Sacramento e na época indicava desenvolvimento promissor; possuía hospitais, casas de material e de campo, hortas, pomares e grande plantação de trigo com que mais de uma vez supriu Buenos Aires"...

O brigadeiro Cabral, no Rio de Janeiro mandou ao vice-rei Rodrigo da Costa o relatório dos acontecimentos, acompanhado de uma planta topográfica da Colônia e de um Diário dos episódios dos combates. Pag. 163 e notas.

* * *

Em Novembro de 1712 estando restabelecida a paz entre os governos de Portugal e Espanha, o tratado de Utrech, no seu art. 6.º consignou a restituïção da Colônia do Sacramento. O conselho Ultramarino aprovou que o rei de Portugal mandasse ocupar o território e providenciasse a reconstrução da cidadela, embora custasse despesas; isto em 1715.

Nomeado Manuel Gomes Barbosa que exercia estas funções em Santos, foi ao Rio de Janeiro receber instruções; delas constava que "procedesse com tôda cortesia para o govêrno de Buenos Aires, enviando-lhe mensageiros de sua chegada à Colônia". Pag. 168.

Em Novembro de 1716 três representantes do governador de Buenos Aires entregaram a Manuel Barbosa as ruínas da Colônia juntamente com a artilharia encravada pelo brigadeiro Sebastião Cabral e outros materiais.

De posse do território, formalmente restituído à coroa de Portugal, o novo governador cuidou da desobstrução das ruínas, reparação das casas para alojamento da guarnição que levou e também do que fôsse necessário para a sua administração.

Em fevereiro de 1718 chegou à Colônia o sargento-mor Antônio Rodrigues Carneiro, acompanhado de sua família e de sessenta casais de portugueses para o trabalho da produção agrícola, elevando-se o número de habitantes a mais de mil, inclusive a guarnição que constava de trezentas e noventa praças com oficialidade.

Decretou o govêrno português a insenção de imposto para a entrada de gêneros expedidos para aquele território no espaço de dez anos; providência que muito beneficiou ao seu desenvolvimento.

Esta situação de prosperidade motivou más disposições dos espanhóis de Buenos Aires que acoroçoaram freqüentes incursões de índios contra as propriedades dos agricultores da Colônia.

Veio então de Portugal em 1721 o Mestre de Campo Antônio Pedro de Vasconcellos nomeado governador desta possessão, sendo-lhe recomendado que "a Colônia era de tanta importância para a coroa de Portugal que não a trocaria pelo mais vantajoso e eqüivalente que lhe oferecessem os castelhanos". Pag. 179.

De posse da sua administração o governador Antônio Pedro cumpriu as instruções de cuidar da prosperidade da Colônia e teve logo de repelir a continuação das correrias dos indígenas contra a criação de gado, as plantações e colheitas agrícolas.

Dom Bruno de Zabala, governador de Buenos Aires, não perdia de vista as boas condições dêsse domínio de Portugal e expedia comunicações à Madrí lembrando ocupá-lo.

A indústria e o comércio de couros era uma das causas da ambição dos vizinhos do Rio da Prata contra os colonos portugueses.

Procurando uma expedição de Portugal, fundar povoação na Costa de Montevidéu o governador de Buenos Aires protestou e determinou que a tropa de Antônio de la Vega hostilizasse a Colônia do Sacramento e lhe bloqueasse a comunicação marítima:

Entretanto, as ordens superiores eram de "não quebrar a paz e resistir na sua posição" obedecida pela gente de Portugal; por isto foi abandonada a idéia de fundar outra possessão na margem norte do Rio da Prata.

Dispendiosa foi esta expedição pois custou cem mil cruzados à coroa de Portugal, e por prevenção os espanhóis fortificaram Montevidéu e reforçaram a guarnição do rio S. João. — O governador da Colônia compreendeu que precisava reagir "respondendo ataque por ataque". Assim o fêz.

Nova guerra não tardaria a se declarar. As dificuldades surgiram a ação do mestre de campo Antônio de Vanconcellos.

Substituído o governador Bruno Zabala por Miguel de Salcedo na administração de Buenos Aires, em março de 1734 que de passagem examinou a posição da Colônia sem ter o seu navio correspondido as salvas de cortesia que recebera dos portugueses; mesmo assim o comandante da praça mandou cumprimentá-lo oficialmente.

Dom Miguel Salcedo respondeu, com uma carta declarando reatar a questão do território da Colônia, pois trazia estas ordens reais.

A 5 de abril de 1734 contestava-lhe o brigadeiro Antônio Pedro, atenciosamente, "aguardar as ordens para êsse assunto que o Rei não tardaria em mandar." Trocaram-se outras cartas de protestos entre as duas autoridades sôbre os limites dos territórios e ameaças da parte espanhola.

Começaram outra vez as correrias contra os habitantes da Colônia do Sacramento e também hostilidades às embarcações portuguesas que motivaram reclamações; destas ocurrências houve comunicações a el-rey de Portugal.

Prevendo nova guerra o governador Antônio Pedro ativou as obras de fortificação da praça e outros meios para sua defesa, tendo enviado informações ao Rio de Janeiro e a S. Paulo.

Assim procedendo não desacertou porque "no dia 20 de outubro de 1735 travou-se o primeiro combate entre hespanhóis e portugueses". Pag. 222 — Continuavam as escaramuças com os defensores da Colônia que conseguiram receber provisões necessárias e dom Miguel Salcedo acampado no arraial de Veras ativou as operações para sitiar a praça, auxiliado por um numeroso reforço de índios Tapes.

O governador da Colônia repeliu tôdas as intimações de rendição, a-pesar-do bombardeio do inimigo o qual teve que retirar em razão da aproximação de uma esquadra portuguesa.

Do Rio de Janeiro, por ordens do vice-rey general Gomes Freire de Andrade foram expedidos estes socorros à Colônia; a 10 de fevereiro dom Miguel Salcedo retrocedeu para Buenos Aires em razão do insucesso do seu ataque.

O vice-rey do Brasil cuidou da desfôrra contra os espanhóis do Prata providenciando atacar Montevidéu e Buenos Aires, reüniu e expediu fôrças que efetuassem tais operações de guerra, ao mesmo tempo enviava o brigadeiro José da Silva Pais ao Continente do Rio Grande, fundar o presídio que iniciou a futura província de S. Pedro do Sul, "para facilitar as comunicações com a Colônia do Sacramento". Pág. 290. Ano de 1737. — Não demoraria a permanência do domínio de Portugal naquele território.

À anulação do tratado de 1750 seguiu-se nova guerra. Dom Pedro de Ceballos veiu governar Buenos Aires e renovou a animosidade entre os ibéricos e os lusos.

O brigadeiro Vasconcellos que governou vinte e sete anos a Colônia teve por substituto Luiz Garcia de Bivar, também oficial general do exército de Portugal em 1749.

Procedeu-se em 1752 à demarcação dos limites pelas comunicações dos governos interessados; o vice-rey Gomes

Freire presidiu a de Portugal e o Marquês de Valdelirio a da Espanha, encontrando-se ambos na praça da Colônia.

O representante teve de conduzir expedição militar ao Rio Grande do Sul contra a revolta dos Índios das Missões e voltou ao Rio de Janeiro em 1759, tendo passado "sete anos e dois meses em trabalhos dos limites".

Foi agraciado com o título de Conde de Bobadella. Pág. 374. — O governador Garcia Bivar faleceu em fevereiro de 1760 e substituído pelo brigadeiro Vicente da Fonseca que recebeu no Rio de Janeiro, instruções do vice-rey Gomes Freire como deveria proceder naquele cargo.

"Chegara a ocasião desejada por Dom Pedro de Ceballos" que se preparou para atacar com as tropas de Buenos Aires os domínios portugueses desde o rompimento da paz em 1762.

A praça da Colônia capitulou depois de dezesseis meses de rigoroso bloqueio e de vinte e cinco dias de bombadeio que lhe destruíu a defesa.

Em 1763 celebrou-se o tratado de París que dispôs sôbre a restituïção do território no estado em que estavam antes da guerra. Neste mesmo ano veio de Portugal o coronel Pedro de Figueiredo Sarmento assumir o govêrno da Colônia que lhe foi entregue a 27 de dezembro.

Não obstante êste fato continuou o sistema de discórdias e contestações pela falta de se cumprirem as estipulações exatamente.

O governador da Colônia em 1775 transmitiu os seus poderes ao coronel Francisco José da Rocha que dois anos depois teve de resistir a novo assalto das fôrças do general Ceballos então vice rey das províncias do Rio da Prata.

A praça da Colônia estava insuficientemente preparada para resistir a-pesar-das repetidas reclamações do governador ao vice rey Marquês do Lavradio, e a rendição teve de se efetuar a 3 de junho de 1777.

O tratado de S. Ildefonso ultimou a permanência da Colônia do Sacramento na posse do reino de Portugal.

Livros de erudição histórica, militar, política, diplomática e administrativa são estes pela sua extraordinária documentação e análise dos acontecimentos.

Leopoldo de Freitas

*
* *

"LA ETNOGRAFÍA ANTIGUA DE SANTIAGO DEL ESTERO Y LA LLAMADA CIVILIZACION CHACO - SANTIAGUEÑA". por **Antônio Serrano** — Paraná — Argentina — 1938.

No grupo brilhante de etnógrafos e arqueólogos que orientam, na República Argentina, para um rumo elevado de verdadeiro critério científico, os estudos americanistas, a personalidade de Antônio Serrano, diretor do Museu de Entre Rios, se destaca, dia a dia, com mais viva evidência.

Dotado de uma inteligência clara e penetrante de investigador, de uma admirável capacidade de trabalho e de um verdadeiro entusiasmo pelo ramo de cultura a que dedica as melhores energias do seu espírito, Antônio Serrano vem de há vários anos prestando à ciência etnológica de seu país e ao americanismo em geral uma colaboração fecunda e preciosa, honesta e altamente inteligente.

Não lhe falta, para o importante trabalho que vem realizando de coordenação e de pesquisa, uma cultura vasta e robusta assim como aquele claro e agudo senso crítico sem o qual não é possível nenhuma obra científica verdadeiramente construtiva e orientadora.

Sabem os verdadeiros estudiosos que há duas classes bem diversas de americanistas. Uma delas é que insiste em servir-se do material arqueológico, etnográfico ou folclórico para dar viso de fundamento científico e de pesquisa séria a teorias fantásticas que têm bases apenas numa incapacidade de distinguir o sonho da realidade e numa imaginação

descontrolada de qualquer sentido crítico; a outra é aquela que trabalha com uma cuidadosa e austera inteligência de investigação científica, que prefere a intuïção e o rigor do exame crítico aos vôos mirabolantes da fantasia e que, em vez de deformar os dados da realidade objetiva — constituídos pelo material científico rigorosamente selecionado — para justificar teorias aparatosas, procura chegar a conclusões esclarecedoras e certas, pelo estudo dos elementos que tem à sua disposição.

A esta última categoria de pesquisadores honestos e cuidadosos, de americanistas que preferem fazer ciência séria a impressionar os basbaques que nada entendem do assunto com fantasias inconsistentes, pertence Antônio Serrano. Demonstrações brilhantes de seu honesto método de trabalho, de sua elevada orientação científica e de seu senso crítico, são, afora os numerosos artigos que tem publicado em revistas científicas, livros como "Los primitivos habitantes del territorio argentino", "Etnografía de la antigua provincia del Uruguay" e o valioso ensaio, que publicou o ano passado com o título de "Arqueologia Brasileira".

Agora Antônio Serrano enriquece a sua já brilhante coleção de trabalhos com mais uma obra em que trata de um assunto palpitante para a arqueologia sul-americana e que tem despertado o mais vivo interêsse entre os especialistas da matéria. Êsse novo livro do ilustre diretor do Museu de Entre Rios é "La Etnografia Antigua de Santiago del Estero e la llamada civilizacion Chaco-Santiagueña".

Como se vê pelo título, êsse livro trata de uma região da República Argentina, Santiago del Estero, que tem concentrado a atenção dos estudiosos da etnografia do vizinho país em virtude das importantes descobertas arqueológicas feitas, não há muito, pelos irmãos Wagner.

Efetivamente, o material encontrado na região de Santiago del Estero por Emílio R. Wagner e Duncan L. Wagner e estudado por êsses exploradores na obra "La civilizacion chaco-santiagueña y su relaciones com las del Viejo y Nuevo Mundo", é, como material científico para o conhecimento da cultura oleira que se desenvolveu nessa província argentina,

de extraordinário valor. Ninguém pensou até hoje, nem o próprio Serrano, que discorda das conclusões apresentadas pelos irmãos Wagner, em diminuir a importância científica dos numerosos e magníficos exemplares de cerâmica e outros objetos que os dois afortunados exploradores da zona arqueológica de Santiago del Estero desencavaram. O que o prof. Antônio Serrano não aceita é o trabalho posterior de interpretação dêsse material precioso a que se entregaram os irmãos Wagner. A essa interpretação o sr. Serrano chama de "madeja de fantasias" e, em páginas brilhantes de análise crítica, aborda tôdas as conclusões dos criadores da chamada antiguíssima civilização Chaco-Santiagueña, para demonstrar-lhe a inconsistência científica e o caráter fantasioso.

Segundo os irmãos Wagner, o conjunto de material por êles exumado corresponderia "a uma antiguíssima civilização já desaparecida muito tempo antes do descobrimento da América".

"Tratar-se-ia — diz Antônio Serrano, resumindo as idéias dos Wagners — de uma "civilização mãe" tão antiga pelo menos como as mais antigas do mar Egeu e como as mais antigas civilizações asiáticas, com as quais tem estreitas analogias. Corresponde a um império teocrático e monoteísta que estendeu seus domínios até mais para cá do Rio Paraná".

Os irmãos Wagner foram levados a essas conclusões pelo estudo do simbolismo dos motivos decorativos e as próprias formas da cerâmica por êles descobertos e, por correlações dêsses motivos com os de trabalhos artísticos de Tróia, Ur, Micenas, Creta, etc. concluíram que devia haver uma relação entre o chamado "grande império teocrático" chaco-santiaguenho e as velhas civilizações da Ásia Menor, de Creta, de Micenas e Tírinto.

Refutando essa teoria e os argumentos e interpretações em que se fundamenta, o prof. Serrano escreveu uma obra interessante de crítica de um lado e, de outro, de investigação da etnografia de Santiago del Estero: Trabalho que é orientado pelo rigoroso e claro critério científico que sempre norteou os estudos fecundos dêsse ilustre arqueológo, o novo livro de Antônio Serrano representa, sem dúvida, uma con-

tribuïção valiosa para a solução dos problemas que levantaram as descobertas arqueológicas dos irmãos Wagner e que êles, com suas teorias, tornaram mais emaranhados.

Ângelo Guido.

*
* *

HISTÓRIA DA ARTE BRASILEIRA, por **Anibal Matos** — Biblioteca Mineira de Cultura — Belo Horizonte — 1937.

Anibal Matos, que é uma das figuras mais interessantes e mais produtivas da intelectualidade mineira, acaba de acrescentar à lista já extensa de suas obras sôbre história, teatro, arqueologia e arte mais um volume digno de nota. O título, "História da arte brasileira", já diz do assunto tratado pelo erudito e brilhante escritor e historiador mineiro, que em outros trabalhos já se tem ocupado de várias fases do nosso desenvolvimento artístico, de algumas das nossas figuras de artistas do ciclo colonial, como Mestre Valentim e o Aleijadinho, e dos munumentos de arte da sua terra.

No volume com que, agora, enriquece de mais uma valiosa contribuïção a série de obras da "Biblioteca Mineira de Cultura", por êle dirigida, Anibal Matos reúne dois trabalhos que já havia publicado na mesma coleção com o título de "Das origens da arte brasileira" e "Arte Colonial brasileira". Essas duas obras, reünidas num só volume, constituem um livro precioso para os que desejam conhecer o desenvolvimento das manifestações artísticas no Brasil, desde os mais singelos artefactos dos nossos selvícolas até essa curiosa expressão de uma vontade de criação decorativa que é a cerâmica marajoara e, desde êsse ciclo artístico dos oleiros nhengaibas de Marajó, até os grandes monumentos de arte barroca em que assomam as personalidades vigorosas do Aleijadinho e de Mestre Valentim.

Pobre como é de obras de exposição histórica ou de crítica o gênero de literatura de que Gonzaga Duque tratou com

tanto brilho e tanto carinho, o novo livro de Anibal Matos representa uma contribuïção importante como trabalho destinado a tornar mais conhecidas dos brasileiros não sòmente a capacidade artística dos nossos índios, como, também, vários dos aspectos mais significativos da nossa arte colonial.

O livro de Anibal Matos, quer na parte que trata da arte indígena, quer na que diz respeito à arte colonial, é de pura e clara exposição histórica e, embora não se possa dizer, especialmente na segunda parte, que seja uma história completa de tôda a atividade artística dos períodos estudados, o subsídio da sua documentação presta aos estudiosos do assunto serviços inestimáveis.

Pena que o autor se tenha limitado a uma exposição simplesmente documental e descritiva e, em alguns casos, como a respeito de arte marajoara, tenha feito apenas trabalho de compilação do que outros autores já escreveram. Em todo caso, não deixou de fazer obra brilhante de divulgação, mas seria de desejar que ao lado da exposição histórica e descritiva houvesse também a contribuïção do espírito crítico, para que soubéssemos alguma coisa de mais profundo sôbre a "vontade de forma" e o sentido da arte brasileira no período colonial e, mesmo, no ciclo marajoara. A simples descrição dos caracteres estilísticos e as notas cronológicas ou biográficas não bastam para se formar uma concepção mais nítida e mais aprofundada da arte brasileira nos ciclos estudados pelo ilustre intelectual mineiro.

Em se tratando de arte colonial, é inegável que o estilo jesuítico das nossas igrejas, especialmente aquelas que receberam a marca do gênio exuberante do Aleijadinho, sofreu influências do ambiente novo e das personalidades artísticas que aquí se formaram. E seria interessante fazer um estudo crítico do nosso barroco, para sentir-lhe melhor a sua integração nos ambientes brasileiros em que surgiu, obra de artistas vindos de além-mar ou de artistas que aquí se formaram e que, embora dentro de um estilo importado de outras terras, já tinham a sua própria maneira de sentir a magia da forma. O barroco da Baía e do Recife é, acaso, o mesmo barroco de Minas Gerais ou do Rio de Janeiro?

Há, inegàvelmente, diferenças de interpretação estilística, traços pessoais e até certa fisionomia regional que seria interessante aprofundar com uma análise crítica mais aguda da que têm feito até hoje os que, como o sr. Anibal Matos, têm tratado de arte brasileira no período de construção dos nossos grandes monumentos religiosos.

A falta de um trabalho de interpretação crítica dos nossos monumentos artísticos não tira o valor que a obra de Anibal Matos, incontestàvelmente, possue. Não são, pois senões que apontamos em seu interessante livro; lamentamos apenas que tão belo assunto não tenha sido estudado também sob outro aspecto.

Ângelo Guido.

*
* *

EL IDIOMA KATÍO (ENSAIO GRAMATICAL) **por Fr. Pablo del Santissimo Sacramento** — Medellín — Colombia — 1936. (Enviado pelo dr. R. X. Alvarez y V.).

Denominando modestamente seu trabalho de "Ensaio gramatical", Frei Pablo del Santissimo Sacramento, missionário carmelita da região de Urabá, na Colômbia, divulga um interessante material lingüístico sôbre o idioma dos índios Katios, entre os quais o estudioso sacerdote desenvolve a sua piedosa missão religiosa.

A pequena obra que Frei Pablo publica sôbre "El idioma Katío" bem revela a meticulosidade e o trabalho de investigação honesta que o culto missonário carmelita realizou entre aqueles grupos indígenas da Colômbia que hoje andam dispersos, quase inacessíveis, nos recessos selvagens das montanhas de Urabá, na província de Antióquia.

Grupo indígena pouco estudado, que possuiu, talvez, como se pode deduzir de certas características de seu idioma, uma cultura interessante, o dos índios Katíos encontrou, afinal, no autor do brilhante ensaio gramatical de que nos ocupamos, alguém que lhe vem estudando os costumes, a organização

social, a cultura material e seu meio de expressão, que é o idioma. E essa língua, que pertence ao grupo dos idiomas aglutinantes, já se revela um organismo lingüístico plenamente formado e com suas formas e sua vida perfeitamente articuladas.

Embora o trabalho de Frei Pablo del Santissimo Sacramento não seja completo, como o próprio autor adverte, é, não obstante, uma valiosa contribuïção trazida ao conjunto de elementos que a lingüística americanista já possue para o estudos dos idiomas esparsos pelas diversas zonas etnológicas da Colômbia.

Os estudiosos da cultura ameríndia não podem deixar de ser gratos ao autor de "El idioma Katío" pelo novo material lingüístico que recolheu e que já é um elemento precioso para o conhecimento de um grupo indígena que ainda não foi estudado com o interêsse e o carinho com que Frei Pablo o está fazendo.

É de se esperar que ao brilhante trabalho lingüístico que acaba de editar, revelador de um espírito agudo de pesquisa, acrescente outros que nos permitam um mais amplo conhecimento da cultura material e espiritual dêsses índios das selvas e montanhas de Urabá.

Ângelo Guido.

*
* *

LA EMANCIPACION POLITICA ORIENTAL, por **Setembrino E. Pereda.** — Montevidéu, Imprenta "El Siglo Ilustrado". 1938.

Muito se estuda, na vizinha e amiga República Oriental do Uruguai a questão da interferência e a da ação brasileira nas questões do Prata, Uruguai e Argentina.

Entretanto, infelizmente, essas questões são, ainda, mal vistas e no geral os que as estudam, mais do que em documentos fidedignos se apoiam em cronistas apaixonados da

época, resultando, dêsses estudos, por êsses motivos, uma série de mal-entendidos e outra série, maior ainda, de erros históricos que se vão perpetuando e, o que é pior, no geral em detrimento do Brasil.

Não queremos, com isso, dizer que os atuais e eruditos historiadores uruguaios estejam agindo de má fé. Absolutamente não. Mas queremos fazer notar que sofrem, ainda, do mal de origem: os estudos precipitados, feitos ainda nos bancos acadêmicos, de histórias mal contadas das quais podemos mencionar, como típica, a grande "História Pátria", de H. D., usada ainda hoje nas escolas superiores do Uruguai, que é parcialíssima.

O sr. dr. Setembrino E. Pereda, nosso ilustre e prezado confrade e sócio correspondente, sem dúvida uma das grandes glórias intelectuais do Uruguai, amigo nosso que se tem mostrado ser, não escapa, de um todo ao que acima dissemos.

Sua obra, excelente, sofre, contudo, de certa parcialidade nesses assuntos do Brasil no Prata.

Não cabem, nestas linhas, maiores comentários à obra cujo título encima estas linhas: LA EMANCIPACION POLITICA ORIENTAL, composta de três confereências: "El verdadero alcance de las Actas del 25 de Agosto de 1825", "La revolucion de 1825, la declaratoria de la Florida y la verdad historica", e "La Convención Preliminar da Paz del 27 de Agosto de 1828 y la verdadera fecha de la Independencia Nacional".

Não resta a menor dúvida que esta obra do sr. Pereda é altamente meritória e digna de nota como, aliás, tudo quanto sai da pena brilhante de nosso prezado consócio. Lamentamos, apenas, a repetição de erros já mais de uma vez pulverizados e divulgados, alguns dêles, por historiadores brasileiros. — **V. Sp.**

•
• •

LA JUVENTUD DE SANTANDER, por **Luis Augusto Cuervo.** — Editorial Selecta. — (Confereicia leida en sessión pública de la Academia Colombiana de Historia, el dia 10 de agosto de 1936).

Bela confereência esta que em boa hora a Academia Colombiana de História, de Bogotá, confiou ao sr. Luis Augusto Cuervo, um dos grandes estudiosos da República amiga da costa do Pacífico.

Santander é um dos expoentes da política colombiana, vulto dos maiores e mais dignos de nota, alma grande e coração benigno.

O sr. Luis Augusto Cuervo traça-lhe o perfil de moço, através de cerrada documentação e expõe, a público, um traço particular do grande político: um "estranho idílio de dois corações que não se conheceram e talvez nunca se amaram".

É um belo trabalho digno de nota, que põe em evidência a cultura e a escrupulosidade do ex-presidente da Academia Colmobiana de História. — **V. Sp.**

*
* *

BAJA CALIFORNIA (La Peninsula del Noroeste) — Reseña Historico-Geografica, por **Carlos Meza Leon.** — D. A. P. P. México, 1937.

Trata-se de um folheto com pouco mais de 30 páginas, em que o sr. Carlos Meza Leon estuda, com riqueza de informes e linguagem concisa, especialmente a geografia da Baixa Califórnia, iniciando seu estudo por um panorama geral sumamente interessante. A seguir estuda a península do noroeste através da fisiografia, examina suas riquezas naturais, e volta a tratar de sua história e os trabalhos missioneiros. Passa, depois, em revista os problemas da Baixa Califórnia,

as vias de comunicação, a formação etnica e processo demográfico, concluindo com magnífico estudo sôbre a transcendência do plano presidencial.

É trabalho que se lê com prazer e proveito. — **V. Sp.**

* * *

BOLETIN DEL ARCHIVO GENERAL DE LA NACION, — Año 1 — n.° 1, — vol. I, — Ciudad Trujillo, 1938, Rep. de S. Domingos.

Dia a dia vão os dirigentes de povos e nações conhecendo a necessidade da propaganda histórica e conservação de Museus e Arquivos. Êste, da República Dominicana, por exemplo, que esteve em completo abandono durante vários séculos, acaba, agora, de ser organizado graças à iniciativa patriótica de seu novo presidente e de seu Secretário do Interior, Agustin Aristy, cooperados, eficàzmente, pelo entusiasmo do subsecretário Lic. Gilberto Sanchez Lustrino, ao qual foi confiada a direção do Boletin, cujo n.° 1 acaba de sair à luz, magnìficamente impresso e repleto de informações preciosas e valiosíssima documentação para a história daquele povo.

Traz, êsse Boletin, os decretos que criaram a nova repartição de Estado — o Arquivo Geral da Nação, — e o projeto do novo e imponente edifício do Museu, Arquivo e Biblioteca da República.

Bem hajam os homens de cultura que compreendem o grande alcance de tais obras e, não medindo sacrifícios, as executam glorificando seu povo e enaltecendo sua terra. — **V. Sp.**

* * *

TRÓPICO, — Año I — Num. 1, — Quito, Abril — 1938.

Eis uma revista mensal de arte, literatura e história, modernìssima, cheia de variada e ótima leitura e reproduções de magníficos quadros de artistas equatorianos, além de documentação valiosa para a história do país.

Mas, não está sòmente nisso o valor dessa Revista de Quito: é que ela é, também, "órgão oficial do Museu Único e do Arquivo Nacional de História", do Equador, e tem como redatores: Demétrio Aguilera Malta, Diretor do Museu Único; Jorge A. Diez, diretor do Arquivo Nacional de História; Nicolas Delgado E., diretor da Escola de Belas Artes; Raul Andrade M., chefe de publicidade do Ministério de P. S., e Juan Pablo Muñoz, prof. do conservatório Nacional de Música.

Eis uma seleção de talentos na direção de uma revista mensal que o govêrno manda editar e distribuir para mostrar ao mundo a vitalidade intelectual do povo equatoriano.

Compõe o presente número 32 páginas, formato 44 × 31,5, das quais 8 ùnicamente com reproduções de quadros e obras de arte de modernos artistas do Equador. Crítica literária, comentários, contos, poesias, estudos históricos, música, sociologia, etnografia, etc., completam as restantes 24 páginas de TRÓPICO, cuja capa reproduz, também, artístico "linoleum" de L. Tejada.

Deve-se notar ainda que faz parte da redação dessa revista o eminente paleógrafo equatoriano, dr. Rafael E. Silva que inicia neste primeiro número, a publicação interpretada e comentada do "Libro de los acuerdos de la Real Hacienda de Su Majestad Año de 1557". — **V. Sp.**

* * *

TERCEIRO CENTENARIO DE UBATUBA, Memorial descritivo das festas comemorativas realizadas nos dias 28, 29 e 30 do mês de outubro de 1937. — Edição do "Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo, 1938.

Neste volume de perto de cem páginas, figuram todos os atos oficiais, promovidos pelo Instituto Histórico de S. Paulo, de grande benemerência, para a comemoração do terceiro centenário da fundação da cidade de Ubatuba.

Volume nìtidamente impresso, reproduzindo fotografias das festas, dos marcos levantados em comemoração ao feito, da medalha que o Instituto de São Paulo mandou cunhar, medalha primorosa da qual, gentilmente nos foi enviado um exemplar, em bronze, e algumas vistas da tradicional cidade paulistana.

Para estas festas comemorativas, grande foi o entusiasmo, concorrendo a elas tôda a sociedade culta da paulicéia e mais a mocidade entusiasta das academias e escolas superiores.

Ubatuba, a gloriosa, "atalaia praiana colonial", "berço da paz de Iperoig", "grande pôrto cafeeiro oitocentista", teve, com as comemorações de seu tricentenário a sua exaltação merecida, graças ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, atalaia da empolgante história da terra bandeirante. — **V. Sp.**

*
* *

REVISTA DO CÍRCULO DE ESTUDOS "BANDEIRANTES", — Tomo I — n.° 5. Abril de 1938, Curitiba, Estado do Paraná.

Eis uma revista devéras interessante, com valiosos trabalhos e estudos históricos, merecendo especial menção o que, em continuação vem publicando o sr. Francisco Negrão, infelizmente falecido, em setembro do ano passado. Francisco Negrão, a quem a Revista citada presta significativa homenagem, foi um dos pioneiros dos estudos históricos e genealógicos do Paraná, tendo deixado uma obra grande e valiosa.

Agradecendo a visita, esperamos continuar recebendo-a, bem como os anteriores números, prometendo continuar a remessa desta nossa publicação. — **V. Sp.**

*
* *

"ARGILAS FOSSILÍFERAS DO PLIOCÊNIO DO TERRITÓRIO DO ACRE" pela sra. dra. **Carlota Joaquina Maury** — Boletim n.° 77 do S. G. M. do Ministério da Agricultura — Rio de Janeiro — 1937.

A presente publicação resume o estudo realizado pela sra. dra. Carlota Joaquina Maury, relativo a uma coleção de conchas fósseis e fôlhas fósseis, descobertas no vale do rio Juruá e nos seus tributários.

O material para classificação foi recolhido pelos geólogos srs. Pedro Moura, em 1935 e, Alberto Wanderley, em 1936, na região explorada na parte superior do vale e tributários das cabeceiras do rio Juruá, principalmente nas cabeceiras do rio Purús e do rio Aquirí.

A autora presta homenagem aos exploradores anteriores, como William Chandless, que forneceu, em 1867, material para estudo ao sábio Luiz Agassiz. Faz referências aos trabalhos dos srs. Derby, Euzébio de Oliveira e Gurich, todos concordantes em reconhecer uma formação marinha do cretáceo superior no Acre, cujo horizonte mais moderno foi encontrado na área das cabeceiras do Purús. — **T. C.**

* * *

"INTRODUÇÃO AO ESTUDO DOS RÉPTEIS FÓSSEIS DO BRASIL" — 1 volume — por **Matias Gonsalves de Oliveira Roxo** — Boletim n.° 89 do S. G. M. do Departamento Nacional de Produção Mineral — Rio de Janeiro, 1937.

A obra construtora dos técnicos do Serviço Geológico e Mineralógico acaba de ver enriquecida com a publicação da "Introdução ao estudo dos répteis fósseis do Brasil", da autoria do ilustrado profissional Matias Gonsalves de Oliveira Roxo, há alguns anos estudioso dos problemas de geologia.

A obra, em apreço, constitue o Boletim n.º 89, da série publicada pelo D. N. P. M., formando um volume de mais de setenta páginas, magnìficamente ilustradas, prestando inestimável auxílio aos estudiosos brasileiros, orientando-os na anatomia dos vertebrados fósseis.

O autor, que demonstra ser conciencioso e estar ao par dos conhecimentos modernos das pesquisas científicas, indica a parte geral da anatomia dos vertebrados fósseis, como preparatória para estudos posteriores relativos à descrição de formas paleontológicas brasileiras. — **T. C.**

*
* *

CONFERÊNCIAS — DISCURSOS — COMUNICAÇÕES, por **Manuel Cícero** — Tipog. do Jornal do Comércio — Rodrigues & Cia. — Rio, **1938**.

Brilhante homem de letras e historiador dos mais eruditos, Manuel Cícero Peregrino da Silva acaba de reünir, num alentado volume, grande parte dos seus trabalhos esparsos. As conferências que o autor tem proferido, e agora reavivadas em volume, são legítimas fontes de história pura. Sua longa experiência de estudioso, sua inteligência contìnuamente exercitada e posta à prova em repetidos momentos, sua cultura de apaixonado ao ambiente continental resultou tornar-se o sr. Manuel Cícero um amoroso da história nacional em todos os seus mais singulares episódios. A nossa história de há muito que está sendo escrita com brilhante senso estético por nomes que honram um ciclo inconfundível. Mas há sempre meandros pouco iluminados e o passado histórico de um povo não deve ser conhecido apenas dos historiadores. É indispensável a divulgação metódica para destacar a relevante importância psicológica que a tradição exerce no seio da grande massa que constitue o legítimo lastro vital das nacionalidades. Assim a literatura histórica e sempre educativa, tem um alto fim patriótico e civilizador, glorifica, corrige, enaltece e estabelece paradigmas de ordem moral e intelectual.

O sr. Manuel Cícero fêz obra meritória reünindo seus trabalhos que é uma retrospectividade do seu engenho e com a qual hão de aproveitar os estudiosos da nossa geração.

A edição é esplêndida, do "Jornal do Comércio". — **O. S.**

*
* *

ROTEIRO DO CAFÉ, por **Sérgio Milliet** — Estudos Paulistas — São Paulo, 1938.

O trabalho que o sr. Sérgio Milliet nos apresenta é uma "análise histórico-demográfica da expansão cafeeira no Estado de São Paulo" e por isso de suma importância aos estudiosos da nossa grande economia. O aspecto pelo qual é estudado o problema muito se recomenda pela segurança da análise e forma expositiva. O autor não se contenta em explanar o assunto pelo método escrito e apresenta gráficos, tabelas, mapas estatísticos. Compara e critica a orientação da riqueza imensa, do "ouro verde" que tantos interêsses veio conflagrar.

O Roteiro do Café é estudo acurado e, simultâneamente, síntese preciosa, receptáculo de observações onde os estudiosos encontrarão sempre elementos de observação e de orientação segura. Tôdas as matérias que regulam uma época econômica, são materiais preciosos. Hoje em todo o mundo há a preocupação da policultura exatamente para estabelecer o ritmo da riqueza econômica quando as crises põem em cheque e limitam a expansão de um só produto. A própria economia dirigida sente-se fraca, vacilatória diante dos fenômenos que perturbam o desenvolvimento normal da riqueza.

Consideramos "O Roteiro do Café" de Sérgio Milliet uma ótima contribuïção ao desenvolvimento e aperfeiçoamento da política cafeeira em terras do Brasil. — **O. S.**

*
* *

OS BRASILEIDAS, por Carlos Alberto Nunes — Alvino Pocai — Editor — S. Paulo, 1938.

Os Brasileidas é um magnífico poema que canta, em ritmos exaltados, a grande América Brasileira. São 9 cantos tropicais, pletóricos da natureza brasílica que o poeta denominou respectivamente: As Amazonas. Início das Lendas. A Atlântica. — A Pororoca. Os Lusonautas. O gigante-de-Pedra — Guararapes — Palmares. Paulo-Afonso — As Bandeiras. Proteu-Obatala — Os caiporas. Os Muiraquitãs. Terras-Caídas.

Pela contestura de seus cantos transparece logo a essência das obras épicas em decassílabos vibrantes. A forma do verso branco em nada prejudica a altitude do estro, do vocabulário vivo, do sentido poético, sonoro de verbalismo vigoroso.

De há muito que o sentimento de brasilidade policromiza as obras de arte que os nossos homens de pensamento têm dado a público. Já na época romântica, os precursores da alta poesia americana revelaram o imenso tesouro do Novo Mundo que se conservava adormecido e virgem às tentativas dos cantores audazes que se aprimoravam na interpretação do clima ciclópico. Hoje, sendo o panaroma imenso, sempre novo, a idéia dos estetas continua a se aprofundar no largo cenário americano.

Os "Brasileidas" é clara evidência de que o amor à terra em nossos dias continua vivo, reminiscentista de um ciclo épico e dêle surgem harmonias altas de vibração artística. Carlos Alberto Nunes é poeta de fortes recursos, conhecedor da nossa mitologia indígena, hábil no enriquecimento da frase, exuberante de sentimentos nacionais e, mais que tudo, intransigente na forma vocabular. Todo o colorido que imprime nas suas imagens nativistas são vigorosos e acabados.

A edição é esmerada e luxuosa. — **O. S.**

*

* *

ORVALHO DO CÉU, por **Barcelos Pena** — Liv. do Globo — Pôrto Alegre, 1938.

Um livro de versos interessantes e às vezes ingênuos é o que acaba de publicar o sr. Barcelos Pena. Poeta novo e de sensibilidade também juvenil. Tôda sua poesia está amadurecendo o que não impede que se diga ser o sr. Barcelos Pena um poeta, um versejador que já é mais que uma promessa. Seus ligeiros defeitos são de ordem sentimental apenas. Em todos os poemas há idéia, poesia e habilidade expontânea no versejar. Os sonetos são bem trabalhados e podemos destacar algumas poesias perfeitamente elaboradas e algumas até engenhosas no seu complexo vocabular e rimário harmonioso: "Três Penas", "O Sorriso da Lágrima", "A Lágrima do Sorriso", "Beijos", são interessantes e satisfazem pelo estro e espontaneidade. Há forma e beleza discreta.

Barcelos Pena antes de místico ou lírico será um poeta de grande merecimento. — **O. S.**

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

— **LANTERNA VERDE** — Boletim da Sociedade Filipe D'Oliveira. — N.°6, abril 1938 — Rio de Janeiro. — Como sempre, magnífico e com escolhida colaboração.

— **REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SÃO PAULO.** — Diretor: Paulo Duarte. — Volume XXXIII — 1937. Edição do I. H. G. S. Paulo.

— **ARCHIVUM HISTORICUM SOCIETATIS IESU,** Periodicum semestre ab Instituto Histórico S. I. in Urbe Editum. — Romae (113) Borgo S. Spirito, 5. — Anno VII Fasc. I — Ian-Iun. — 1938.

— **BOLETIN DEL ARCHIVO GENERAL DEL GOBIERNO** — Tomo III, número 4, Guatemala, C. A., Julio de 1938 (Publicacion trimestral) — Diretor: prof. J. Joaquim Pardo.

— **IDEARIUM** — dirige Eduardo Martinez Esponda; redacta: Sergio Elias Ortiz. — Revista mensual. Organo de la Escuela Normal de Occidente. — Año I. — Pasto (Colômbia), mayo y junio de 1938. — Ns. 11 e 12.

— **UNIVERSIDAD CATOLICA BOLIVARIANA** — publicación bimestral. Diretor: Pbro. dr. Manuel José Sierra — rector. — Abril-Mayo de 1938 — Vol. II — n.° 5. — Medellín — Colômbia. — Traz matéria magnífica.

— **BOLETIN DE HISTORIA Y ANTIGÜEDADES.** — Organo de la Academia Colombiana de Historia. — Director: Luis Augusto Cuervo; Redactores: Guillermo Hernandez de Alba, Moises de la Rosa. — Vol. XXV. — Colômbia, Bogotá, abril de 1938 — n.° 282.

— **BOLETIN DEL INSTITUTO DE CULTURA LATINO-AMERICANA** — Bimestral — Diretor: Artura Giménez Pastor — Año II — Buenos Aires, mayo-junio de 1938 — n.° 9.

— **REVISTA DEL C. I. R.** — Año 5, N.° 11 — abril 15 de 1938 — Santiago de las Vegas.

— **GEOGRAPHICAL REVIEW** published by "The American Geographical Society of New York, July 1938 — Traz êste número três interessantes estudos sôbre o Brasil: "The Chaning Patterns of Population in São Paulo State, Brazil", por Preston E. James; "The Drought Region of Northeastern Brazil", por Friedrich W. Freise, e "The origin and Growth of the Brazilian Network of Towns", de Pierre Deffontaines.

— **IBERO-AMERIKANISCHES ARCHIV** — Herausgeber: "Ibero-Amerikanisches Institut Berlin", Jahrgang XII — April 1938 — Heft 1 — Director: Prof. dr. Otto Quelle, Berlin C 2 — Breite Strasse 37.

— **IBERO - AMERIKANISCHE RUNDSCHAU** — 4. Jahrgang, ns. 1 (Maerz), 2 (April), 3 (Mai), 4 (Juni) 1938. — Hamburg 1, Alsterdamm 15. — O n.° 4 traz várias notícias sôbre o Brasil, destacando-se o artigo firmado por A. S. — Betrachtungen zu Aussenhandel und Handelspolitik.

ÍNDICE

JOÃO DA SILVA TAVARES, VISCONDE DE CÊRRO ALEGRE — *Prof. Walter Spalding* 3

A REPÚBLICA RIO-GRANDENSE — *Dr. Castilhos de Goycochêa* 49

O DECÊNIO FARROUPILHA EM SÃO GABRIEL — *Celso Schröder* 55

O MINUANO NA TOPONÍMIA RIOGRANDENSE — *Aurélio Pôrto*.. 103

A PALEONTOLOGIA DO BRASIL — *Carlos de Paula Costa* 113

NOTAS E APONTAMENTOS SOBRE A CANA DE AÇÚCAR — *M. E. Fernandes Bastos* 143

NÓTULAS BIBLIOGRÁFICAS 149

88183

GEOGRAFIA:

Prof. Afonso Guerreiro Lima.
Dr. João Maia.
Tenente Dioclecio de Paranhos Antunes.
Dr. Alcides Maia.

ARQUEOLOGIA, ETNOGRAFIA E PALEONTOLOGIA:

Prof. Jaci A. L. Tupi Caldas.
Dr. Mario Teixeira de Carvalho.
Prof. Jorge Bahlis.
Dr. Armando Dias de Azevedo.

FOLCLORE E LINGUA DOS INDIGENAS:

Cel. Manoel de Faria Correia.
Prof. Walter Spalding.
Dr. Dante de Laytano.
Manoelito d'Ornelas.

ESTATUTOS E COMISSÃO DA REVISTA:

Dr. Adroaldo Mesquita da Costa.
Cel. E. F. de Souza Doca.
Prof. Othelo Rosa.
Dr. Eduardo Duarte.

ADMISSÃO DE SÓCIOS:

Dr. Armando Dias de Azevedo.
Prof. Afonso Guerreiro Lima.
Cel. Gaston Hasslocher Mazeron.
Dr. Eduardo Duarte.

Condições de assinatura da Revista:

Por ano	15$000 rs.
Por fascículo trimestral	4$000 rs.

Fascículos atrasados, preço da tabela existente na secretaria

Para assuntos da Revista dirigir-se diretamente ao Dr. Eduardo Duarte, à rua Duque de Caxias n.º 1231. Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.